

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Centro de Filosofia e Ciências Humanas  
Instituto de Psicologia  
Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica

Fernanda Garagorry Martinez Landeira

**TRAVESSIAS DO HUMOR: MANIA E MELANCOLIA**

Rio de Janeiro

Março de 2020

Fernanda Garagorry Martinez Landeira

## **TRAVESSIAS DO HUMOR: MANIA E MELANCOLIA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Teoria Psicanalítica.

Orientador: Prof. Dr. Julio Verztman

Rio de Janeiro

Março de 2020



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L254 Landeira, Fernanda Garagorry Martinez.  
Travessias do humor: mania e melancolia / Fernanda Garagorry  
Martinez Landeira. 2020.  
121 f.  
  
Orientadora: Julio Verztman.  
  
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro,  
Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Teoria  
Psicanalítica, 2020.

1. Psicanálise. 2. Melancolia. 3. Trauma psíquico. 4. Tristeza.  
I. Verztman, Júlio Sérgio. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro.  
Instituto de Psicologia.

CDD: 150.195

Elaborada por: Adriana Almeida Campos CRB-7/4081

## TRAVESSIAS DO HUMOR: MANIA E MELANCOLIA

Fernanda Garagorry Martinez Landeira

Orientador: Prof. Dr. Julio Verztman

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Teoria Psicanalítica.

Aprovada por:

---

Prof. Dr. Julio Verztman, UFRJ (orientador)

---

Dra. Ana Bárbara Andrade de Toledo Andrade, PUC-Rio

---

Profa. Dra. Fernanda Pacheco-Ferreira, UFRJ

---

Profa. Dra. Nuria Malajovich Muñoz, IPUB/UFRJ

Rio de Janeiro

Março de 2020

*À minha mãe. Queria muito que você não tivesse ido tão cedo. Quando lembro que os filhos que ainda não tive, não vão te conhecer, sinto-me desarvorada. Meu estômago cria pernas, parece sair correndo, e meu chão vira um pedaço de precipício. Mas, de alguma forma, a falta que você faz é remediada pelo amor tão descomedido que você me deu. Se eu acreditasse em outras coisas... diria que você já sabia que iria partir antes das outras mães e planejou me deixar toda quantia necessária de amor que eu preciso para viver.*

## **Agradecimentos**

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer ao meu orientador Julio Verztman, sobretudo pelas orientações ao longo desses dois anos, e pela sua notável capacidade de tornar um tema denso e espinhoso, como o da mania, palpável ao meu entendimento com um senso de humor ímpar. A capacidade de transmissão da psicanálise é, ao meu ver, uma generosidade nem sempre encontrada no nosso meio.

Ao CNPQ, pelo financiamento através da bolsa.

Ao NEPECC, por tantas discussões frutíferas e enriquecedoras para a minha profissão. O orgulho que sinto em fazer parte de uma pesquisa como essa, não poderia ser descrito aqui. Expresso, contudo, o meu agradecimento diante do que considero ser a minha maior fonte de aprendizado nesses últimos dois anos. Em especial Regina Herzog pelas valiosas contribuições.

À Teresa Pinheiro, por me ensinar tanto sobre o meu tema em seus textos, aulas e supervisões.

À Nuria Malajovich, pelo olhar sensível ao captar no meu texto aquilo que nem eu mesma sabia definir e tornar tangível como um norte.

À Fernanda Pacheco, pelas frutíferas contribuições teóricas ao longo do exame de qualificação. Elas foram essenciais para a construção dessa dissertação.

Aos meus colegas de mestrado, são tantos que pude fazer nessa bela jornada. Como é bom dividir com vocês as angústias e as risadas tão importantes para tornar esse processo tão árduo um pouco mais leve.

Ao Carlos Eduardo e por me ajudar a acreditar que esse percurso era possível.

Ao André Avelar, por todo acolhimento, inspiração e ajuda em um início onde eu pouco sabia sobre o mundo acadêmico

À Fabiola Weykamp, pela sutileza do seu trabalho e pelo cuidado de fazer uma revisão tão minuciosa. Obrigada pela força ao longo desse percurso, essencial para acreditar na própria escrita.

À Ninfa Parreiras, por ter me despertado um gosto antigo de infância: a escrita, o papel e a invenção. Obrigada pela sua imensa generosidade.

Ao Thadeu, por compreender as minhas ausências e estar presente ao longo desses últimos dois anos. Por todo amor, carinho e, sobretudo, pelos passeios com os nossos cachorros nesses últimos meses. Obrigada por estar lá quando eu mais precisava, inclusive quando eu não podia estar.

Aos meus dois vira-latas, que transformaram em idílio todas as pequenas oportunidades que se apresentavam enquanto um pequeno desespero. Por vocês eu espero desde os sete anos de idade.

À Ana, que me ajudou a dar meus primeiros passos acadêmicos e por me ensinar sempre os pequenos detalhes. Eles importam muito. Obrigada pela sempre amizade!

À minha irmã Cristina pelo carinho e cuidado ao longo desse processo e por entender a minha ausência.

À Bianca Dantas, pela escuta sensível.

Quem me conhece sabe que considero a amizade o que há de mais bonito e mais importante na vida. Aos meus amigos, são muitos e me importam por demais: à Luiza, pelo seu senso de humor, pelas risadas trocadas; você é capaz de iluminar um ambiente. À Tati e sua sabedoria, obrigada por me ensinar tanto sobre a vida. À Mariana que me apresentou a Bahia, foi o presente mais bonito que já ganhei. À Thais que está sempre lá e isso, por si só, já diz muita coisa. À Rafael pelas trocas constantes, dentre tantos outros.

LANDEIRA, Fernanda Garagorry Martinez. *Travessias do humor: mania e a melancolia*. Rio de Janeiro 2020. Dissertação (Mestrado em Teoria Psicanalítica) — Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

## Resumo

Esta dissertação visa analisar e discutir criticamente a conjuntura da mania em contraponto a da melancolia, com base em uma leitura psicanalítica. Assim, seu objetivo é o de explorar o fenômeno da mania e alguns de seus possíveis desdobramentos, entre eles a dialética com o quadro melancólico, a interrogação suspensa sobre a passagem de um quadro a outro, a sua sintomatologia e etiologia conforme o ponto de vista de diferentes autores e, por último, a ideia de um traumatismo narcísico, o qual não cessaria em apresentar-se. Num primeiro momento, o trabalho volta-se para a sintomatologia maníaca, com objetivo de apresentar as diversas facetas alcançadas pelo quadro maníaco, desde as suas nuances mais sutis — onde se conhece a sensação de júbilo e contentamento — até aquelas marcadas por uma intensa gravidade pela manifestação da irritabilidade. O contraponto melancólico estará sempre enquanto um pano de fundo. O segundo capítulo propõe-se a fazer um retorno a Freud, apresentando as hipóteses levantadas por este último acerca da melancolia e da mania. No terceiro e último capítulo serão apresentadas outras apostas teórico-clínicas para auxiliar-nos a construir a hipótese de um traumatismo primário como baluarte dos quadros melancólicos e maníacos.

**Palavras-chave:** Mania. Melancolia. Trauma. Psicanálise.

LANDEIRA, Fernanda Garagorry Martinez. *Humor crossings: mania and melancholia*. Rio de Janeiro, 2020. Dissertação (Mestrado em Teoria Psicanalítica) – Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro 2020

### **Abstract**

This dissertation aims to analyze and critically discuss the case of mania in contrast to melancholy, based on a psychoanalytic review. Thus, its goal is to explore the phenomenon of mania and some of its possible developments, such as the dialectic with melancholia; the halted queries on the shift from one state to the other; its symptomatology and etiology according to different authors' point of view; and, finally, the idea of a narcissistic trauma, which would not cease to present itself. Initially, the paper focuses on manic symptomatology, aiming to present the various facets reached by the manic condition, from its most subtle nuances – in which one experience the feeling of joy and contentment – to those marked by an intense severity with the manifestation of irritability. There will always be the melancholic counterpoint as a background. The second chapter proposes a return to Freud, presenting the hypotheses raised by the latter about melancholy and mania. In the third and last chapter, other theoretical-clinical findings will be set to assist us to build the hypothesis of a primary trauma as a bulwark of the melancholic and manic conditions.

**Keywords:** Mania. Melancholia. Trauma. Psychoanalysis.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>1. O ECLIPSE MANÍACO E SEUS SINTOMAS.....</b>	<b>17</b>
1.1 A EXALTAÇÃO MANÍACA.....	18
1.2 O DISCURSO MANÍACO E A FUGA DE IDEIAS.....	22
1.3 UM RELÓGIO QUEBRADO E A FALSA PROMESSA DE UTOPIA.....	28
1.4 A CÓLERA.....	34
1.5 A VORACIDADE MANÍACA.....	37
1.6 A MANIA PURA.....	40
<b>2. UMA LEITURA FREUDIANA: MELANCOLIA E MANIA.....</b>	<b>41</b>
2.1 OS RASCUNHOS FREUDIANOS E O VÓRTICE MELANCÓLICO.....	43
2.2 A FALTA A SER E A ODE AO OBJETO.....	47
2.3 POR QUE O SUPEREGO É MORTÍFERO NA MELANCOLIA?.....	54
2.4 DO TRIUNFO DO OBJETO À SATURNÁLIA DE SI.....	59
<b>3. OUTRAS CONTRIBUIÇÕES TEÓRICO CLÍNICAS ACERCA DA MANIA E DA MELANCOLIA.....</b>	<b>64</b>
3.1.KARL ABRAHAM E SUAS CONTRIBUIÇÕES.....	65
<b>3.1.1 O reflexo maníaco: uma esperança utópica.....</b>	<b>65</b>
<b>3.1.2 A regressão da libido.....</b>	<b>70</b>
<b>3.1.3 Um trauma original.....</b>	<b>76</b>
3.2 O FRACASSO DA INTROJEÇÃO E A RELAÇÃO COM O OBJETO.....	79
3.3 O DESENVOLVIMENTO INICIAL E A IDEIA DE OBJETO PERFEITO.....	83
3.4 O SENTIMENTO DE ONIPOTÊNCIA E A DEFESA MANÍACA.....	89
3.5 OLHAR NENHUM.....	91
3.6 DESOBJETALIZAR-SE: UM GRITO DE RENÚNCIA.....	95
3.7 LUTO E A MANIA: APROXIMAÇÕES E DIFERENÇAS.....	99
3.8 RELAÇÕES ENTRE HUMOR E TRAUMA.....	105

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>112</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>119</b>

## INTRODUÇÃO

A presente dissertação recebe o seu impulso inicial a partir das reuniões do grupo de pesquisa do qual faço parte — NEPECC/UFRJ (Núcleo de Estudos em Psicanálise e Clínica da Contemporaneidade), o qual visa desenvolver projetos de pesquisa que articulem teoria e prática clínica, e tem como objetivo de uma futura pesquisa a temática da mania em suas distintas e possíveis manifestações. O quadro maníaco, em seus diversos estados, é amplamente tematizado pela Psiquiatria. O mesmo não pode ser dito em relação à Psicanálise, restando frequentemente ao tema da mania o ínfimo lugar de anexo da melancolia. Sob esse ponto de reflexão, o grupo de pesquisa tem como fundamento a hipótese pela qual a mania engloba uma gama heterogênea de estados que talvez não se restrinja apenas à lógica melancólica.

Na tentativa de seguir um dos caminhos possíveis sob essa perspectiva, a particularidade maníaca da qual este estudo pretende se aprofundar é, no entanto, a que se contrapõe especificamente aos quadros melancólicos. Para tanto, o ponto de condensação deste trabalho pretende abordar o aspecto de interseção entre ambos os quadros.

Esse duplo sintagma melancolia-mania ao qual iremos nos debruçar, possui desde os primórdios uma definição conceitual oscilante, permeando diferentes estudos, abordagens e nosografias. Com o impacto neurobiológico do pensamento contemporâneo, a síndrome cíclica, atualmente denominada pela psiquiatria como *transtorno bipolar*, torna-se muitas vezes um quadro limitado apenas ao momento maníaco e a espera do regulador de humor, sem ser questionado em sua devida profundidade. Não obstante, está a dialética subjetiva envolvida em ambos os estados — melancólico e maníaco — e a forma como se aproximam ou se apartam.

Conforme destaca Assoun (2010), a psiquiatria contemporânea acaba segmentando toda uma gama heterogênea de estados em dois supostos polos de humor. Herança de toda uma denominação humoral maçante que exerce o seu domínio no pensamento contemporâneo, o quadro maníaco ou melancólico, nomeado pela vulgata psiquiátrica de *bipolar*, é por vezes limitado à ideia neurobiológica de um polo, ou seja, encontraria sua resposta em um ziguezague dos humores.

Freud (1917) já havia alertado uma vez que a própria melancolia apresenta-se em variadas formas clínicas, não podendo ser agrupada em apenas uma unidade. Nesse sentido, se por um lado a melancolia, em seu escopo teórico, muito já foi estudada pela psicanálise, por outro, o mesmo já não se pode dizer da mania. Esta, por sua vez permanece ainda em busca de um quadro de maior abrangência dentro da teoria psicanalítica. E não aquém, está a questão do modo pelo qual se efetua a transição de um quadro melancólico para outro maníaco, de um estado depressivo para um estado de “triunfo do eu”, expressão usada por Freud (1921).

Vejamos, segundo o pressuposto freudiano (1921), a mania representa um triunfo sobre o objeto, no qual, pelo viés da revolta, o árduo embate entre Ego e Ideal de Ego — posteriormente incluído como função do Superego — se dissolve, possibilitando uma confluência entre ambas as instâncias. Segundo Freud (1921), este momento de libertação e unificação do Ego com seu Ideal é o fator que possibilita o frenesi triunfante. A resposta freudiana ao tópico maníaco levanta ainda uma série de outras questões. Por exemplo, permanecemos ainda em busca de um conhecimento sobre o motivo desse triunfo. Por qual razão o maníaco poderia triunfar sobre o objeto? O jugo do superego teria se abrandado, permitido essa confluência entre as instâncias? Se na mania o sujeito teria triunfado sobre o objeto, qual seria o processo que possibilitaria ao ego essa suposta vitória?

Freud aponta a mania como triunfo sobre a perda do objeto, e casamento do Ego com seu Ideal. Em contraste, para Lacan (1973), o quadro maníaco não é marcado pelo triunfo, mas sim pela submissão ao objeto. Não há, segundo ele, libertação, e sim uma injunção de gozo ao sujeito pela captura do superego. Mesmo que partíssemos nesse trabalho — o qual não iremos fazer — de uma inspiração Lacaniana, poderíamos levantar a questão: se há submissão na mania, o que marca a diferença entre a submissão maníaca para a submissão melancólica?

Por um lado, encontra-se a presença de uma extensa literatura psicanalítica a respeito da melancolia e de suas respectivas manifestações caracterológicas. Em contrapartida, seu suposto quadro inverso, a mania, é reconhecidamente pouco estudado e debatido, permanecendo ainda em busca de maior abrangência e status analítico. Isso pode ser evidenciado tanto no que se refere às possíveis aproximações e às diferenças envolvidas entre os estados melancólicos e maníacos, no tocante às relações que se estabelecem com o objeto, quanto a sua sintomatologia e a espécie de operação subjetiva que atravessa ambas as afecções.

Seguindo essa linha de raciocínio, se nos debruçarmos um pouco mais sobre o tema da mania, veremos, existe também uma extensa gama de estados maníacos distintos entre si, não só nas nuances que os distinguem, mas na gravidade do rastro que deixam na vida do sujeito após sua passagem. Logo, questiona-se, por qual razão permanece a temática da mania tão negligenciada?

Como foi dito por Freud (1917), ambas as condições não teriam senão o mesmo conteúdo e estariam travando uma luta em torno do mesmo complexo: uma espécie obscura de perda e um luto impossível. Em consequência de ambas as afecções partirem de um mesmo complexo, o quadro maníaco poderia preceder a sua explicação com base no melancólico. Como efeito, esquece-se de vislumbrar o outro lado da história.

Diante desse cenário, os capítulos a seguir emergem com base em uma inquietação relacionada ao fenômeno da mania e alguns de seus possíveis desdobramentos, entre eles a dialética com o quadro melancólico, a interrogação suspensa sobre a passagem de um quadro a outro, a sua sintomatologia e etiologia conforme o ponto de vista de diferentes autores. Temos como intuito investigar a experiência maníaca em contraponto com a melancolia, buscando um alcance teórico compatível com o problema. Para tanto, é necessária a articulação de uma leitura clássica até uma contemporânea, a fim de analisar algumas questões aqui colocadas.

Ao realizarmos um levantamento bibliográfico sobre a temática maníaca a partir de uma perspectiva psicanalítica, nos deparamos por diversas vezes com textos nos quais as extensas linhas eram dedicadas ao quadro melancólico. Em relação à mania, restavam breves parágrafos ulteriores com pouco a dizer ou, ainda, partiam de uma explicação pela qual a melancolia conteria em si a chave do problema, alçando uma problemática de maior importância. Vejamos um exemplo a seguir:

Quanto à mania, na qual não me deterei, é dissociada da melancolia que prontamente tomamos por sua face invertida e que não aparece na série. Ela é definida pela única ‘excitação’, desconectada, portanto, dos estados subjetivos, a ser paga na conta de um prazer do corpo que condiciona uma rejeição do inconsciente que vai até...a psicose. (SOLER, 2011 p. 68)

Explicações como esta, frequentemente, encontram cenário na literatura psicanalítica. Se por um lado, Freud (1917) não se ocupou extensamente em desenvolver hipóteses sobre esse quadro, por outro viés, ele alerta ao leitor para o fato de a mania ser ainda “a peculiaridade mais notável da melancolia, a que mais requer esclarecimento” (p. 72-73). Sob a ótica de uma leitura freudiana, não obstante, a mania seria uma espécie de potencialidade a qual nem toda melancolia conheceria como destino. Esse é, contudo, um outro ponto enigmático do quadro. Por que razão apenas uma pequena parcela de melancólicos conhece o destino maníaco?

Em continuidade, ao longo desta dissertação, tentaremos nos debruçar justamente na particularidade de casos que oscilam entre esses dois lados tão descontínuos entre si. À guisa de um objetivo eminentemente exploratório, vamos partir de um outro mote como fio norteador; esse funcionará mais como um pano de fundo para a nossa temática, com intuito de levantar algumas reflexões. Trata-se da hipótese de um trauma narcísico sob a égide dessas configurações. Nesse âmbito e com base na leitura proposta, tentaremos evidenciar a hipótese de um dano intransponível na história do sujeito melancólico-maníaco, o qual encontraria

atualização na tendência de repetir-se na travessia abrupta dos humores entre um lado e outro. Estaríamos, desse modo, remetendo a nossa leitura com alicerce de um outro tempo, o qual tenderia a repetir-se como presente através de uma descontinuidade radical.

Dessa forma, o nosso primeiro capítulo será uma tentativa de mergulhar o leitor no mundo experienciado pelo sujeito maníaco. Do mesmo modo que se confunde equivocadamente a melancolia com a tristeza, confunde-se a mania com um estado de felicidade. Nesse capítulo inicial, buscaremos apresentar as diversas facetas alcançadas pelo quadro maníaco desde as suas nuances mais sutis — onde se conhece a sensação de júbilo e contentamento — até aquelas marcadas por uma intensa gravidade. Começaremos propositalmente com uma ordem crescente, pela exaltação maníaca, momento este em que as coisas parecem ir muito bem para o sujeito arrebatado pelo sentimento de glória. Um grito de *evoé!* Nesse estágio, a sensação é de autobeatitude, de pertencimento e de idílio com o universo ao redor. Em continuidade, tentaremos nos aproximar de uma das principais manifestações do quadro, a fuga de ideias. Esta, encontraria seus afluentes no próprio pensamento maníaco e, ainda, na sua fala. A língua maníaca, em fuga, é perseguida pelo pensamento inventivo e ao mesmo tempo perseguidora do mundo ao qual o sujeito ataca com voracidade. A fome maníaca, voraz com todos os objetos, com as palavras e com todas as impressões encontradas pelo caminho será, também, uma parte investigada por esse capítulo.

Nessa linha de expressão, tentaremos abordar — também no primeiro capítulo — o ritmo encontrado no tempo maníaco. Este, a todo vapor e nos casos mais graves, poderia culminar na própria derrocada do sujeito em um estágio nem tão belo nem tão sublime quanto o inicial. Um golpe do vazio desferido contra a própria existência, uma cadência veloz a ponto de tornar-se ela mesmo desenfreada.

O nosso segundo capítulo consiste em um retorno a Freud com base na exposição das suas hipóteses subjetivas acerca dos quadros de melancolia e mania. Levantaremos as suas propostas fazendo um percurso histórico, pelo qual vamos partir do desenho inicial da melancolia e da mania. Partindo do Rascunho G (1985), poderemos depreender uma explicação econômica do quadro e a ideia presente até os dias atuais de *ferida aberta e hemorragia interna*. Em seguida, evidencia-se a célebre hipótese freudiana da sombra do objeto e de sua identificação, responsável por um pacto lúgubre, no caso da melancolia, em contraste ao cenário virtuoso do quadro maníaco. A vulnerabilidade narcísica desse tipo de afecção será, desde o início, um dos pontos centrais da nossa leitura. Dessa maneira, levantaremos a importância do objeto para além da sua perda como mote único para esse sofrimento tão singular.

A segunda parte do capítulo consiste, sobretudo, na exposição dos pressupostos freudianos a propósito da mania. A ideia central trabalhada pelo texto de 1921 é aquela de um casamento entre o ego e o seu ideal, vide o exemplo das saturnálias romanas. Como efeito, o sujeito maniaco viveria a sua própria celebração. A promessa de uma gratificação narcísica e a liberdade de todas as restrições assume, aqui, o ponto principal da hipótese freudiana acerca da mania. O ego em revolta se insurgiria contra a submissão causada pelo ideal e pelas suas demasiadas regras.

Posteriormente, em *Novas conferências introdutórias (1933)*, Freud explica a passagem maníaca pelo viés da fusão entre ego e superego. Nesse cenário, a mania seria nada menos do que um triunfo do ego contra o estorvo escravizante causado pelo superego mordaz da melancolia. Cansado do jugo tirânico, o sujeito maniaco surgiria enquanto portador da última palavra. Esse seria um momento único, no qual as barreiras entre ego e superego supostamente se dissolveriam, possibilitando ao sujeito uma dupla liberdade: a da gravidade do objeto interno — que outrora consumia o ego — e aquela causada pelo peso do superego.

Feita uma discussão teórica, com base mínima em Freud, partiremos para o nosso terceiro capítulo, talvez o mais importante para esta dissertação. Destarte, partiremos inicialmente de leitura clássica até uma outra contemporânea, a fim de que possamos analisar algumas questões aqui levantadas. Nesse estágio final do nosso trabalho, serão apresentadas outras apostas teórico-clínicas para auxiliar-nos a construir a hipótese de um traumatismo primário como baluarte dos quadros melancólicos e maníacos. Nesse quesito, vamos fazer um breve adendo, não estamos procurando uma etiologia pautada em um evento pontual e determinante para essas afecções. Mas, ainda, refletir sobre a hipótese de uma descontinuidade traumática, a qual reenviaria os seus efeitos para a esfera existencial tão contrastante entre os quadros de melancolia e mania, nessa linha tênue encontrada na verticalidade do vertiginoso abismo melancólico até explosão maníaca. Tentaremos, principalmente, explicitar o modo como as consequências de um traumatismo narcísico incidem sobre as relações objetais do sujeito melancólico e maniaco, como esse desamparo do narcisismo encontraria a sua expressão pela flutuação de um polo a outro.

Nesse âmbito, na parte posterior do terceiro capítulo levantaremos dois tópicos que acreditamos ser de alguma valência para as nossas reflexões. A possível relação entre os quadros de luto com os de mania, com base na similaridade encontrada em ambos, através de um acréscimo libidinal após uma perda objetal e, por fim, tentaremos fazer uma discussão sobre o humor, à luz de uma perspectiva psicanalítica.

## 1. O ECLIPSE MANÍACO E SEUS SINTOMAS

Ao nos debruçarmos um pouco mais sobre o tema da mania veremos que existe uma extensa gama de estados maníacos que diferem entre si, não só nas nuances que os distinguem, mas na gravidade do rastro que deixam na vida do sujeito após a passagem do quadro.

Com o pressuposto elencado por Freud (1917), no qual a mania pode ser explicada pelo viés melancólico, a temática maníaca permanece por anos negligenciada pela literatura psicanalítica, que parte da premissa de que para entender a mania bastaria saber sobre a melancolia. A mesma linha de pensamento, no entanto, não se dá na psiquiatria, por exemplo. A psiquiatria explora o tema de maneira que os quadros maníacos possuem maior singularidade e heterogeneidade, isto é, examina as nuances da mania para além do que é percorrido pela psicanálise. Existe, portanto, uma certa descontinuidade nosológica entre ambas concepções da temática. Ora e onde buscar a resposta?

Não é, no entanto, a nossa proposta resolver esse tipo de impasse, mas sobretudo, levantar uma certa interrogação de que a psicanálise venha, talvez, navegando por mares tranquilos sem muito se questionar no que diz respeito ao tópico maníaco.

Do mesmo modo que se relaciona equivocadamente a melancolia com a tristeza, compare-se a mania com a felicidade, confinando-lhe em um estereotipo festeiro e alegre. Este, pode até ser uma de suas possíveis manifestações, mas, certamente, como delimita Paul-Laurent Assoun (2010), prova ser algo a mais do que a figura tão banalizada do “folião” que traz consigo ares festivos e uma dimensão cósmica. Há casos em que a exaltação maníaca pode levar o sujeito ao próprio colapso, quadros marcados por uma extrema irritabilidade, desorganização do pensamento, fuga de ideias, gastos excessivos e ruína financeira. Isso sem mencionar o risco suicidário que, em geral, é mais elevado nesse tipo de afecção. Destarte, permanece o sentimento de que muito ainda deve se dizer sobre tais questões.

A fim de participar do debate acadêmico e fomentar a discussão e as considerações acerca do estado maníaco e suas tonalidades, este primeiro capítulo tem como objetivo aproximar o leitor um pouco mais do que poderíamos entender pela experiência maníaca não somente na sua singularidade, mas também em suas multifaces. Trata-se, sobretudo, em primeiro momento, de familiarizar-se com o mundo que habita o sujeito maníaco com o mundo que ele expressa e como ele o expressa.

Logo, no intuito de que possamos ter uma melhor compreensão a respeito do fenômeno da mania, deter-nos-emos inicialmente em seu aspecto sintomático e nas suas respectivas manifestações subjetivas. Tentaremos fazer um percurso que se inicia na concepção mais

comum que se tem do quadro – a euforia maníaca – até aquelas menos conhecidas, dentre as quais a irritabilidade, a disforia, os sentimentos de ódio e ira aos quais o sujeito pode ser acometido; a fuga de ideias e o discurso maníaco, a sua curiosa relação com o tempo e a gula voraz do sujeito por novos objetos.

Nesse âmbito, tentaremos discorrer um pouco sobre o contexto cujos quadros surgem e as diferentes nuances que podem apresentar e, não menos importante, a forma na qual se estabelecem algumas de suas características em contraponto ao seu suposto quadro inverso: a melancolia<sup>1</sup>.

### 1.1 A EXALTAÇÃO MANÍACA

*“Olha! Olha!... Ela começa estás vendo? Com um andar quase divino: é um simples andar quase em círculo.... Começa com o supremo de sua arte; anda com naturalidade sobre o cimo que atingiu. Essa segunda natureza é o que há de mais distante da primeira, mas é preciso que se assemelhe a esta, e tanto, que nos confunda.”*

*(VALERY, 2005, p. 25-26)*

Em sua etimologia, a palavra *mania* aparece como invenção da medicina grega do primeiro século de Areteu de Capadócia – um dos mais notórios médicos da Grécia antiga –, exprimindo um estado de ser de loucura alegre, daqueles que andam por aí com suas cabeças coroadas de flores como houvessem regressado vitoriosos de uma batalha, prontos a cantar e dançar alegres, noite e dia (ASSOUN, 2010).

O sujeito em seu momento maníaco, apresenta-nos uma subjetividade e sintomatologia que se mostram simetricamente opostas à melancolia (LAMBOTTE, 2007). Podemos falar aqui de uma alegria descompensada, um ritmo veloz ao qual nenhum espectador parece ser capaz de acompanhar, logorria sem pausa, epifania do pensamento, a conhecida “fuga de ideias” e a

---

<sup>1</sup> O leitor poderá notar que ao longo do texto serão utilizadas ambas as nosografias de **melancolia** e de **depressão**. Em grande parte, isso se dará pelo motivo de que a maior parte dos autores aos quais recorri para trabalhar esse tema fazem o uso, às vezes da palavra depressão, às vezes melancolia e outras vezes depressão melancólica. Há uma grande discussão e distinção no que tange a esse tópico. Distinção esta, tanto de ordem etimológica quanto subjetiva para pensar esses estados. Por ser esse um assunto que requer maior protagonismo e perquirição de nossa parte, deixaremos esse ponto para ser trabalho em nosso próximo capítulo.

vivência da sensação de uma onipotência que muitas vezes coloca o indivíduo num limiar de vulnerabilidade frente a graves riscos – dentre eles, o próprio ato suicida –, figurando-nos a imagem de uma estrela que brilha à beira de um precipício.

A inibição generalizada do melancólico é, aqui, substituída por uma movimentação excessiva que avança rumo à um vertiginoso *looping*. O pantanoso pacto melancólico sinalizado pelo encapsulamento parece sofrer uma verdadeira metamorfose para a figura de um duplo mais contente. A tristeza encarnada, a diminuição do sentimento de si revelada através de autocríticas e autopunições, a perda de interesse pelo mundo externo e a desesperança em geral, ou seja, os sintomas mais típicos assinalados pelo quadro parecem esvanecer subitamente. Eis que na mania, então, o sujeito usufrui da eclosão de uma alegria transbordante, regozijo sem fronteiras em um cenário vitorioso. Autobeatitude, pensamentos místicos, sensação de pertencimento e renascimento onde o *eu* pode fazer as pazes consigo mesmo. É a vivência de conexão com um mundo que agora se apresenta como familiar e não mais estranho. Mundo e sujeito parecem fazer parte de uma coisa só, em uma espécie de satisfação autoerótica (ASSOUN, 2010).

Como apontam Vertzman & Junior (2019), capturado em seu momento maníaco, o sujeito experimenta uma sensação de onipotência e fascínio; comporta-se como se a redenção estivesse próxima. E nessa profusão de sensações, mundo e sujeito estão simbioticamente presentes em um estado cósmico de ser onde a ordem das coisas se dá por uma espécie de sincronicidade mágica na vivência de um horizonte utópico. É o próprio *eu* tornando-se o mundo. E, sendo agora o sujeito o próprio mundo em significado e expansão, sente verdadeiramente que o amor do outro é dado como garantia; ora, e se não o for, também não faz mal, pois o sujeito maníaco tem dentro de si amor e encanto o suficiente para garantir qualquer ausência. As remotas fantasias de penúria que outrora poderiam assombrar o sujeito melancólico na paúra de acabar sem nada, na miséria e no desamparo, parecem se dissipar e dinheiro não será mais um problema, afinal de contas, os deuses, sejam eles quais forem – sentindo-se o próprio sujeito um deles – providenciarão o que for necessário. O dinheiro afinal surgirá quando preciso, pois é legítima a sensação subjetiva vivenciada pelo maníaco em seu *eu* grandioso já que, para ele, tem o poder de controlar todas as situações. Ao contrário do estigma devedor do melancólico, ele tem crédito ilimitado. Na mania não se vive mais sob a sombra da submissão de uma lógica bancária, e bem se sabe sobre os gastos desenfreados que podem acometer tal estado. Se de um lado a fala melancólica em geral é dada pelo rótulo de anulação daquele que a pronuncia: “Eu sou um grande lixo, sou um nada!”; poder-se-ia arriscar

dizer que a fala maníaca, por outro lado, contém em seu cerne um grito triunfal, exprimindo a celebração de si mesmo em uma espécie de “Eu tudo posso, e de tudo sou capaz!”.

É como denominou uma paciente de Binswanger<sup>2</sup> (1987) a sensação de “ter quebrado os óculos com a lente cinza”, quando lhe disse em seu momento maníaco: “Um milagre aconteceu! Todos os enigmas estão resolvidos; sim, tudo é tão simples, tão totalmente, totalmente simples quando você conhece o fundamento de tudo” (p. 104, tradução nossa). Tal sentença transmite bem a brusca passagem da crise maníaca emergindo do buraco melancólico, passagem essa de uma condição marcada pela gravidade vertical e pela opacidade de um mundo sem graça para uma outra de leveza e luminosidade.

Um rádio, perfeitamente sintonizado parece adivinhar a música que dois segundos antes era ansiada pelo sujeito, os sinais se fecham para que ele possa atravessar, e o tempo de outrora obscuro e indeciso parece se abrir em um luminoso dia. Se há algo desta dimensão mais branda de mania que concerne a cada um de nós pode-se dizer que tratam-se daqueles poucos e preciosos momentos que podemos deslocar da trivialidade de nossas vidas em um virtuoso espetáculo artístico, uma promoção de trabalho, um feito heroico ou sentir a presença de sua própria existência como em uma bela cena de um filme. Vejamos um breve testemunho da psiquiatra norte-americana Kay Jamison (1996)<sup>3</sup> cujo relato de alguns de seus estados maníacos é comovente:

Quando se está para cima, é fantástico. As ideias e sentimentos são velozes e frequentes como estrelas cadentes, e você os segue até encontrar algum melhor e mais brilhante. A timidez some; as palavras e os gestos certos de repente aparecem; o poder de cativar os outros, é uma certeza palpável. Descubrem-se interesses em pessoas desinteressantes. A sensualidade é difusa; e o desejo de seduzir e ser seduzida, irresistível. Impressões de desenvoltura, energia, poder, bem-estar, onipotência financeira e euforia estão impregnadas na nossa medula. (JAMISON, 1996, p. 79-80)

O abrupto acesso maníaco parece ter surgido do nada, embora seja usualmente demarcado por uma pré-história melancólica. A ascensão maníaca mostra-se, muitas vezes, em seu princípio como um espetáculo burlesco. Bufão sem limites, o sujeito está capturado por um

---

<sup>2</sup> Ludwig Binswanger foi psiquiatra suíço, formado em filosofia e conhecido por ser pai da psicopatologia fenomenológica. Iniciou uma formação psicanalítica e foi amigo pessoal de Freud com o qual manteve ao longo de sua vida considerável troca epistolar. Sua abordagem psicopatológica tem como ponto importante a busca da compreensão da experiência psicótica enquanto um modo de estar no mundo, levando em conta o sujeito da experiência.

<sup>3</sup> Kay Redfield Jamison é cientista e professora associada de psiquiatria na “The Johns Hopkins University of Medicine”. Seu nome é referência para todos aqueles que se dedicam a trabalhar e estudar quadros com alterações de humor. O ponto mais interessante, é que a autora conquistou grande renome justamente na área de seu transtorno psíquico. Seu livro “Uma mente inquieta” é um relato da própria autora e de suas vivências com o transtorno bipolar.

entusiasmo arrebatador. Se envolve em jornadas desvairadas que podem culminar posteriormente um desfecho trágico e irascível. Ao contrário da conhecida inércia melancólica marcada pela inibição da ação e o rebaixamento do interesse pelo mundo externo, eis que o tornado maníaco surge trazendo consigo a qualidade de uma mobilidade extrema, a impossibilidade de arrefecer vencendo a resistência das horas do dia.

O sono não é um personagem necessário e, de fato, dormir representa algo completamente absurdo diante do excesso de energia e da possibilidade de usufruir de um mundo que é constantemente ofertado em todas as suas potencialidades ao bel prazer. A mania exprime um estado de ser desperto, o sujeito está pronto para tudo e é capaz de tudo (ASSOUN, 2010).

Entretanto, Lambotte (2007) confere que tal interesse óbvio em tudo que cruza o campo de percepção do sujeito tampouco permite que a sua atenção pare exatamente em alguma coisa. Estar interessado em tudo é o mesmo que não se interessar por nada. A velocidade da irrupção de ideias, uma após a outra, sequer possibilita que alguma delas seja central; o surto criativo poucas vezes engendra de fato o empreendimento de um projeto. Desse modo, a possibilidade de criação e suas ideias ficam sobrevoando um plano cósmico.

Se por um lado, na melancolia o superego se mostra com a crueldade e crítica para com seu ego, na mania, por outro, ele está completamente reconciliado com este, exprimindo um intenso sentimento de onipotência e júbilo triunfal. No entanto, se o sujeito parece ter triunfado, ele permanece inconsciente sobre os motivos que o fazem triunfar e por trás de seu riso alegre e efusivo pode-se ainda encontrar um certo tipo de dor entorpecida (LAMBOTTE, 2007).

Para o profissional da área habituado com este quadro clínico é de seu conhecimento que pacientes maníacos referem-se também a sentimentos de tristeza e depressão em sua fase maníaca. Ao contrário do que se supõe, o quadro maníaco, perfaz um desfecho nem tão belo assim. Indaga-se então: o quão trágico pode ser esse final? É um equívoco partir do pressuposto da ideia de que esses sujeitos não cheguem à clínica porque “sentem-se muito bem” ou, ainda, de que não sejam internados. Consequência de uma certa incúria com tal forma de configuração tão plural e ampla, o quadro maníaco pode assumir formas brandas — como a hipomania, por exemplo — e passar pela vida do sujeito sem deixar grandes estragos, mas não é o único destino possível, e está longe de ser o mais comum. É sobretudo no que diz respeito aos casos mais graves, que nos referimos agora. Nesse ponto, as alterações de humor podem ser tão abruptas para o sujeito que se pode deslizar do mais sublime em direção ao limbo subjetivo.

Uma bela imagem do ar! Abrupto como os ventos, um estado maníaco pode muito bem começar com esse aspecto eufórico e jovial mencionado até aqui. Mas dependendo da gravidade

do caso e do rumo que tome pode culminar em outro estado não tão belo nem tão sublime quanto ao narrado neste momento.

Frieda Fromm-Reichmann (1978) dedicou-se a estudar intensivamente a psicose maníaco-depressiva, realizando um estudo teórico-clínico no qual se baseou em doze casos. A autora reitera que o ataque maníaco pode ser muito similar ao depressivo quando advém como consequência de alguma perda amorosa. É muito frequente a presença de uma depressão passageira ou sentimentos depressivos anteriormente a aparição de condutas maníacas, assim como é também notório que pacientes maníacos mencionam sentimentos depressivos durante a fase maníaca. Consideremos o que expressou um dos doze pacientes em sua fase maníaca:

Abaixo do sorriso estou chorando... Tristeza o dia todo, sentimentos não expressados adequadamente. Para escondê-los, um aspecto de alegria, quando estou chorando o tempo todo. Rir muito e rir forte, dói mais. Não posso expressar completamente. Tudo está preso por dentro, mas a miséria e o ódio são maiores do que a necessidade de chorar. Eu gostaria de ter lágrimas para me sentir humano. Eu gostaria de sentir alguma dor com a esperança de que algo restou. *O terror é quase indescritível.* (FROMM-REICHMANN, 1978, p. 187, tradução e grifo nossos)

O que podemos presumir com base nessa fala? O que está contido em tal pungente composição de palavras?

Partindo de um pressuposto freudiano (1917) de que ambas as afecções lidam com o mesmo tipo de complexo a mania seria, até este ponto, uma bela forma de escapar da dor. Do mesmo modo que a melancolia não poderia ser plenamente associada a tristeza, a alegria maníaca traria em seu âmago o irônico riso melancólico portador de um pesar secreto, trazendo a esta figura “louca de alegria, falsos ares de um palhaço triste” (ASSOUN, 2010, p. 8, tradução nossa).

## 1.2 O DISCURSO MANÍACO E A FUGA DE IDEIAS

De um lado, como evidencia Lambotte (2007), temos o enunciado melancólico, penoso e perpetuamente negativo em seu cerne. Trata-se de um modo de falar sobre a vida e de se dizer enquanto sujeito que visa o próprio vazio. As suas palavras, pontuadas constantemente por lágrimas e alguns silêncios, evidenciam a própria impotência vivida pelo sujeito – e, muitas vezes, pelo próprio analista – que se realiza em um discurso circular, sempre fadado a chegar no mesmo ponto, de tal modo que não possibilita nenhuma intervenção. Isto é, o melancólico está sentenciado pela figura de um destino funesto a encontrar-se sempre sob a sombra de um

mesmo abismo e seu discurso visa em geral uma redução ao nada. Expressão esta, da própria identificação do sujeito. O melancólico está a pensar e pensar, sem poder sair de seu lugar. É como se de certo modo ele nos dissesse em uma imensa resignação: *Eu não serei capturado por nenhum tipo de ilusão, não adianta nem tentar, pois isso não é para mim*. Negação de toda possibilidade de outra condição existencial que não esta a que o próprio sujeito impõe como destino; a intenção do discurso melancólico apaga ou evanesce as motivações numa espécie de questionamento metafísico e irônico de perguntas sem respostas. É, sobretudo, na inibição generalizada e na lentificação de todas as atividades que a negação melancólica pode ser revelada.

Nesse âmbito, o discurso da melancolia foi e continua sendo amplamente constatado e investigado em suas respectivas dimensões. Por outro viés, seu suposto inverso, neste caso o aspecto maníaco e seu discurso têm despertado menor interesse dos psicanalistas – seja por não chegar aos consultórios de forma tão habitual ou pela própria dificuldade que o quadro impõe – e passa muitas vezes despercebido pela literatura psicanalítica, sendo mais frequente o seu exame pelo ponto de vista fenomenológico ou psiquiátrico.

O modo de falar de um paciente em crise maníaca é tipicamente teatral, o volume é alto, e o ritmo é tão rápido que é quase impossível de acompanhar o seu conteúdo. Quiçá de interrompe-lo. Espécie de monólogo ambulante, o sujeito pode falar por horas a fio. Tal modo desenfreado de fala, por vezes, exprime-se em trocadilhos e provocações com a linguagem que entretém o outro – que meramente pode assistir – e levam-no ao riso. No entanto, é válido elucidar que aqui não se considera o desejo das outras pessoas de falar ou o que quer que elas tenham a dizer. O outro, pode ser apenas receptáculo dessa descarga oral sem ser chamado a se pronunciar. Ora, e o que podemos deduzir no que concerne a esta enigmática forma discursiva?

Trata-se, de um modo distinto de linguagem e pensamento, marcados pela avidez em absorver todos os traços e impressões encontradas pelo caminho. O modo de associação maníaca, pode ser visto em seu ápice na conhecida “fuga de ideias” que é uma das nuances características dessa configuração singular. Neste ponto, todos os que se apresentam são chamados a se infiltrar nessa excêntrica cadência, sucedendo-se de maneira irrefreável numa verdadeira taquipsia do pensamento, as ideias são velozes e apresentam-se numa superabundância (ASSOUN, 2010).

A fuga de ideias pode ainda se revestir de formas patologicamente distintas e por mais que equivocadamente seja associada apenas a quadros maníacos, é de grande importância lembrar que ela pode também se apresentar em quadros melancólicos na medida em que tais pacientes relatam vivenciar alterações de memória, sentem-se incapazes de conseguir manter

um fio condutor entre a ideia precedente e as outras que se seguem ou, ainda, pelas representações compulsivas a que são acometidos. Dentre alguns dos principais critérios que caracterizam o quadro da fuga de ideias estão: a impossibilidade de dominar o fluxo de pensamentos, o sentimento de estranheza que dele advém e também o estado de esgotamento do sujeito. Há sobretudo, um aplainamento das representações, um discurso homogeneizado e sem relevo onde nenhum enunciado pode ganhar destaque (LAMBOTTE, 1997).

Nesse cenário, mesmo que a fuga de ideias seja mais conhecida por sua principal manifestação na crise maníaca, coteja também os pacientes melancólicos se inserindo de maneira paradoxal no complexo sintomático da inibição. A linguagem aqui existe, mas está fragmentada e desconectada do afeto. Nesse caso, o discurso dos pacientes em questão pode se apresentar “como se as palavras lhe fossem ao mesmo tempo fotografadas e significadas, sem que por isso eles dessem ao conteúdo semântico um relevo qualquer” (LAMBOTTE, 1997, p. 115).

Seria em última instância a própria palavra desvitalizada e esvaziada de seu conteúdo numa repetição lógica como num discurso sonâmbulo e impessoal. As palavras são ditas, mas o sujeito não tem a sensação de apropriação do que disse, há uma profunda estranheza na qual ele se depara diante da própria fala. É como se ele fosse uma espécie de papagaio de circo reduzido a uma organização repetitiva. Logo, a estranheza ligada a palavra que o sujeito melancólico é acometido parte, então, desse ponto principal que remonta em última instância a radical dificuldade de sustentar uma ínfima parcela de existência. Tudo se passa como se o que o paciente dissesse não lhe parece ser verdadeiro. Regido pelo véu do sonoro, o sujeito está então à deriva deste, desaparecendo do próprio discurso. (LAMBOTTE, 1997).

Pois bem, detemo-nos até o momento na explicitação de um viés menos conhecido da fuga de ideias, seja a sua relação de presença em quadros depressivos – por vezes desconhecida – até as características que denota. Voltemo-nos, agora, a debruçarmo-nos sobre a especificidade de tais manifestações diante das características presentes no quadro maníaco.

Voltando-nos mais uma vez à crise maníaca, a visada mais comum que se tem deste quadro em relação a fuga de ideias, é a sua apresentação por via da precipitação das representações em um fluxo veloz e contínuo. Todavia, pode ainda se expor como uma espécie de “turbilhão” configurado por um tipo de movimento helicóide e pela repetição indefinida de um pensamento, numa espécie de eco, por vezes, compondo cenários bizarros e estereotipados que trazem à tona para esses sujeitos sensações que se contrapõem entre estranheza e familiaridade em uma espécie de *déjà-vu*. Tal modo da fuga de ideias estaria correlacionado ao movimento suscitado por aquilo que Freud chamou em seu *manuscrito G* de “buraco

hemorrágico” e, conseqüentemente, com a problemática do esvaziamento do *eu*. A diferença que pretende se marcar aqui é que nessa configuração seria menos um deslizar horizontal do pensamento sem fim e mais um movimento constante de retorno do pensamento sobre si mesmo. (LAMBOTTE, 1997).

Assim, a ampla questão da fuga de ideias constitui um eixo de estudo não só psicanalítico como também fenomenológico. Ambas as perspectivas – psicanalítica e fenomenológica – acabam por complementar-se na medida em que se tenta uma aproximação do tema pelos limiares da primeira tópica freudiana e, que a visada descritiva de uma acaba por embasar o método de investigação de outra, “permitindo-lhe assentar seus princípios formais de explicação sobre certa ‘presença no mundo’ do doente, ordenada em uma forma de discurso original” (LAMBOTTE, 1997, p.139).

Não se refere a meramente fazer menção sobre um encadeamento mecânico das associações ou ainda a distinguir o modo de seu agenciamento:

(...) a fuga das ideias remete ainda uma organização psíquica inconsciente, sobre a qual vimos punha em causa o acesso das representações mentais à consciência, deixando como efeito a sensação estranha de uma palavra desvitalizada. (LAMBOTTE, 1997, p. 139)

Ora, até então tudo parece um pouco confuso. Relembremos que para a fenomenologia as balizas norteadoras implicam um outro tipo de análise. Neste ponto, Lambotte (1997) está sobretudo baseada na ideia de Karl Jaspers (1913), a qual a fuga de ideias não teria como mote apenas uma aceleração do pensamento ou um desenfreado desejo de falar. A sua explicação não estaria apenas na alternância veloz das associações nem do modo que se estabelece de associação por assonância ou, ainda, por uma falha do modo associativo. As circunstâncias que regem tal processo estariam relacionadas a fenômenos de natureza desconhecida, fora da consciência. Ou seja, para Karl Jaspers, a exploração do tema deveria se conduzir por níveis conscientes e inconscientes, levando em conta ambos os modos da evolução do pensamento.

O comportamento do sujeito maníaco é precedente em grande parte de uma perda das referências contextuais, da fuga de ideias e da oscilação em geral que atravessa seu pensamento. Isso pode ser visto principalmente no que tange à natureza do comportamento maníaco, aparentemente superficial, como também na qualidade de se relacionar com o outro e com o ambiente que o circunda. É esse todo poder expresso nesse tipo de estado, com a fome de assimilar tudo o que estiver ao alcance numa espécie de profusão de atividades durante a qual

pensamentos, palavras e atos transpõem-se sem nenhum encadeamento entre si e os outros. É a própria perda de uma continuidade que pode, então, ser vista (LAMBOTTE, 2007).

De um ponto de vista fenomenológico, o comportamento maníaco não poderia ser definido em termos de déficit. Designaria um apagamento ou ainda uma neutralização da função psíquica responsável pela capacidade de inscrever a própria vida em um tempo que é tanto histórico quanto significativo. Seria exatamente esta função que estaria ausente no momento maníaco vivido por presenças apartadas e sem conexão entre si, de modo que não podem enquadrar-se em uma biografia interna (LAMBOTTE, 2007).

Ademais, a figura do pensamento maníaco – expressa, sobretudo, na fuga de ideias – é a da metonímia<sup>4</sup>, conhecida por deslizamento por contiguidade, dispersando-se do enunciado para a palavra. Numa dimensão horizontal, as ideias são, aqui, um meio. Em certo âmbito, a fuga de ideias se dá em geral por assonância acústica, rimas, aliterações ou parataxes. Entretanto, não resulta apenas destes modos estereotipadamente discursivos, mas também por um outro tipo de alteração dos sentidos.

Como elucida Binswanger (1987), a forma discursiva do sujeito é atravessada por uma descontinuidade do pensamento. A transição deixa de ser verbal, mas se dá por elos de ligação entre os pensamentos, gerando com isso a interrupção do sentido habitual. É uma modificação na própria estrutura da objetividade temporal que se configura em dois contextos: pela falha de continuidade de sentido e do percurso do pensamento, e pela falha na continuidade das apresentações habituais. Para o autor, trata-se não somente de uma descontinuidade do pensamento, mas de uma falha na apresentação que estaria relacionada a uma camada mais profunda da experiência constitutiva do ego.

Nesse regime particular do pensamento, as ideias, vertiginosamente, precipitam-se uma sobre a outra em um movimento que tende a ir além da ideia presente numa espécie de horizonte contínuo revelado em um modo de associação *hiper* livre. Movimento especulativo em declive, a ideia ganha vida própria, tentando ultrapassar a si mesma e acaba por apartar-se do sujeito. O ‘especulativo’ representaria de certo modo o pensamento maníaco, urgente e desesperado em si mesmo. Verdadeira dança de ideias, tal mobilidade figura-se como em fogos de artifício, sendo mais a patinação do pensamento do que um pensar propriamente dito, deslizando de um

---

<sup>4</sup> Metonímia é uma figura retórica de linguagem que consiste no uso de uma palavra fora de seu contexto normal, onde um objeto é designado por uma palavra que se refere ao outro por existir uma relação entre ambos. Por exemplo, quando se “acende a luz” em verdade aperta-se um botão que encerra um circuito elétrico e produz a luz. Entretanto, dá-se o nome do efeito à causa.

significante para outro. Entender-se-á que esta dimensão maníaca faz parte da hiperestimulação do comportamento e engloba o *acting-out* (ASSOUN, 2010).

A barreira do pensamento linear na qual se mantém o objetivo dos processos mentais, transmuta-se para um outro instantâneo de estímulo e resposta, no qual a cadência precipita-se rapidamente de ideia em ideia, indo mais longe, subindo mais alto numa espécie de balé vertical até se perder do ponto inicial. O maníaco pode ainda obter certo prazer na fuga de ideias (ABRAHAM, 1911). Pode-se dizer que tal motilidade do pensamento é marcada pela supressão de um certo tipo de racionalidade. O jogo de palavras é, em geral, influenciado pela semelhança dessas entre si, a assonância acústica funciona como uma espécie de maestro regendo esse deslizamento fugaz do pensamento.

Deste modo, o estado mental do sujeito em mania distingue-se tanto do estado normal quanto do estado depressivo. Em dado momento, já foi descrito aqui que na fase melancólica há uma constrição do círculo de ideias. Na fase maníaca, por seu revés, há uma mudança veloz do conteúdo da consciência e o fator essencial que distingue o modo de associação maníaca a um modo de associação normal é que neste último tanto o discurso quanto o pensamento conseguem manter em vista a continuidade dos processos, mantendo um ritmo e coerência sem perder de vista seus objetivos. Um paciente maníaco em geral perde-se desses pontos e raramente consegue manter esse escopo linear de um início, meio e fim (ABRAHAM, 1911).

Retomando a narrativa de Abraham (1911), a fuga de ideias poderia ser encarada ainda como uma fonte de prazer e estaria profundamente radicada no infantil. Segundo o autor: “a abolição do controle lógico e o jogo de palavras – dois aspectos essenciais dos processos ideacionais maníacos – indicam um vasto ‘retorno à liberdade infantil’” (p. 45). Aqui, pode-se pensar de que se trata de um certo registro ao qual o maníaco recorre como uso primitivo da linguagem em uma espécie de joguete pueril, onde é o som e não o sentido que influencia tal processo. Modo particular este de resgatar antigas fontes de prazer e que possui um caráter claramente infantil, remontando a semelhança que pode existir entre a mente de um maníaco e a mente da criança. Logo, uma interrogação não pode escapar. Que infantil é esse que se expressa no quadro maníaco? Ora, imagina-se aqui a figura de uma criança que está começando a adentrar o mundo da linguagem: as palavras surgem em profusão e são quase como que novos personagens para aquele que as pronuncia; brinca-se com os sons e com os fonemas sem rigor, são neologismos próprios e com os quais ainda não há grande preocupação se o outro vai ou

não concordar; a criança é dona de cada nova palavra que profere e descobre. É, ainda, como se cada nova palavra contivesse em seu âmago um grito de *Eureka*<sup>5</sup>!

Para o Abraham (1911), a sensação de prazer presente nesse modo de associação possui a mesma relação de que a fonte do prazer representa no chiste, uma vez que esse ou a piada causam uma certa suspensão momentânea das inibições, ou seja, associando-se pelo som de ideia em ideia o controle lógico é afastado e economiza-se no trabalho psíquico. A fuga de ideias possui ainda uma outra função, por meio dela na qual é possível adejar através de ligeiras alusões àquelas ideias que são penosas e desagradáveis a mente do sujeito. Bem como no chiste, ela possibilita a mudança para um outro círculo de ideias.

No entanto, o caráter volátil do pensamento é capaz de torná-lo tão desenfreado que poderá causar um engarrafamento das ideias, onde já não é possível acompanhá-las (ABRAHAM, 1911). O discurso do sujeito alterado por tal taquipsiquia do pensamento pode parecer uma outra língua, cômica em sua superfície, a qual pode, todavia, ser atravessada por uma intensa dor em seu cerne. Por mais risível que possa ser, a fuga de ideias é muitas vezes causa de sofrimento do sujeito. Contamos mais uma vez com o relato de Kay Jamison sobre o assustador sentimento que permeia um de seus estados maníacos:

Minha cabeça estava começando a ter de se esforçar para conseguir acompanhar seu próprio ritmo, já que as ideias surgiam com tanta velocidade que uma atravessava o caminho da outra em todos os ângulos concebíveis. Havia um engarrafamento de neurônios nas rodovias do meu cérebro; e quanto mais eu procurava desacelerar meu pensamento, mais eu percebia que não conseguia. (JAMISON, 1996, p. 85)

Ora, atentemos ao fato de um sujeito que pode, em seu enlevo de ânimo, perder-se de si mesmo; e se a mente era, outrora um refúgio ou fonte de prazer, agora o sujeito está como que aberto a todos os ventos, capturado por esta condição na qual não consegue mais gerenciar as mudanças. É esta uma das ameaças a que tal quadro está vulnerável. Explosão subjetiva e precipitação que culmina em autodestruição. Há um outro tema intrinsecamente envolvido no que tange ao discurso maníaco e a fuga de ideias e que merece nossa atenção: trata-se da relação da mania com a temporalidade e o ritmo. Veremos a seguir.

### 1.3 UM RELÓGIO QUEBRADO E A FALSA PROMESSA DE UTOPIA

---

<sup>5</sup> Exclamação atribuída ao matemático grego Arquimedes de Siracusa e quer dizer “encontrei” ou “descobri”.

*“Há uma realidade, ao menos que todos aprendemos de dentro. É nossa própria pessoa em seu fluir através do tempo. É nosso eu que dura.”*

*(SILVA, 1994, p. 117)*

O tempo, enquanto tema, absorve a existência humana em um céu obscuro. São os temores a ele relacionados quanto aquela tampouco silenciosa ideia da qual todos os dias escapar: quanto tempo me resta? É a tenra infância e as dificuldades de entender os ponteiros do relógio e quantos instantes cabem na hora; é Aristóteles ensimesmado com suas questões metafísicas tentando dar corpo ao invisível, como é também *Cronos* em seu tempo mítico a devorar os próprios filhos. Ou seja, trata-se de alguma coisa que nos atravessa verticalmente, desde épocas mais remotas até a nossa experiência de apropriar-se do mundo ao nosso redor.

Sabemos do interesse e da pertinência que este tema desperta tanto na literatura psicanalítica quanto fenomenológica, e quantos estudos já foram feitos ao que se refere a esse domínio. Tendo em vista o quanto ainda temos a explorar este universo a fim de encontrar cada vez mais e mais respostas para as nossas inquietações diante do fenômeno clínico maníaco, dedicaremos essa passagem específica do nosso trabalho a apresentar algumas relações existentes entre o tempo e ritmo em contraponto a estados melancólicos e maníacos.

Na melancolia, o que se percebe em geral é um tempo estancado, no qual o sujeito encontra-se num estado de imobilidade, perdido em uma cena congelada que não parece deixar rastro de uma direção passada ou futura. Em breve passagem, Jacques Hassoun (1995) aponta a imensa dificuldade que sujeitos melancólicos enfrentam no trabalho de elaborar uma bibliografia ou um currículo pessoal. Ora, o que deflagraria este tipo de impasse senão a própria dificuldade subjetiva de localizar-se no tempo?

Como indica Lambotte (1997), tal modo de vivenciar o tempo estaria estreitamente vinculado a três pontos chave do quadro: (1) a inibição generalizada, (2) a problemática especular e (3) o negativismo. Não raro percebe-se no discurso desse tipo de paciente a sensação de estar eclipsado da própria experiência vivida, eclipse esse que o sujeito em geral descreve como efeito de sua insuportável exaustão, como consequência de sua fadiga.

Em contraposição ao tempo lentificado e prostrado ao qual o sujeito sente-se submisso, a vida apresenta-se em um ritmo demasiadamente veloz para que se consiga acompanhar. O tempo parece escorrer pelas mãos em um ritmo no qual o sujeito se vê desvencilhado e incapaz de seguir junto, como se estivesse sempre atrasado, à parte, ou ainda ter *perdido o bonde*, expressão tipicamente melancólica que expressa essa dissociação do tempo vivida pelo

indivíduo. O comportamento do sujeito melancólico mostra-se efetivamente apreendido do exterior, naquilo que se reconhece pelo rebaixamento das funções vitais em um afastamento da maior parte das atividades, está vivendo, ou melhor, apenas continua vivendo enquanto um autômato. Eis, então, a figura clássica do observador do mundo (LAMBOTTE, 1997).

Se a metáfora melancólica aplicada nesse caso é a da “hemorragia interna”, presente no *manuscrito G* e comporta-se como disse Freud (1917) enquanto “uma ferida aberta”, esta parece estropiar do sujeito toda a energia possível em sua inibição, manifestando-se enquanto condição do tempo.

Outro fator levantado por Lambotte (1997) que se encontra também relacionado ao esgotamento do sujeito, mas ao mesmo tempo distinto deste, é o da falta do interesse pelo mundo. É esta ainda uma outra dimensão pela qual podemos apreender a fixidez temporal nesse tipo de configuração. Em seu ínfimo quinhão de existência, pouca coisa ou quase nada poderia afetar um sujeito melancólico que está tomado em sua consternação ou, quando ainda pior, em sua inapetência. Pouca coisa ou nada também no sentido da descrença que o sujeito sente em relação a um porvir que possa ser diferente. Ou seja, o futuro não o surpreenderá com nada de novo, como poderia ser expressado na conhecida fala melancólica “*É tarde demais*”, com que o melancólico não pode dizer outra coisa senão que “*os jogos já estão feitos*”, ou que “*tudo já está jogado*” (Lambotte, 1997, p. 60).

Binswanger (1987) compreende a inibição melancólica ao que ele articula a um tipo de suspensão do tempo, como que uma morada na inatividade. Esta morada funcionaria enquanto uma espécie de camada na qual o sujeito se refugia e luta para não se deixar ser descoberto. Tal refúgio estaria fora da existência comum, e teria seu próprio tempo e um modo particular de funcionamento.

Se tomarmos essa questão pelo viés fenomenológico, há uma relação intrínseca entre a vivência corporal, espacial e temporal. Desse modo, a possibilidade de movimentar-se e acessar o espaço e o movimento da vida que se dirige para o futuro estariam no mesmo âmbito. A experiência do paciente deve por esse viés ser compreendida com base em suas vivências singulares e por seus organizadores que transcendem o que seria um estar-humano no mundo, ou seja, a constituição de um espaço-temporalidade e suas implicações para o sujeito e o estabelecimento de um senso de si em relação com o outro, seja este outro o tempo, a cultura (BINSWANGER, 1987).

Para Thomas Fuchs<sup>6</sup> (2014), um estado depressivo pode ser caracterizado por um estreitamento ou por um congelamento da vivência corporal, tendo como consequência um entorpecimento emocional e a perda da sintonia com o mundo externo. Tal entorpecimento é capaz de alterar toda uma gama de sentimentos existenciais do paciente, ou seja, de modificar a forma como esse sujeito se relaciona e se sente no mundo, causando o sentimento de inadequação, o senso de deslocamento e despertencimento. Como efeito deste tipo de transformação existencial em que o sujeito vive, logo seu corpo passa a ser um reflexo de tal estado. A percepção dos sentidos e movimentos são enfraquecidos e constrictos por essa rigidez geral. Os gestos se reduzem, e se a candeia do ser humano está mesmo nos olhos, pode-se ver nesses pacientes um olhar opaco e perdido em um tempo que se mostra inacessível ao outro. O sujeito está como que desacoplado, e o tempo do mundo urge, deixando para trás uma distância cada vez maior entre mundo e sujeito. É sobretudo baseando-se nas noções de sincronização<sup>7</sup> e dessincronização – nos sentidos biológico e social – que o autor toma como base para pensar a constelação presente na depressão melancólica.

Deste modo, temos por um lado o quadro melancólico atravessado por um ritmo letárgico que promove o distanciamento do tempo e do mundo, um corpo absorvido pela gravidade e toda a diminuição de gestos marcados por algum tipo de intencionalidade. Mas o que podemos, então, dizer a respeito de seu suposto *avatar* maníaco?

O quadro maníaco emerge – e essa palavra expressa bem a sensação de sair do fundo de águas turvas – como que de um coma, está finalmente curado e a sensação é de voltar a funcionar a todo vapor. No lugar da inibição, do peso e do retardamento surgem a desinibição, a leveza e aceleração. O espaço é vivido com amplidão sem oferecer resistências. Tudo pode ser visto enquanto oportunidade, e tudo parece disponível para o sujeito que ultrapassa todas as barreiras antes impostas. As distâncias se encurtam; é a promessa constante de um horizonte utópico.

Se para a física o horizonte é apenas uma ilusão de ótica, dada pela impossibilidade do alcance do olhar em perceber o que está além da curvatura, no plano do pensamento, o horizonte é aquilo que nos mantém em perspectiva, na busca perpétua de novos alcances. Nesse ponto a literatura nos ajuda:

---

<sup>6</sup> Thomas Fuchs é professor de Psiquiatria e Filosofia pela Universidade Karl Jaspers de Heidelberg.

<sup>7</sup> A ideia é de que a depressão seria uma patologia que está vinculada ao tempo, no sentido de estar sincronizada ou dessincronizada biológica e socialmente. Logo, a sincronização é um conceito que advém da cronobiologia e que se refere desde os ritmos corporais (como os níveis hormonais, por exemplo) até formas de sincronização social que abrangeria a data de nascimento, a hora certa de comer e dormir, a programação de datas, a relação com prazos e etc. Deste modo, tais ritmos seriam moldados pela socialização.

A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar. (BIRRI, F., apud GALEANO, E., 1994, entrevista.)

Ora, são precisamente esses dois ou dez passos de distanciamento que faltam ao sujeito maníaco, atirando-o em um circuito orbicular sem fim em sua voracidade por novos objetos. O sujeito circula com uma certa emancipação que esgarça a relevância das coisas ao seu redor, sejam pessoas, lugares ou histórias. Tal velocidade maníaca o impede de manter ligações e faz o sujeito girar sem centro para seu humor, tornando-o atmosférico. Isso pode ainda ser evidenciado naquilo que se conhece por labilidade afetiva, questão esta que discutiremos posteriormente (VERTZMAN & JUNIOR, 2019).

Em comparação ao quadro melancólico, podemos encontrar aqui uma outra forma de dessincronização temporal. O presente não basta para a pessoa maníaca, o que interessa aqui é o futuro enquanto possibilidade em um escopo ilimitado de possibilidades. Os prazos e compromissos do agora, podem muito bem ser obliterados em prol de promessas melhores. Se um projeto falhar, outros melhores então tomarão seu lugar de ausência. Não há tempo de espera, o futuro deve ser apreendido com urgência, e o sujeito está como que à frente de si mesmo (FUCHS, 2014).

Ao contrário da melancolia tomada em sua atmosfera de reproches e pela marca de uma perda que fixa o sujeito no passado, observa-se que na mania não há a predominância de algum tema ou conteúdo que possibilite a apreensão da temporalidade, o sujeito está preso na vivência contínua de puros presentes. Ora, mas o que isso quer dizer? Para Binswanger (1987), trata-se de uma temporalidade que se vive por fragmentos, na qual a vivência do sujeito se dá por saltos de uma para outra sem que nada possa ser retido. Há uma descontinuidade do sujeito e de tudo aquilo que se articula com os papéis vividos por ele, por aquilo que constitui à sua biografia interna. Ou seja, o paciente pode até estar presente, mas o tipo de presença que ele oferece não se articula com sua história prévia. Ao passo que na melancolia, por exemplo, haveria um contínuo esgarçamento da tessitura temporal em direção ao passado, já na mania, a configuração temporal se daria por retalhos desconexos.

No que se refere a este quesito, há um ponto de central importância levantado por Vertzman & Junior (2019). Na mania há uma adesão entre sujeito e ritmo depauperando o seu contato consigo mesmo e com o universo o a seu redor. Trata-se de um mundo onde a relação que se estabelece com o outro é superficial, e os afetos não sensibilizam o estado total do humor.

Esta percepção ganha forma para o sujeito através da velocidade. Ainda, Lippi (2013) confere que velocidade se torna a própria defesa do sujeito. Sabe-se: a fala do sujeito é veloz. O pensamento, as ações, os movimentos são velozes. O corpo maníaco movimentava-se livremente e despreendido de todo o peso que o usurpava outrora. Mas de que modo forma a velocidade poderia assumir um lugar de asilo subjetivo?

De acordo com Lippi (2013), a lacuna que separa cada instante é vivida enquanto um vazio, uma queda ou, ainda, um atraso. Seria o equivalente a cair de volta no próprio buraco, ou seja, o passado aniquilaria o sujeito, puxando-o de volta para um tempo morto e inabitável para o qual não se quer voltar. Arremeter seria como que cair no nada – limbo inescapável. Como evitar tal tropeço? Como se defender?

Com a velocidade. Indo mais rápido, correndo e ultrapassando todas as etapas, seja na fala no pensamento ou em atos. Ir mais rápido é uma forma de desprender-se em ritmo e mundo próprio. Poder-se-ia dizer que na mania a velocidade possibilita ao sujeito criar uma unidade imaginária que lhe dá consistência, lhe dá corpo e forma. Na mania, a velocidade funciona como um sucedâneo do espelho e pelo seu reflexo o sujeito pode aderir a uma identidade. É, sobretudo, uma busca pela unidade, tentativa de autocura engendrada às custas do sujeito (LIPPI, 2013).

Assim, por exemplo, o ritmo veloz a qual Roxane<sup>8</sup> adere funciona enquanto uma espécie de refúgio para a paciente:

Eu falo rápido, penso rápido, faço tudo rápido... sou eu, eu sou como sou. Eu me defendo na velocidade. Eu me defendo contra a tristeza, contra o medo de me esmagar, de me sentir sem valor, para nada. A velocidade é uma carapaça, é minha concha, minha defesa contra a ansiedade. Se eu parar, é o fim, estou desmoronando. (LIPPI, 2013 p. 193, tradução nossa)

O ritmo maníaco, irrefreável pode também ser concebido enquanto uma forma de não estar localizado. Modo singular de não estar na vida e não estar na morte. Estar em suspenso e fora das leis que regem o tempo. Entretanto, como manter um ritmo? Como manter algum tipo de estabilidade?

Indômita, a velocidade também é um processo que consome o sujeito, e que sucumbe em algum ponto. O que acontece, então? Tal configuração se altera para um estado de vertigem, inconstância, tontura e desequilíbrio. A velocidade se transforma em descompasso podendo

---

<sup>8</sup> Roxane é uma paciente ciclotímica que atravessa quadros melancólicos e maníacos. O artigo de Silvia Lippi baseia-se principalmente no quadro maníaco da paciente e em suas características em relação à velocidade.

reverter-se a risco de morte, como aponta Lacan (1973), em “Televisão”, que considera a passagem ao ato suicida enquanto um ataque maníaco (LIPPI, 2013).

Não se pode esquecer que a aceleração sem pausa desconsidera os ritmos de um tempo homogêneo, negligenciando as necessidades corporais do sujeito. Nega-se a necessidade de dormir, negam-se os primeiros sinais de exaustão. A anarquia do paciente maníaco faz com que este viva uma vida aonde se gasta mais do que tem e isso, tanto no sentido financeiro quanto em relação aos seus recursos biológicos e sociais, é levado a cabo em esgotamento (de seus bens) e a colapso (dele próprio). Não é incomum que um episódio maníaco deixe como rastro na vida do sujeito a desordem. Estamos falando aqui de dívidas, rompimentos amorosos, perda de patrimônios, etc.

Logo, a velocidade culmina em perigo de autodestruição. Quanto mais rápido vamos, e quanto mais se tenta distanciar do calvário, mais rápido se chega às profundezas da própria finitude. É o risco da própria aniquilação que se dá nessa tentativa de autocura, em geral, fracassada. O sujeito não quer parar, pois seria seu fim; entretanto, aquilo que ele evita é precisamente o que o leva à própria derrocada. A velocidade surge como um curso que vai da unidade à explosão subjetiva. Como se estivesse sob o efeito de uma droga, o sujeito está preso em sua própria aceleração existencial e, paradoxalmente, está imobilizado psicologicamente por esta. Nesse cume, não se consegue mais manter a cadência, o ritmo se torna desritmo e, por conseguinte, a constrição mais uma vez o alcança (LIPPI, 2013).

Após emergir e submergir nas oscilações que a velocidade maníaca eclode no sujeito e tudo o que consigo, a sua volta, arrasa e devasta, um breve questionamento não pode escapar: seria o ritmo uma medida destituída de conteúdo?

Ora, como relembra a autora (2013), o ritmo é algo que possibilita as variações entre ausência e presença, sim e não, cheio e vazio, estabelecendo a dialética entre vida e morte do sujeito. Na mania, esse contraponto encontra uma saída radical: “se abole, abolindo o ritmo” (LIPPI, 2013, p. 193, tradução nossa). Deste modo, não há então uma configuração verdadeiramente móvel, pois o ciclo se transforma em entropia psíquica. O sujeito se vê ultrapassado pela velocidade que ele não mais consegue gerenciar e explode, ou melhor dizendo, implode.

#### 1.4 A CÓLERA

Diversamente das formas mais leves encontradas de mania, nas quais se destaca essa espécie de alegria descuidada e infante, encontram-se ainda as formas graves da afecção, onde

o frenesi de liberdade experimentado pelo sujeito leva-o a sua própria derrocada, na qual uma conduta perigosa e arriscada pode assumir o seu lugar. Nesses casos nota-se um grau extremo de irritabilidade e as ocorrências mais banais podem arrebatá-lo em crises de cólera e intenso sentimento de vingança. Nesse momento delicado das emoções em que tudo está crispado, isto é, tudo é gatilho, a instabilidade do humor se altera com frequência entre euforia e irritabilidade, esta última frequentemente dá-se quando os desejos do sujeito são frustrados. Assim, a mania mostra-se como um verdadeiro transbordamento subjetivo, podendo levar o sujeito a um verdadeiro colapso do psiquismo.

Eis uma tonalidade onde a cena maníaca perde as estribeiras: a irritabilidade. Aqui, definitivamente não vai tudo bem, e o que antes se apresentava como um horizonte contínuo de possibilidades torna-se o próprio abismo do sujeito. A euforia inicial se transforma no que a psiquiatria nomeia enquanto *disforia*. Conceito etimologicamente proveniente do grego “*dysphoros*” que denota algo que é difícil de aguentar. Esse estágio atravessa o maníaco em uma hostilidade reativa, alude a uma circunstância profundamente desagradável de viver. A tensão pode ser sentida nas mais malhas finas do ar e a tendência para passagem ao ato é maior (FUCHS, 2014).

Nesse estágio, presente em geral nos quadros mais graves, qualquer coisa é *álibi* para despertar a abominável ira do sujeito. Seja uma palavra inesperada ou uma buzina a mais, como apontam Vertzman & Junior (2019), trata-se de uma certa topada no humor maníaco. Tal mudança, abrupta, ocorre em geral quando algum obstáculo se transpõe no caminho do sujeito, há um tropeço ou quiçá poderíamos chamar de um certo “*não*” que se apresenta e não é bem recebido pelo sujeito, há alguma coisa que se intromete no belo caminho e o interrompe. Condição subjetiva que se apresenta enquanto freio para a expansão contínua que era até então vivida.

O humor disfórico, visto como um tipo particular de humor, se diferencia da raiva, da tristeza, da ansiedade ou da euforia. Presente naquilo que a psiquiatria concebe como estados mistos se torna o humor dominante de quadros bipolares e pode apresentar como características principais a agitação corporal, o pensamento tão acelerado que o sujeito perde a coerência da fala e, às vezes, até a possibilidade de comunicação; mudanças extremamente bruscas de humor, pouca capacidade de concentração e memória, acessos repentinos de choro ou depressão podendo culminar no ato suicida (FUCHS, 2014).

É sobretudo nesse estágio que podemos ver uma desconexão maior entre mundo e sujeito e realidade. Arritmia dos afetos, pensamentos difusos e misturados, a fuga de ideias

pode atingir um zênite tal que o sujeito não mais consegue se comunicar coerentemente, nenhum encontro parece trazer alívio, nenhuma música conforta.

Marca do desencontro radical que o sujeito vive, a irritabilidade é o reflexo que eclode da batalha interna que ele trava na tentativa de resgatar o mundo terno e deleitável do qual se viu abruptamente arrancado (VERTZMAN & JUNIOR, 2019).

Vejam os oitenta e dois estados que se desvela no relato de Kay Jamison ao descrever um de seus ataques maníacos, o qual elucida bem essa passagem de um estado beatífico a outro de horror e caos:

Minha percepção e vivência dos sons em geral e da música em particular eram intensas. Notas isoladas de uma trompa, de um oboé ou de um violoncelo adquiriam uma pungência inexprimível. Eu ouvia cada em si, todas as notas juntas e depois cada uma e todas com uma clareza e beleza penetrantes. Eu me sentia como se estivesse no meio do poço da orquestra. *Em pouco tempo, a intensidade e a tristeza da música clássica tornaram-se insuportáveis para mim. Fiquei impaciente com o andamento além de dominada pela emoção. Voltei-me abruptamente para o rock, apanhei meus álbuns dos Rolling Stones e os tocava no volume mais alto possível. Eu ia de gravação em gravação, de álbum para álbum, combinando o estado de espírito à música, a música ao estado de espírito. Logo discos, fitas e capas de discos estavam espalhados por todo o meu apartamento à medida que eu prosseguia minha busca do som perfeito. O caos na minha cabeça começou a refletir o caos na minha casa; eu já não conseguia processar o que estava ouvindo; fiquei confusa, assustada e desorientada. Não conseguia ouvir nenhuma música específica por mais de alguns minutos. Meu comportamento era frenético, e minha mente ainda mais. Aos poucos, a escuridão começou a se insinuar na minha mente, e em pouco tempo eu estava irremediavelmente descontrolada. Não conseguia acompanhar a linha dos meus próprios pensamentos. As frases voavam de um lado para o outro na minha cabeça e se fragmentavam primeiro em expressões e depois em palavras. Finalmente só restavam sons.* (JAMISON, 1996, p.93-94).

A intensidade com que o ataque maníaco implode no sujeito é devastadora. O relato de Jamison denota bem o ponto de ruptura, que parte o seu mundo em dois extremos. Despertar de um sonho dentro de um pesadelo. É, sobretudo, a busca desse universo idílico perdido e o pavor de se ver preso nesse instante eterno e assustador. O cruel desespero desencadeado pela busca de um som que não a incomode, que se ajuste aos seus ouvidos, emoções e pensamentos naquele exatíssimo momento. A busca é incessante, frenética e devastadora. O que antes parecia sublime – primeiro a música clássica sentida em sua verve, depois a busca pela perfeição dos

sons em conjunto e a angústia de desbravar seus discos de acordo com seus sentimentos, na desesperada tentativa de tudo isso acompanhar seus pensamentos – na verdade parece ser mais um pontapé para desencadear a agonia e o profundo sofrimento da não satisfação, do não contentamento. Aliás, o sujeito está na busca para além disso, quer mais, quer muito, quer o melhor, quer o que não existe porque não alcança, não encontra: está absurda e cruelmente sentindo-se vazio e ao mesmo tempo carregado, cheio pelas tantas e tantas voltas ineficazes que precisou dar para encontrar o sossego e a calma que não existe, para ele.

### 1.5 A VORACIDADE MANÍACA

A sintomatologia melancólica revelada pela perda da capacidade amorosa, já nos é amplamente difundida psicanaliticamente. Como relembra Lambotte (1997), o sujeito melancólico é regido pela constelação do abandono. Dilema entre abandonar e ser abandonado pelos objetos. Trata-se sobretudo da expulsão – tema este que estudaremos com maior acuidade em breve – ou, melhor dizendo, das perdas que são significadas para o psiquismo inconsciente de cada um enquanto expulsão daquele objeto. O ódio voltado contra si como consequência do abandono faz com que o sujeito acabe por rejeitar toda a exterioridade em um prazer mecânico e mortífero.

O movimento infernal do turbilhão melancólico aspira-o vertiginosamente para baixo, o sujeito naufraga em si mesmo. Nessa atmosfera, encontramos um progressivo desligamento da libido em relação ao mundo externo. Tais pacientes queixam-se de ter perdido a capacidade de amar ou de se interessar por qualquer coisa, pois no auge da crise melancólica o mundo torna-se insípido e as necessidades físicas podem ser sentidas com menor intensidade, sentem-se enfraquecidos e, como já mencionamos anteriormente, esgotados. Há um rebaixamento das funções vitais e de todo interesse do sujeito que possa ser dirigido ao exterior sob a efígie do dito ‘é tarde demais’ ou ‘não vale a pena’ (LAMBOTTE, 1997).

Nos casos mais graves, ou em momentos de crise, tal recusa de todos os objetos se torna, em última instância, a recusa de alimentar-se. Sabe-se que a lógica melancólica atravessada pelas injúrias que o sujeito se autoendereça e por um negativismo generalizado é recoberta pela questão da dolorosa perda do objeto e da identificação narcísica abordada por Freud (1917) e, ainda, pela hipótese de Karl Abraham (1924) de uma catástrofe arcaica da qual o sujeito não cessaria de se defender, agregados a sua relação com uma libido regressiva. Ou seja, a tristeza abissal na melancolia aparece enquanto índice afetivo de uma perda. Essas questões serão melhor elaboradas no capítulo seguinte; nesse momento, no entanto, o que nos é digno de

ressaltar disso tudo refere-se à sintomatologia e à influência oral exercida sobre o quadro. Compreende-se, por fim, que há uma correlação entre a influência do caráter oral e os impulsos canibalescos presentes na melancolia em relação aos objetos externos (ABRAHAM, 1924).

Partindo de um viés fenomenológico, Fuchs (2014) ressalta a perda da sintonia afetiva vivida entre o paciente depressivo e o seu meio social. Superar a inibição e o peso significam uma dificuldade tão grande que o corpo, por vezes, perde a vontade própria. O mundo está lá, porém está longe e o sujeito não consegue alcançá-lo. O céu está lá, mas não é, contudo, o mesmo céu. Ora, e o que isso quer dizer? O espaço sensorial está constricto, o paciente sente-se desconectado emocionalmente do mundo ao seu redor. O corpo depressivo — já mencionado anteriormente — carece de expressão emocional, logo, o sujeito sente-se incapaz de se comunicar emocionalmente, está apartado.

Em contraposição à perda de interesse na melancólica, por outro lado, temos a perspectiva maníaca que se distingue por uma abertura do sujeito diante das potencialidades do mundo. O sujeito está disponível para todo tipo de troca, e onde a melancolia se exprime por uma perda da capacidade de amar, a mania aparece rompendo as fronteiras que outrora comprimiam o sujeito. Há uma expansividade afetiva sem limites, atropelando os limites sociais, e um comportamento altamente sexualizado, por vezes, beirando a promiscuidade do sujeito (ASSOUN, 2010).

Há um abismo entre a percepção que o sujeito tem de si mesmo e como os outros percebem-no. As roupas podem ser provocativas e a maquiagem ganhar diversas tonalidades. O sujeito sente-se irresistivelmente encantador e desenvolto, pronto para seduzir um mundo inteiro com sua beleza e eloquência. Por outro lado, segundo Kay Jamison (1996), a maior parte das pessoas parece não conseguir acompanhar o ritmo veloz e o comportamento febril do sujeito.

Para Binswanger (1987), a relação com outro é impessoal, no sentido em que o outro não é percebido enquanto sujeito, mas é tomado como coisa, pronto para ser consumido ao bel prazer do maníaco. Ao contrário da introversão melancólica, o maníaco possuiria ainda uma disposição de voltar-se para os outros, desviando-se de si mesmo. Mas esse estatuto de outro, aqui, há de ser esmiuçado. Não há o que poder-se-ia entender por alteridade na constituição plena das experiências afetivas, sejam elas de amor e amizade, entre outras. O sentido fenomenológico do outro levantado por ele no que se refere à mania é aquele de um outro-coisa, um outro que não pode ser testemunhado em sua pessoalidade e alteridade, trata-se de um outro entre muitos, pronto para ser apreendido na fome maníaca.

O objeto outrora amado e odiado – cerne do conflito ambivalente – está aqui triunfalmente reorganizado e, o sujeito arrebatado por um impetuoso estado de desejo, está pronto para tomar posse daquilo que é seu. O destino que não ouse se meter em seu caminho provocando o embate. Despertado de um coma, é como se o sujeito estivesse por aí a viver o tempo perdido, a se apropriar do que lhe foi usurpado. Como aponta Karl Abraham (1924), no lugar dos delírios de inferioridade e do menosprezo com que o sujeito se dirige, surgem na mania a sensação de autossuficiência e poder. A ‘sombra do objeto’ dissipou-se e o sujeito volta toda a libido que lhe era subtraída para o mundo exterior com excessiva voracidade. Tal tipo de mudança tem como consequência diversos sintomas, todos eles tendo como mote um aumento da oralidade do sujeito. Aberto a todos apetites, o paciente está pronto para devorar tudo aquilo que encontrar em suas jornadas.

Se por um lado, o ataque melancólico exprime um desesperado pedido de amor, como marca Frieda Fromm-Reichmann (1978), o paciente deprimido está faminto de afeto e quer obrigar aos seus objetos que o amem. Tal fome desmedida de afeto exprime características orais com base nos desejos de morder e devorar. A mania, por outro lado, aparece enquanto uma negação da necessidade do objeto, negação de tal privação narcísica que o sujeito vive. No entanto, o maníaco está por aí a apreender todos os objetos que encontra em seu caminho. Destarte questiona-se, seria a voracidade maníaca uma espécie de tomar à força o objeto? Parece-nos que se o melancólico suplica e pede por favores, o maníaco exige aquilo que acredita ser por direito seu.

‘Mania engolidora’ é como denominou um dos pacientes de Abraham (1924) ao se referir a tal estado de desejo. Isto é, na mania todos objetos são vistos como material para atravessar o metabolismo psicosexual do paciente. Num jogo de reflexos sem fim, é, ainda, como dizer que na crise maníaca todos objetos são iguais.

Essa concepção maníaca, estaria intimamente relacionada com aquilo que Assoun (2010) denomina como outros equivalentes de estados maníacos. Dentre eles, a cleptomania, a toxicomania, e a bulimia. São quadros que guardam entre si a semelhança de serem atravessados por um grande apetite maníaco e de um índice de relação com o objeto. É ainda a promessa narcísica de um objeto “novo em folha” que traz consigo a esperança de gratificação do amor-próprio perdido. No entanto, ao atirar-se vertiginosamente em todos esses supostos objetos em questão, pode-se vislumbrar o fundo melancólico de uma festa solitária. Pois a intensa liberdade, a qual permite-se o sujeito maníaco em relação aos outros, sequer possibilita uma aproximação real e assunção de outrem em sua respectiva alteridade. O sujeito evolui numa realidade homogênea, sem alívio, onde nenhum objeto se destaca em relação a outro, nenhuma

intenção tem maior importância que a outra e o sujeito em nada consegue se fixar. Em suma, nada parece ter consistência ou peso (LAMBOTTE, 2007).

Finalmente, questiona-se: o que se pode induzir com base nos sintomas típicos da mania? O que tem ela a nos dizer em sua enigmática apresentação? E ainda: de que modo a extensão maníaca poderia nos explicar ou responder questões concernentes a melancolia?

## 1.6 A MANIA PURA

Há um outro ponto também negligenciado pela literatura psicanalítica de que gostaríamos de ressaltar brevemente. A psicanálise tem como ponto de partida, em geral, a hipótese de que a mania enquanto quadro clínico se restringe a uma lógica melancólica. É o seu suposto quadro inverso, sua antítese subjetiva. É, ainda, como disse Freud (1917), uma potencialidade reveladora da melancolia ou, além disso, uma luta travada – seja na mania ou na melancolia – com o mesmo tipo de complexo.

Mesmo que a particularidade maníaca da qual esse estudo pretende se aprofundar seja aquela que contrapõe especificamente a quadros melancólicos e, decorrente aos pontos de interseção que existem entre ambos, há uma outra mania que não se limita à lógica melancólica. Existe uma mania sem melancolia. É aquela que Abraham (1924, p. 134) denominou enquanto “mania pura”. De ocorrência frequentemente cíclica, a crise maníaca poderia, nesse caso, se manifestar sem ter sido precedida por episódios melancólicos. Adiante, o autor parte do pressuposto de que o paciente acometido por crises de mania sem melancolia estaria como que expelindo uma espécie de paratimia primária relacionada a traumas psicológicos vividos na primeira infância. Ora, por mais que aqui nesta hipótese se possa reconhecer uma certa relação ou algum tipo de fundo melancólico, não se trata, sobretudo, de melancolia, ou de ser o inverso do quadro, mas de uma manifestação singular e própria.

Há para a psiquiatria aquilo que se conhece por episódio maníaco. Tal tipo de manifestação configura um quadro unipolar, em distinção ao quadro bipolar que se retrata por oscilações entre mania e depressão.

Encontramos na obra de Binswanger (1987) um paciente com este tipo de quadro clínico, o qual vale a pena mencionar para que possamos ter uma maior compreensão com base em um exemplo. É o caso do Dr. Ambül. Suíço, cirurgião respeitado e de boa condição social, com cinquenta e um anos e sem histórico de quadros depressivos ou maníacos no passado. O paciente passou em determinado momento de sua vida por uma amidalectomia e um suposto quadro de uremia — doença que está atrelada ao mal funcionamento dos rins e excesso de

resíduos no sangue – o que fez com que ele perdesse dez quilos. Foi após o diagnóstico de uremia ser descartado que a crise maníaca se manifestou com uma insônia persistente, logorria em pausa, agitação e euforia, hiperatividade e atividade de escrita em profusão. Em sua casa, o Dr. Ambül passou a demandar de sua esposa e todos os empregados que ali trabalhavam, uma atenção extrema a tudo de importante que ele tinha a lhes ensinar. Com inúmeras diligências, ele estava pronto para dar direções e variadas informações sobre tudo, e queria que todos estivessem ali atentos a cada detalhe. A esposa, ao levantar algumas primeiras reclamações passa então a ser vista enquanto um inconveniente, e ele passa então a culpá-la pela irritabilidade que vive devido à constante oposição que ela apresenta.

Esse breve exemplo clínico serviria para ilustrar aquilo que a psiquiatria conhece pelo *DSM* enquanto episódio maníaco. Não recoberto completamente pela lógica melancólica, este quadro de mania, vem sendo negligenciado, como apontam Vertzman & Junior (2019), em suas diversas possibilidades e manifestações.

## **2 UMA LEITURA FREUDIANA: MELANCOLIA E MANIA**

A conjuntura do quadro melancolia-mania encontra, desde épocas mais remotas, uma definição conceitual oscilante, permeando diferentes estudos, abordagens e nosografias. Não é Freud quem cria a concepção de melancolia, entretanto, é ele quem atribui o seu conceito à Psicanálise. Os pressupostos de 1917 da sombra do objeto que recai sobre o ego e depois o de 1923, de um superego tirânico, acabam por cancelar uma gramática melancólica e maníaca que nos impõe um retorno a Freud na medida em que nossa pesquisa possui como intuito estudar esse tipo de afecção.

Verifica-se em Freud (1917) a hipótese pela qual a melancolia e a mania teriam em seu cerne o mesmo conteúdo, de modo que ambas afecções lutariam contra o mesmo tipo de complexo. A diferença, contudo, residiria no modo como cada uma dessas afecções trava sua batalha. Enquanto na melancolia, o ego adotaria uma postura submissa, rendendo-se ao complexo, na mania, por outro lado, o ego parece tê-lo dominado ou, ainda, o coloca de lado. Para dizê-lo de uma só vez, o percurso inconsciente que se estabelece da melancolia para a mania é aquele que parte do ego sendo derrotado pelo objeto até aquele em que o ego triunfa sobre o objeto. Daí decorreria, então, a transformação abrupta do humor melancólico ou maníaco diante dos possíveis destinos que a relação com esse objeto toma em um percurso inconsciente.

Esse ponto de vista, no entanto, carrega consigo uma série de questões como veremos ao desenrolar desse capítulo. Dentre elas, a hipótese de que o quadro maniaco poderia encontrar toda a sua explicação no melancólico, já que ambos travariam uma batalha parecida em relação ao complexo do objeto perdido e, portanto, não requereria maior atenção. Essa ideia, em certos momentos, acabou por relegar à mania um espaço menor e de pouca interrogação teórica e clínica, aparecendo como um mero apêndice da melancolia.

Já foi mencionado anteriormente que do ponto de vista patológico podemos encontrar melancolia sem mania, e mania sem melancolia como foi indicado por Abraham (1924), a ponto de denominar uma “mania pura” (p.134). No entanto, é importante destacar que o recorte norteador do nosso trabalho possui como intuito empreender uma compreensão mais ampla de ambas essas afecções, ou seja, da díade melancolia-mania e das aproximações e distâncias subjetivas que podem ser evidenciadas nesse quadro. Isto é, em nossa pesquisa, buscamos entender a mania enquanto esse destino singular que se opõe à melancolia ou ainda a melancolia que se opõe à mania; esse duplo sintagma que encontra sua definição na vulgata psiquiátrica de transtorno bipolar. Com isso, pretendemos, nesse capítulo, fazer um contraponto entre melancolia e mania, de modo que tentaremos traçar um desenho das hipóteses por ele levantadas, evidenciar as questões que foram respondidas e aquelas que ficaram em suspenso.

Nesse âmbito, com base na leitura freudiana, a ideia de objeto perdido é nesse ponto passível de novos questionamentos com o intuito de que possamos, ao menos, levantar a questão — e não necessariamente respondê-la — do porquê essa perda causaria tanto dano para esse sujeito. Se a sombra desse objeto faz um certo trabalho na melancolia, na mania ela parece ter se dissipado. Restam, nesse sentido, algumas interrogações quanto ao destino do objeto perdido diante do percurso efetuado pela mania.

Talvez, como diz-nos Freud (1921), a mania seja um quadro determinante para pensar a melancolia, evidenciando-se enquanto uma de suas potencialidades reveladoras. E se em certo sentido a mania continha a chave da melancolia, esse duplo destino patológico tem de ser questionado para além dos limites de uma pura causalidade psíquica.

Por último, tentaremos vislumbrar qual seria o percurso inconsciente que é feito de um quadro a outro na medida em que “o cometa se realiza em sua cauda” (ASSOUN, 2010, p. 11, tradução nossa). Evidenciar quais as possíveis relações subjetivas entre ambos esses quadros, as suas diferenças e aproximações características.

## 2.1 OS RASCUNHOS FREUDIANOS E O VÓRTICE MELANCÓLICO

O sofrimento melancólico já se apresenta desde os primórdios da nossa humanidade. Mas o seu conceito<sup>9</sup> é atribuído à psicanálise por Freud que, então, assume um posicionamento singular ao ir na contracorrente da psiquiatria de sua época, a qual utilizava — enquanto nomenclatura para tal tipo de sofrimento — a conhecida psicose maníaco-depressiva, atualmente designada pela psiquiatria como transtorno bipolar.

É no Rascunho E (1894) e Rascunho G (1895) que a melancolia aparece inicialmente, e posteriormente em *Luto e Melancolia* (1917), dentre outros trabalhos póstumos que tentaremos explorar aqui com a finalidade de apreender os argumentos que integram toda a metapsicologia freudiana sobre o tema melancólico.

No rascunho E (1894), intitulado por *Como se origina a angústia*, é feita uma breve menção ao tema, mas não é a melancolia o ponto central desse trabalho, mas, sim, a angústia em si. Sob a ótica desse texto — com exceção de alguns poucos casos —, a angústia seria a transformação decorrente do acúmulo da tensão sexual, ou seja, da tensão que não encontrou as devidas vias de satisfação. Resumindo, o acesso de angústia estaria relacionado ao aumento da tensão sexual que não pode se ligar. Para ilustrar essa circunstância psíquica, podemos aqui recorrer à metáfora de uma represa que devido a fortes chuvas ou algum outro fator da natureza se rompe. Nesse sentido, o acúmulo das águas que rompem as barreiras seria o equivalente ao acúmulo da tensão sexual que desencadeia a crise de angústia.

Partindo desse ponto, teríamos uma semelhança entre neurose de angústia e histeria. No entanto, no que concerne a este texto, o ponto de nosso maior interesse é a tentativa que nele aparece em distinguir os mecanismos envolvidos na neurose de angústia e na melancolia, ambos os quadros tomados por acessos de angústia.

Ora, é mencionada a frequência do sintoma de anestesia nos quadros de melancolia e a ausência da necessidade de relação sexual que se manifesta nesse tipo de configuração. São sujeitos que por um lado apresentam pouco ou nenhum desejo sexual, mas que são, por outro viés, marcados por “um grande anseio pelo amor em sua forma psíquica — uma tensão erótica psíquica, poder-se-ia dizer” (FREUD, 1894, p. 143). Logo, quando esta última se acumula e não encontra a satisfação buscada, haveria melancolia.

---

<sup>9</sup> É digno de nota que o conceito de melancolia não apareça no Vocabulário de psicanálise Laplanche e Pontalis.

Temos, então, a equivalência entre ambos os quadros e sua respectiva diferença: a neurose de angústia teria como base o acúmulo de tensão sexual física e a melancolia, por contrapartida, o acúmulo de tensão sexual psíquica. No entanto, qual seria o fator envolvido neste tipo de transformação que acontece da tensão sexual psíquica para a angústia? Não fica exatamente claro nesse texto e o próprio Freud o termina mencionando as lacunas que tal teoria deixa. Resta-nos ainda a sensação de um Freud muito centrado na questão da sexualidade.

É no Rascunho G (1895) que o tema da melancolia começa a ganhar maior evidência. São enumerados alguns tópicos principais, dentre eles: a relação que possui o quadro melancólico com a anestesia sexual; a melancolia enquanto o ápice da neurastenia; o caráter cíclico e hereditário que possuem certas formas dessa afecção e, por último, a combinação típica da melancolia com acessos de angústia intensa.

Ao contrário do que se supõem, é neste trabalho — e não em 1917 — que Freud faz o primeiro paralelo entre melancolia e luto ao afirmar que esse último seria o afeto correspondente à melancolia. Ambos os sofrimentos encontrariam equivalência na medida em que possuem como questão principal uma perda diante da qual anseia-se por recuperar aquilo que se perdeu. Na melancolia, essa perda é a da própria “vida pulsional” (FREUD, 1895, p. 150) do sujeito e, portanto, seria por essa perda que ele estaria de luto.

A anorexia nervosa — outro quadro paralelo aqui apresentado — de maneira similar, teria por eixo uma perda libidinal. Ora, o que isso quer dizer? Voltando-se novamente para a questão da sexualidade, significa que ela se apresenta enquanto uma forma distinta de melancolia na qual a sexualidade não se desenvolveu. Dessa maneira, a falta de apetite, confirmada por tais pacientes, encontraria a sua origem pela perda da libido. É com base nesse pressuposto que Freud parte ao afirmar que “a melancolia consiste em luto pela perda da libido” (1895, p. 150-151).<sup>10</sup>

A perda libidinal é apontada nesse texto freudiano como a matriz do processo de melancolia. Nesse âmbito, para explicar como esse processo da perda ocorre Freud parte de um quadro esquemático da sexualidade. Com base nesse quadro, podem-se depreender dois caminhos possíveis, pelos quais se dão nesse tipo de paciente uma perda da quantidade de libido. Vejamos:

---

<sup>10</sup> Veremos posteriormente, ainda neste capítulo, como Karl Abraham (1924) também remete a problemática da melancolia à libido, mas como uma teoria própria inteiramente diferente, na qual ele desenvolve toda uma hipótese de desenvolvimento libidinal. A melancolia estaria relacionada sobretudo a uma regressão — e não de uma perda — da libido para fases arcaicas.

\*No primeiro caso, a produção da libido parece diminuir ou, ainda, sofrer uma interrupção. Para o autor, este seria possivelmente o processo que caracteriza as formas mais graves de melancolia, como a melancolia cíclica, nos quais a afecção ressurgiria periodicamente entre aumento e diminuição ou a suspensão da produção libidinal.

\*De modo distinto, no segundo caso, se dá quando ocorre um desvio da libido e não necessariamente uma diminuição ou suspensão dessa produção. Logo, questiona-se: se a libido continua existindo, para onde foi desviada? A resposta, encontramos na célebre frase: “na fronteira [entre o somático e o psíquico]” (FREUD, 1895, p. 151). Por conseguinte, esta seria ainda a causa da melancolia de angústia, uma configuração mista que abarca tanto a neurose de angústia quanto a melancolia.

Ora, quando Freud demarca que o desvio da libido aconteceria nos confins do psiquismo humano “entre o somático e o psíquico”, cabe-nos sublinhar que o conceito de pulsão ainda não havia se constituído metapsicologicamente enquanto tal. É somente em 1915 que ele encontrará um estatuto conceitual bem demarcado. Ou seja, esse mesmo desvio, essa perda que justificaria a anestesia e o empobrecimento do estado melancólico será a base para a elaboração do próprio conceito de pulsão e o seu caráter limítrofe quando Freud (1915) assinala que esse conceito se situa entre o psíquico e o somático. Ademais, se podemos perceber nesse rascunho o processo melancólico sendo amplamente trabalhado por um viés econômico, o conceito de melancolia parece, de certo modo, interrogar o próprio conceito de pulsão.

Freud (1895) apresenta-nos ainda a melancolia neurastênica, uma terceira forma da afecção, na qual supõe como causa uma descarga intensiva da tensão sexual que estaria relacionada a masturbação em excesso. Um pequeno adendo a ser feito: não nos deteremos aqui nos pormenores de cada tipo de melancolia — nem mesmo Freud o faz nesse texto — mas o que nos chama a atenção é diversidade clínica do quadro, que parece depois não receber tanto o seu enfoque. O que queremos dizer com isso? Sabe-se que Freud não era aquele que recebia maior número de pacientes melancólicos nem se debruçou de forma tão extensiva sobre o tema. Depois de *Luto e melancolia* (1917), e *o ego e o id* (1923), o sofrimento melancólico é sobretudo explicado pelo viés da perda de um objeto — perda essa que se torna uma perda narcísica — e pela relação que se estabelece entre o ego alterado pela identificação com o superego mortífero. Todos esses pontos serão melhor trabalhados no tópico posterior, no entanto, o que gostaríamos de sublinhar é a própria possibilidade e diversidade clínica que atravessa a afecção melancólica, em outras palavras, a sua heterogeneidade.

Pois bem, voltemo-nos mais uma vez ao Rascunho G (1985) e a uma outra questão que é de nosso maior interesse. Como já foi mencionado, previamente, os sujeitos melancólicos experimentam um grande empobrecimento ou ainda a perda da quantidade de excitação<sup>11</sup>. Logo, questiona-se qual é o enigmático mecanismo envolvido nos sintomas principais — o sofrimento, a inibição e a perda da libido — do quadro melancólico?

A ideia principal elaborada até esse momento é a de existe uma espécie de vórtice, ou seja, um buraco “na esfera psíquica (p. 154), denominado por Freud como “hemorragia interna” ou “ferida” (p. 154). Essa consumiria continuamente a maior parte da excitação do sujeito. Diante dessa ruptura, os neurônios<sup>12</sup> teriam que desligar-se de certas associações, suscitando sofrimento para o sujeito. Como consequência o retraimento interno e a diminuição das excitações não encontrariam fim, pois essa “ferida” estabeleceu na “esfera psíquica”, um regime aspiratório. Nesse sentido, essa retração endógena seria a principal responsável pela inibição e funcionaria de modo análogo à experiência da dor física que atrai para si toda a energia do sujeito.

Por outro lado, na mania, identifica-se um percurso inverso, pelo qual o montante de energia que era usurpado pela hemorragia melancólica se comunicaria aqui com todos os neurônios associados, ou seja, o movimento seria contrário. No entanto, não parece se evidenciar nesse texto nenhuma explicação para que o processo melancólico possa inverter seu rumo para outro maníaco. Afinal, teria essa “ferida” cicatrizado? Que processo poderia ter subitamente estancado a “hemorragia interna”? O que pode tornar livre esse montante que antes era aspirado? Logo, temos nesse rascunho uma explicação que parece dar conta da questão econômica do quadro, isto é, um argumento que se baseia sobretudo em um quantum de energia.

Com base no que foi apontado até este momento, podemos depreender as primeiras hipóteses freudianas feitas sobre o quadro melancólico. Ainda que a ideia de “ferida” aberta e “hemorragia interna”, no que tange à temática melancólica, se mantenha até os dias atuais é importante ressaltar que a teoria freudiana passa por diversas mudanças após seus primeiros apontamentos. A própria ideia de uma equivalência entre o luto e melancolia passa por uma sofisticação, de modo que a melancolia encontra no luto o seu negativo. Trata-se da hipótese

---

<sup>11</sup> Na época em que escreveu o Rascunho G, o conceito de pulsão enquanto tal ainda não estava devidamente sedimentado. Freud usa a palavra excitação de modo que ela parece equivaler a pulsão ou quantidade de libido quando ele aponta a melancolia como um quadro de luto pela perda libidinal.

<sup>12</sup> Trata-se de um Freud profundamente influenciado por sua base científica e em sua tentativa de dar conta da esfera psíquica por um meio neuronal fantástico, ou seja, não são neurônios de fato encontrados em uma anatomia humana, mas que tentam ilustrar questões subjetivas.

mais conhecida sobre a melancolia em Freud: aquela de uma perda amorosa objetal que acaba por se transformar em uma perda do próprio sujeito. Veremos a seguir.

## 2.2 A FALTA A SER E A ODE AO OBJETO

*“Pessoalmente não tenho nada contra os cemitérios, passeio neles com prazer, com mais prazer do que em outros lugares, talvez quando sou obrigado a sair. O cheiro dos cadáveres, que sinto nitidamente sob o cheiro da relva e do humo, não me desagrada. Talvez um pouco doce demais, um pouco estonteante, mas como é preferível ao os vivos, das axilas, dos pés, das bundas, dos prepúcios cerosos e dos óvulos desapontados. E quando os restos do meu pai dão sua contribuição, mesmo que modesta, por pouco não me vêm lágrimas aos olhos. Por mais que se lavem, os vivos, por mais que se perfumem, eles fedem.”*

*(BECKETT, 2004, n.p)*

A melancolia, enquanto um conceito que expressa distintas formas de sofrimento, tem como solo um longo período na tradição ocidental. A sua condição existencial estava relacionada ao homem de gênio, aquele que carregaria consigo todo peso do mundo tal como no mito de *Sísifo*. Dotado de tendências artísticas, esse sujeito sofreria, sobretudo, por ter uma alma vulnerável a desejos arrebatadores e a criatividade poética. Mas comecemos por advertir ao leitor: a melancolia em Freud parece perder um pouco dessa magnitude outrora conferida pelo romantismo e pela antiguidade.

Nesse âmbito, aponta Kehl (2011), o melancólico freudiano nos é apresentado por suas intensas autoacusações como um sujeito desagradável, monótono e mesquinho, e guarda pouca semelhança com o homem de exceção aristotélico. É uma ideia aborrecida da melancolia que faz luz nessa configuração diante da qual iremos nos debruçar agora.

A melancolia é apresentada por Freud (1917), em paralelo ao luto com a proposta de estabelecer uma distinção com base nas particularidades que se manifestam em ambos esses

estados como reação a uma perda. Aliás, a perda pode ser evidenciada como elemento central nessas duas configurações. No entanto, diante dos mesmos acontecimentos testemunha-se em algumas pessoas a presença de um estado melancólico ao invés de um estado de luto.

Ora, o que exatamente acontece no processo de luto<sup>13</sup> que não acontece na melancolia? A pessoa enlutada, assim como a melancólica, não sabe necessariamente o que foi perdido junto com o objeto, exceto que o trabalho realizado pelo luto consiste justamente em tornar o sujeito consciente das representações que constituem essa relação com a perda do objeto.

Imaginemos uma pequena história: a realidade intervém com todo o seu peso lembrando ao sujeito que o objeto amado não existe mais por alguma desfeita da vida. O sujeito precisa, então, desligar toda a libido que outrora era investida neste. Todavia, antes que se possa aceitar o fardo apresentado pelo destino, há um processo no qual efetua-se a supervalorização de tudo o que se relaciona a esse objeto perdido, incluindo suas representações e memórias, de modo que o sujeito possa então — no seu devido tempo — inseri-las em uma cadeia de significância e de assunção da realidade até que, por último, a quantidade de investimento destinada para tal se esgote. Temos sob essa ótica o que acontece no processo de luto pela perspectiva freudiana.

Trata-se de um trabalho que se desempenhará paulatinamente, custando ao indivíduo um grande dispêndio de energia e tempo até que se possa efetivamente ocorrer um desligamento da libido em relação ao objeto perdido, e abdicar deste. Como aponta Freud (1917), nenhuma pessoa abandona tranquilamente um objeto de amor, nem mesmo com a possibilidade de um substituto em vista<sup>14</sup>. Logo, o trabalho feito pelo luto realizaria esse desligamento preciso do objeto perdido, para que o sujeito pudesse mais uma vez investir a sua libido em outros objetos.

A melancolia, por outro lado, seria um processo que se efetua na contramão do luto, na impossibilidade de abrir mão do objeto. O objeto, aqui, não é algo que necessariamente morreu, mas que talvez tenha causado uma grande decepção e se perdeu como objeto de amor.

---

<sup>13</sup> O conceito de luto será posteriormente explorado nesse trabalho de forma crítica. Cabe apenas lembrar ao leitor que se um por lado sabe-se que não era do luto que Freud tentava dar conta em 1917, mas da melancolia, por outro ele acaba criando uma versão própria do luto que ignora uma série de fatores, nos deixando com uma certa impressão do luto como um pressuposto conceitual e teórico dado e inequívoco.

<sup>14</sup> Esse ponto, contudo, parece-nos fazer referência a uma época que não encontra consonância na atualidade. Se tomarmos a contemporaneidade como exemplo, e o modo como se estabelecem as relações, pode-se justamente pensar o contrário. Ou seja, os objetos da atualidade parecem ser facilmente substituíveis, a cadência das relações é veloz, e os laços parecem se perder como se nunca tivessem existido. Por um lado, se o melancólico é aquele sujeito que não quer abrir mão de seu objeto amado, o sujeito pós-moderno é aquele que parece não conceder tanta importância ao objeto e as suas relações apresentam uma grande fluidez.

No entanto, iremos pensar ao longo do nosso trabalho que se o melancólico não consente a perda, e não quer que nada saia de seu devido lugar, é porque talvez ele tenha seus bons motivos para isso. Perder o objeto amado é inaceitável para ele, mas, quiçá, seja justamente isso que o sustente.

Nessa mesma conjuntura, Freud (1917) descreve-nos a melancolia como um estado de desânimo profundo, perda da capacidade de amar e de escolher um novo objeto de amor, desinteresse pelo mundo externo e pelas atividades cotidianas, acrescentando a esses os sentimentos de autoestima reduzidos e a auto recriminação. A consequência é a espera do sofrimento e da punição de modo quase delirante.

Desse modo, com exceção da autoestima reduzida, essas mesmas características são encontradas no processo de luto. Ademais, os quadros se assemelham. Aqui temos, então, um primeiro ponto que é destacado por Freud: a principal característica que diferencia esses estados é a autoestima, que na melancolia parece sofrer um grande abalo.

Enquanto no luto é o mundo que se torna desinteressante, no quadro clínico da melancolia é o próprio ego. O discurso melancólico desembaraça-se de modo que evidencia o próprio desagrado do sujeito consigo mesmo. Esse, retrata-se como indigno e não merecedor de nada. Refere-se a si mesmo sem nenhum pudor como sendo uma pessoa da pior espécie.

No entanto, como intui Freud (1917), há algo de curioso nesse discurso. É o fato de que o melancólico parece encontrar uma satisfação disfarçada nesse delírio de inferioridade. Pensando bem, se tais pessoas fossem mesmo tão indignas quanto o dizem ser, não deveriam apresentar-se com maior humildade? Entretanto, isso não parece acontecer, nem no que diz respeito às suas relações nem na atitude que apresentam frente ao mundo. Pelo contrário, são pessoas extremante exigentes e críticas. A vida é para eles uma figura injusta e o destino certamente não lhes favoreceu. Ah, o destino! Este duplo que é pai de alguns e padrao d'outros. Tal não poderia ser, em certa medida, o dito melancólico?

Destarte, uma escuta atenta, mostrará que as recriminações mais hediondas que o melancólico lança sobre si mesmo, na maioria das vezes, não condizem consigo, mas sim com uma outra pessoa: trata-se daquele o qual o sujeito ama, amou ou deveria amar e perdeu. Ou seja, o que encontramos no palco inconsciente do universo melancólico é, em realidade, um maldizer às avessas. Nesse sentido, o que acontece é que ao se defrontar com a ausência do objeto o sujeito se identifica narcisicamente com este para não o perder (FREUD, 1917).

Logo, o que o trabalho melancólico evidenciaria é, então, uma desesperada tentativa para poder salvaguardar o objeto dentro de si. Mas como isso se torna possível? A ideia de conter o objeto dentro de si é uma das questões mais enigmáticas dessa hipótese. Para melhor

entender, iremos aqui partir da labiríntica frase freudiana de 1917, a qual numa primeira vista capta o leitor quase exigindo-lhe uma releitura:

Desse modo, a sombra do objeto caiu sobre o ego, que então pôde ser julgado por uma determinada instância como um objeto, como o objeto abandonado. Assim, a perda do objeto se transformou em perda do ego e o conflito entre o ego e a pessoa amada em uma bipartição entre a crítica do ego e o ego modificado pela identificação. (FREUD, 1917, p. 60-61)

Marcado pela impossibilidade de perder o objeto, o melancólico se identifica com a sombra deste. A libido que antes estava investida no objeto se volta para o próprio ego servindo de base para uma identificação narcísica com o objeto perdido. Como reação à dor da perda, e com a finalidade de poder reter o objeto, ou ainda a relação com o objeto, uma parte do ego torna-se ela mesma o objeto abandonado. Logo, o objeto que antes era externo, foi incorporado<sup>15</sup> através da identificação narcísica, e tornou-se uma parte do próprio ego do sujeito. É trazer em totalidade o outro, ou a sombra do outro que é o que lhe restou, para dentro de si. É apegar-se a uma imagem mimética. De modo que é a sombra do objeto perdido que vai lhe trazer um contorno, garantindo paradoxalmente a sua existência.

Nesse âmbito, o que a configuração melancólica parece convocar é a ideia de uma concretude e temporalidade do objeto, como se esse tivesse que estar localizado no tempo e no espaço externo. Uma vez feita a identificação narcísica, o melancólico pode guardar o objeto amado-abandonado perpetuamente, ou seja, o objeto é imortalizado.

No entanto, o percurso que se estabelece entre a perda do objeto até identificação com este acaba por cobrar do sujeito um preço alto. Uma vez que a perda não parece ser legitimada, todo esse enigmático processo para salvaguardar o objeto passa por uma clandestinidade que relega o sujeito a uma espécie de limbo. Como relembra Freud, o ego cinde-se em dois: uma parte do ego se coloca enquanto uma instância crítica<sup>16</sup> a subjugar a outra parte alterada pela identificação. Nesse sentido, podemos salientar o trabalho tão primordial efetuado na melancolia de uma instância crítica que julga e maltrata o ego. Logo, se tais pacientes se

---

<sup>15</sup> Segundo o vocabulário de psicanálise Laplanche e Pontalis, a incorporação constitui uma espécie de protótipo da identificação, no qual a relação com o objeto e a meta pulsional assumiriam características da fase oral. Seria um modo de preservar o objeto no interior do próprio corpo. Cabe, contudo, ressaltar que o conceito de identificação na obra de Freud possui uma pluralidade de sentidos e possibilidades que não esta.

<sup>16</sup> Posteriormente, no ano 1923 no trabalho *O ego e o id*, Freud desenvolve o conceito de Superego, que assume este papel de instância crítica em relação ao ego. Tal instância possui duas facetas distintas: uma que impulsiona o indivíduo ao laço social e ao desenvolvimento das sociedades mais complexas, e uma outra, que se dá no caso da melancolia, no qual o superego se comporta de forma cruel e tirânica com o ego.

difamam com tamanha ausência de pudor, isso acontece pela razão da qual as críticas<sup>17</sup> que fazem em relação a si mesmos, são em realidade dirigidas a outrem. Eis o cerne da relação ambivalente que o melancólico mantém com seus objetos: amados e odiados ao mesmo tempo.

Logo, a ideia de conflito freudiana parece mudar de cenário. Ou seja, se o conflito até então se apresentava entre o ego e a pulsão, ele também pode se configurar entre instâncias. A ideia de uma instância crítica, parece, contudo, ser o prelúdio para o conceito de superego posteriormente desenvolvido.

Ora, aos poucos a atitude sintomática da melancolia de autodepreciação vai ganhando um pouco mais clareza, até mesmo suas demasiadas queixas. Mas o que está sendo nomeado de queixa? Como pode ser esclarecido na laboriosa tradução de *Luto e melancolia* feita por Marilene Carone (2011), a queixa melancólica possui o sentido de dar queixa<sup>18</sup>, ou seja, refere-se a uma acusação pública. Se o melancólico não cansa de prestar queixas, esse talvez seja um dos fatores que torna mais angustiante a clínica com esse tipo de pessoa, e os impasses transferenciais que daí podem decorrer. Sob o peso que carrega com a sua existência, o que esse tipo de paciente parece-nos dizer é que se trata de uma queixa da ordem do impossível.

Logo, o analista escuta atento as queixas compulsivas e é conduzido por meio delas ao universo insípido do paciente. Encontram-se ambos em meio a uma aporia, a um beco sem saída. O paciente, então, mostra-lhe que não adianta o esforço por parte do analista, que esse não crie em vão falsas esperanças, afinal, nenhuma mudança será capaz de ressarcir o abandono vivido pela decepção com o objeto. No entanto, trata-se de um abandono que ele mesmo não consegue localizar, parece-nos que alguma coisa se perdeu em meio a uma desordem temporal. Como efeito de tal extravio, a fala melancólica expressaria ainda um *sempre foi assim* ou *agora já não adianta mais*.

Logo, estamos diante da outra problemática levantada como pano de fundo para o conflito melancólico; sobretudo, é a ideia de uma perda que não passa pela consciência. Ou seja, mesmo que em alguns casos o sujeito consiga identificar a perda que ocasionou a crise melancólica, e que possa ainda, identificar qual foi o objeto perdido que lhe relegou a esse estado, ele mesmo não é capaz de identificar exatamente o que foi perdido junto com esse objeto (FREUD, 1917).

---

<sup>17</sup> Percebe-se que dentre estas recriminações que o sujeito dirige contra si próprio algumas são verdadeiras. Elas têm como intuito mascarar as outras e ocultar a realidade desse engenhoso trabalho.

<sup>18</sup>A tradução brasileira da Standard nos apresenta um sentido diferente para a palavra alemã “Ihre Klagen sind Anklagen” no qual suas queixas são “queixumes”.

Nesse ponto, Ogden (2014) ressalta a ambiguidade que pode ser evidenciada nessa passagem: o melancólico não sabe a importância que a relação com esse objeto tinha para ele? Ou ainda, será que ele não sabe o que pode ter perdido de si mesmo quando perdeu o objeto? Enquanto a primeira hipótese poderia se voltar para a relação com o objeto, a segunda, diz respeito a uma alteração de si mesmo como reação a perda. Uma ou outra (seriam ainda as duas?), o que podemos encontrar na melancolia é uma perda de objeto inconsciente e é, ainda, uma perda de objeto que se torna perda do ego, perda de si. Nesse sentido, vamos apostar aqui que o conflito melancólico se apresenta na esfera das relações com o objeto, seja na escolha objetal, na identificação, seja no envilecimento que se coloca sobre o ego. Mas o que isso quer dizer?

Como já foi desdobrado até agora, as queixas melancólicas, ou melhor dizendo, a queixa que o melancólico presta, parece ser evidenciada no texto de 1917 como uma queixa que se dirige ao objeto que o decepcionou. Nesse âmbito, o sujeito está imerso em uma “constelação psíquica da revolta” (p. 60-61), e essa revolta parece ser com o objeto.

Nesse sentido, Freud nos apresenta a sua ideia sob a configuração melancólica com base nas características inconscientes que o ego pode assumir em relação ao objeto e à realidade, e dos aspectos cindidos do ego. Se tomarmos como base a leitura de Ogden (2014), o que se inaugura nesse novo modo do pensamento freudiano é uma nova concepção da estrutura do inconsciente pautada na ideia das relações de objetos internos e inconscientes. Embora Freud não delineie o processo melancólico com base nessas definições conceituais, pode-se partir de uma certa perspectiva pela qual a metáfora da sombra do objeto cria uma relação objetal interna como fuga da dor. Ou seja, ele troca a realidade externa pela realidade interna na qual detém consigo uma ideia, um “substituto imaginário” (p. 44). Eis a sua forma de controlar a imperfeita realidade. Mas como moeda de troca, o sujeito é apartado de toda a vida que pode encontrar na realidade externa, sofrendo como consequência o peso da desvitalização.

Nesse sentido, questiona-se: o que o objeto significa para esse sujeito a ponto de causar a melancolia? Que lugar é esse de tanta potência que ocupa esse objeto? Se falamos aqui de um ego que não pode sofrer determinada perda objetal, não questionamos, contudo, de que ordem é essa perda.

Ao tentar reconstruir esse processo, da perda que originou o quadro melancólico, Freud evidencia-nos: por um lado, a fixação no objeto de amor deve ter sido muito intensa e, por outro, houve uma grande fragilidade na resistência desse investimento objetal. Esse paradoxo, parece decorrer do fato de que a escolha do objeto tenha se efetuado sobre uma base narcísica, e que então o investimento que se mantinha com o objeto perdido “possa regredir para o

narcisismo” (p. 62-63)<sup>19</sup>. Segundo a tradução de *Luto e Melancolia* feita por Marilene Carone (2011), Freud destaca que há na melancolia um mecanismo de regressão, mas que esse se dá através da substituição, ou seja, substitui-se o investimento amoroso que se tem com o objeto pela identificação narcísica com este (FREUD, 1917).

Nesse âmbito, o texto do narcisismo, elaborado em 1914, preparava terreno para as hipóteses que surgiriam sobre a melancolia. Se num primeiro ponto o bebê se encontra em um estado no qual existe uma libido original do ego, parte dessa libido será posteriormente destinada a objetos externos. Mas, inicialmente, essa libido do ego está vinculada com a catexia objetual do mesmo modo que uma ameba se relaciona com “os pseudópodos que produz” (p. 83), ou seja, não há diferenciação. Essa catexia objetual pode ser continuamente transmitida e retirada dos objetos, levando Freud a especular sobre a sua hipótese de uma libido do ego e uma libido objetual, as quais num primeiro momento não conseguem ser diferenciadas pela criança.

Nesse âmbito, é justamente o paulatino processo de diferenciação de um modo de libido para outro que levará a constituição de uma diferenciação entre ego e objeto, sem que esse último seja percebido como uma extensão de si. Essa diferenciação entre as energias psíquicas da libido do ego para a libido objetual é que começa a demarcar para esse pequeno bebê alguma noção de alteridade. É um processo que acontece num desenrolar, partindo da identificação narcísica para o vínculo objetual narcísico. É nesse ponto que, ao voltar ao texto de 1917, encontramos o problema melancólico. Para Freud, a melancolia constitui uma afecção de ordem narcísica, ou seja, o paciente melancólico em sua infância, por algum motivo não pôde fazer uma passagem bem definida entre o narcisismo e o amor objetual. Logo, podemos pensar então que esse só pode estabelecer relações com seus objetos de amor de ordem narcísica e que, por consequência, cada perda imposta pela realidade evidenciará para o sujeito uma perda de si mesmo; isto é, cada perda de objeto reatualizará um modo traumático de se relacionar e de existir (OGDEN, 2014).

Baseando-se no modelo melancólico visto até aqui, parece-nos que a perspectiva freudiana traz em seu cerne a ideia da melancolia como um negativo do luto, com um processo faltoso. Na medida em que o luto realiza essa tarefa gradativa de desligamento e reinvestimento da libido — no qual espera-se que, em certo ponto, o apego ao objeto perdido possa se atenuar e que, por fim, aceite-se a realidade imperfeita — na melancolia, esse trabalho não pode ser

---

<sup>19</sup> Nesse ponto, cabe-nos destacar uma diferença importante no que se refere à tradução do texto. Na tradução S.B. encontramos o termo *retroceder* em contraste com a tradução feita por Marilene Carone (2011), na qual aparece o termo *regressão*. Mesmo que o conceito de retroceder possa ser usado como um sinônimo para o de regressão, esse último é essencial na obra de Freud, de modo que é importante que seja evidenciado toda vez que surge.

feito. Destarte, questiona-se: partir do pressuposto de que o luto é a condição adequada, não seria em certa medida desmentir o próprio trauma da perda ou o valor dado ao objeto? Afinal, o que tornaria uma perda possível de ser mediatizada?

### 2.3 POR QUE O SUPEREGO É MORTÍFERO NA MELANCOLIA?

A introdução do conceito de narcisismo na teoria freudiana é responsável por diversas reformulações de extrema importância para as hipóteses que se deram posteriormente em sua obra. A partir desse momento, a sua preocupação torna-se mais central com as questões que giram em torno do ego, de modo que essas novas hipóteses se consolidam com maior êxito na segunda tópica. A esse respeito, o texto intitulado *Para introduzir o narcisismo* (1914), não apenas possui como eixo principal a noção de ego e de sua constituição como também possui intrínseca relação com a hipótese desenvolvida posteriormente sobre a melancolia, e servirá de solo para a ideia de identificação narcísica com o objeto perdido.

O desenrolar desse texto (1914) evidencia a hipótese de que não há desde o início um ego e de que este tem de ser desenvolvido, ou seja, tentando resumir, é necessário que alguma ação psíquica inédita atravesse o autoerotismo<sup>20</sup> com o propósito de originar um aparato narcísico. Em outras palavras, o narcisismo diz respeito à própria constituição egóica e do sentimento de si que daí decorre. Desse modo, o narcisismo pode então ser lido como um estágio necessário para a constituição da subjetividade humana. Ele não apenas ampara e integra o psiquismo, como também é responsável por ultrapassar o autoerotismo, viabilizando o desenvolvimento de uma figura positiva e diferenciada do objeto — é, ainda, a própria condição de formação do ego.

Nesse âmbito, aqui, existem duas instâncias envolvidas nessa construção narcísica, nas quais iremos nos deter em maior detalhe para pensar a problemática da melancolia e da mania: o ego ideal e o ideal do ego.<sup>21</sup>

Para tal, vamos pensar na experiência da infância e de que modo essa poderia encontrar consonância na representação desses dois conceitos apontados acima. Logo, há um tempo no

---

<sup>20</sup> Trata-se de um estado original da sexualidade infantil anterior ao do narcisismo, no qual a criança obtém a satisfação das pulsões sexuais recorrendo a uma parte do próprio corpo, sem objeto exterior. Nem o ego e nem o corpo possuem ainda uma imagem unificada. O autoerotismo é um termo que encontra ambiguidade na obra freudiana, quando em 1920 é substituído pelo narcisismo primário. No entanto, essa distinção continua ambígua e encontra problemas: não fica evidente se o narcisismo primário coincide com o autoerotismo ou se é uma fase distinta desse. Um outro ponto complexo reside no fato de que para haver narcisismo tem de existir ego — e esse último não está presente desde a origem.

<sup>21</sup> Ego ideal e Ideal de ego são dois termos que eventualmente se confundem na obra freudiana ou ainda que possuem uma compreensão não tão clara quanto a sua distinção.

qual a criança é alvo do discurso apaixonado dos pais. É uma época na qual ela pode tudo e de nada será privada. Todas as mais belas fantasias sobre o que essa criança alcançará um dia serão aqui travadas. Ora, o encantamento que uma criança nos proporciona se deve, em parte, ao seu estado de autossatisfação, ou seja, ela está plena em seu narcisismo original. Logo, o ego ideal representa esse momento de completude e é, ainda, uma forma que os pais encontram de reviver o narcisismo próprio, do qual há muito tiveram que abdicar. Trata-se de um tempo épico, no qual a criança passa pela vivência de um estado de perfeição no qual ela é a “*sua majestade o bebê*” (p. 98). Nesse sentido, o ego ideal encontra o seu alicerce nessa primeira experiência da onipotência narcísica, é sobretudo essa vivência que servirá de base para uma imagem futura idealizada de si mesmo. No entanto, esse estágio de perfeição não é eterno, e em algum momento as regras do jogo mudam radicalmente. Essa criança, então, se encontra à deriva das limitações externas impostas pelo mundo e pela castração (FREUD, 1914).

Nesse âmbito, o desenvolvimento da subjetividade se dá com base em certas renúncias, e implica um distanciamento desse momento inicial de perfeição. Em outras palavras, no decorrer de sua vida, mais cedo ou mais tarde, o sujeito há de se deparar com as inúmeras sanções da vida social e com o surgimento das próprias autocríticas, as exigências do mundo externo se intensificam, e em algum momento esse lugar de onipotência tem de ser abandonado. Logo, pode-se dizer que se, por um lado, abre-se mão dessa perfeição vivida pela experiência da onipotência narcísica, por outro lado, empreende-se uma árdua busca pela retomada desse estado, mas num outro formato, ou seja, não se abre mão completamente. Esse outro formato seria o ideal do ego. Esse, enquanto configuração psíquica, expressa para o sujeito uma boa ideia de si mesmo no futuro, ele acontece rumo a um porvir, mas possui como égide um passado perdido.

Nesse sentido, o amor próprio vivido pelo ego ideal se desloca para um ideal do ego. Logo, o ideal de ego traz em seu âmago a imagem idealizada projetada pelos pais e o amor de si mesmo usufruído na infância pelo ego ideal<sup>22</sup>. Ele é, ainda, a tentativa de suprir um narcisismo original, isto é, equilibra-se entre a busca da perfeição que se perdeu e o esforço de conformar-se com as exigências dos pais, de si e do social. É a base para uma identificação, e para a elaboração do processo de luto e do distanciamento da fantasia original de onipotência narcísica. Nesse ponto, levanta-se a questão: o que acontece quando essa construção narcísica fracassa em sua origem?

---

<sup>22</sup> O ego ideal não é um estágio inicial a ser superado e substituído por outro que é o ideal de ego. Ambas essas configurações se perpetuam sob o indivíduo adulto, de modo que é o ego ideal que possibilita a transformação do ideal de ego.

Como aponta Pinheiro (1995), o que parece estar em falta na melancolia é justamente essa primeira ilusão de um ego ideal que poderia sustentar tantas outras, que viabilizaria um encontro menos árido e mais palpável com a vida diante da inevitável castração. Parece-nos que o ego ideal seria uma espécie de fiador da ideia de um futuro melhor, e tornaria possível para o sujeito nutrir a confiança em alguma promessa. Mas não é esse o sujeito melancólico. Pelo contrário, está longe de poder se iludir, e seus traços identificatórios se expressam sob o desígnio da perda, da morte e do desamparo vivido constantemente pelo sujeito. Aliás, esse tipo de pessoa pouco parece poder confiar em alguma coisa. Aqui, pode-se pensar que esse *nada* a que o sujeito se retrata continuamente seja talvez o *nada* que lhe restou numa época tão primeva, o nada de uma fantasia que seria sua por direito e lhe faltou, sobrando apenas a dor.

Nesse sentido, diante de um ego ideal que não parece suprir a crença narcísica do sujeito, o ideal do ego na melancolia se apresenta de forma cruel e perseguidora que diversas vezes assume a expressão de um tudo ou nada. Ou o sujeito é perfeito conforme a imagem ideal que ele mesmo inventou para si, ou ele é um fracassado em relação a esse ideal fixo. O que falta aqui é a possibilidade da nuance, a ideia de chegar lá, de deslizar pelo tempo rumo a um objetivo (PINHEIRO, 1995).

O tema da melancolia se amplia sob o olhar freudiano em seu trabalho intitulado *O ego e o id* (1923). A partir de então, Freud passa a dividir o aparelho psíquico de um modo no qual a questão do conflito psíquico baseia-se intrinsecamente na relação que se estabelece entre as instâncias. Como neste trabalho pretendemos explorar a temática da melancolia e da mania, partiremos de um enfoque voltado para o conflito que se apresenta nesse tipo de configuração.

Nesse sentido, o quadro melancólico recebe em 1923 uma nova leitura freudiana, a qual irá complementar a hipótese previamente apresentada da sombra do objeto: é a ideia de um superego tirânico e cruel que, no caso da melancolia, estaria sob o jugo da pura cultura da pulsão de morte. Logo, temos a entrada de um novo personagem no cenário melancólico, aquele impetuoso superego que assumirá um posicionamento cruel e sem a menor piedade na sua relação com o ego. Assim, como se tivesse se apropriado de todo o sadismo do sujeito, o superego pode levar o próprio ego à morte, e isso pode ser evidenciado tanto no que diz respeito a uma anulação subjetiva e a uma sintomatologia mórbida quanto por uma morte concreta, como no caso do suicídio. A morte, nesse âmbito, é um significante que assume protagonismo na melancolia. E quando não se manifesta pela ótica da mortificação do sujeito é, ainda, pelo desígnio tão comum no quadro de um pavor de morrer, ou seja, quando o sujeito teme veementemente a morte — outro tema também abordado nesse trabalho por Freud.

O medo melancólico da morte também encontraria seu baluarte na relação que mantém com o superego. Trata-se, nesse sentido, de um ego que se abandona, e que por se sentir odiado pelo superego teme as consequências ao qual será imposto (FREUD, 1923). Dadas elucubrações até o momento, podemos pensar numa pequena narrativa para nos servir de metáfora. Uma criança que está entregue a um colégio interno da pior espécie, por exemplo. Exausta em meio a diretrizes opressoras e a diligências que ela não acredita ser capaz de atender, essa criança então desiste. Ao abandonar-se, ela teme qual será o seu destino, qual será o seu veredicto e o seu castigo? É mais ou menos nesse sentido que podemos pensar o ego do melancólico em relação ao seu superego, e o medo constante da morte que com maior ou menor frequência, alcança essa configuração.

O superego de 1923 inclui a instância de ideal do ego como uma de suas três funções (auto-observação, consciência moral, ideal de ego). Ao incluir o ideal de ego como uma das funções do superego, ambos parecem confundir-se em sua obra. Ou seja, não se evidencia, ao longo desse texto, uma diferenciação muito clara entre ideal de ego e superego, nem Freud o fará posteriormente, apresentando-nos diversas vezes essas instâncias como similares. Contudo, resta-nos pensar numa certa diferenciação ao tomar como base o texto do narcisismo. A respeito dessa não diferenciação conceitual, Freud (1914) fala-nos de um “agente psíquico”<sup>23</sup> (p. 102), que seria responsável por medir a distância entre o ego e o seu ideal. Desse modo, o superego poderia ser visto também como aquele que avalia a distância que existe entre o ego e seu ideal. Essa distância, no que se refere à melancolia, não parece poder ser mediatizada, ocupando-se de ser o álibi do sentimento de derrota do melancólico.

Com base no que foi visto até agora, podemos depreender as diferentes hipóteses freudianas no que tange ao quadro melancólico tanto pelo viés da perda objetal e da identificação narcísica quanto pelo enfoque de um superego mortífero e impiedoso para como ego. Há de se prestar atenção, contudo, na ideia de um ego que não se sente possuído das capacidades de lutar tanto contra a perda quanto contra a perseguição superegóica.

Se até então a problemática narcísica da melancolia já era evidenciada, é pertinente levar em conta a nosografia apresentada por Freud em 1924 e as respectivas diferenciações patológicas do ponto de vista do conflito psíquico, ou seja, observar que a origem do adoecimento encontraria aqui seu substrato na problemática das funções do ego em sua relação com as outras instâncias psíquicas. Segundo essa classificação, teríamos: a neurose de transferência (conflito entre Ego e Id), a neurose narcísica (conflito entre ego e superego), e a

---

<sup>23</sup> Esse termo parece na obra freudiana servir como base para o desenvolvimento do conceito de superego.

psicose (conflito entre Ego e mundo exterior). Nesse sentido, a melancolia seria denominada por ele enquanto uma neurose narcísica e, tomando como base as suas observações, haveriam fortes motivos para separar os estados melancólicos daqueles que podem ser encontrados na psicose.

São diversas as questões suscitadas nesse texto (1924) cujo próprio autor assume que se por um lado adquirem-se novos conhecimentos sobre as instâncias psíquicas, por outro, as interrogações que daí decorrem também aumentam.

Nesse âmbito, por mais que Freud (1924) denomine a melancolia enquanto uma neurose narcísica onde o conflito se apresenta entre o ego e o superego, a questão de uma fragilidade do narcisismo e do ego melancólico não parecem ocupar muito o cenário de sua teoria. Se encontramos na melancolia um ego que se abandona aos flagelos do superego, há de se perguntar que ego é esse que podemos encontrar sob determinada configuração que do nosso ponto de vista não é nem uma psicose nem uma neurose?

O superego apresenta-se enquanto instância interditora e, possivelmente, será aquele que julgará qual a distância entre o ego e o seu ideal. Mas o que, por ventura, acontece na melancolia que essa distância parece despojar o sujeito de suas capacidades?

Parece-nos que sob esse prisma o superego melancólico é opressor e tirânico com o ego, pois não encontra limite na consistência narcísica. Já mencionamos nesse trabalho que o ideal de ego traz ao sujeito uma dimensão temporal de futuro; ele é pauta de uma esperança pela qual pode se suportar o presente, é a promessa do desejo e de que esse pode ser alçado e é, ainda, a possibilidade de poder abrir mão do estado de onipotência. Numa simples conjectura de palavras, para perder alguma coisa é preciso antes de tudo tê-la. No entanto, é preciso uma base sólida para que essa crença exista, para ser capaz de se iludir e construir caminhos viáveis. O ego ideal seria, contudo, esse alicerce que daria suporte ao ideal. Nesse sentido, parece-nos que o caminho que ego ideal faz para emergir sob o novo formato de um ideal de ego não encontrou uma experiência narcísica consistente. Essa superfície segura que possibilitaria ao sujeito buscar novos horizontes sofreu algum tipo de abalo. Esse chão parece ter se aberto, trazendo a dimensão de um abismo. E não é raro aparecer no discurso melancólico a ideia de um *chão que falta*.

Nesse âmbito, é possível pensar que o circuito que se estabelece entre o ego ideal e o ideal de ego encontrou alguma dimensão problemática, de modo que ambos ficam intensamente submetidos ao jugo feroz do superego. Logo, o sujeito melancólico expressa-nos a verticalidade de sua existência e uma pele que parece estar sob a flor de si mesma. A sua dimensão de futuro

esmaece, o seu tempo parece escorrer pelas mãos, as sensações de queda e de peso absorvem-no. É ainda a ausência de um horizonte que poderia fazer luz.

No entanto, essa mesma queda encontra seu suposto quadro inverso na mania por toda uma sintomática pautada na ascensão do sujeito. O sujeito maniaco é um sujeito que cresce, que está voando sozinho nas próprias ideias e que parece, sobretudo, estar livre do jugo do superego como Freud o defenderá em suas últimas colocações. No próximo tópico, iremos tentar compreender esse outro destino que nem todos os melancólicos conhecem.

#### 2.4 DO TRIUNFO DO OBJETO À SATURNÁLIA<sup>24</sup> DE SI

*“Reúne em si, toda a majestade que estava confusa em todos nós, e que habitava imperceptivelmente os atores deste festim... Um simples andar, e aqui está a deusa; e nós quase deuses! (...) Parece enumerar e contar em moedas de ouro puro, aquilo que gastamos distraidamente em vulgares níqueis de passos quando vamos a algum lugar.”*

(VALERY, 2005, p. 27)

Desde Luto e melancolia (1917) — o primeiro texto onde há um discurso mais significativo sobre o tema da mania —, Freud assume que existem pontos cegos e problemas irresolutos no que tange tal afecção. Entretanto, acaba por não se dedicar muito ao assunto em seus trabalhos posteriores, não havendo nenhum texto sequer especificamente destinado ao tópico, apenas passagens breves. Tampouco, notamos a evidência da temática da mania nos seus casos clínicos.

Segundo Freud, o conteúdo da mania não seria distinto do da melancolia, e ambas as desordens não estariam, senão, a lutar contra o mesmo complexo, partindo das mesmas condições econômicas. O que as diferencia, contudo, diz respeito ao modo como cada uma destas trava a sua batalha. Enquanto na melancolia o ego sofre a devastação pelo objeto sucumbindo ao complexo, na mania, ele derrota ou o põe de lado (FREUD, 1917). Em suma,

---

<sup>24</sup>Festival instituído na Roma antiga, a Saturnália era oferecida em honra ao deus Saturno, e contava com um banquete público. Abrangia um clima festivo com ares de carnaval onde, durante este período instituído, as regras e normas eram deixadas de lado, e as transgressões eram aceitas.

pela lógica inconsciente, o percurso que se estabelece é da derrota do ego pelo objeto ao triunfo do ego sobre este. Triunfo! Eis uma palavra chave para vislumbrarmos o inquietante fenômeno maníaco sob a ótica freudiana.

Nesse âmbito, a explicação freudiana do triunfo se dá pelo viés econômico. Mas o que isso quer dizer? O sujeito tão logo vê-se livre de alguma preocupação ou situação que usurpava grande quantidade de sua energia psíquica. Logo, uma grande quantidade de energia usada no contra investimento que demanda a hemorragia melancólica, torna-se subitamente e exponencialmente liberada através da mutação maníaca para quaisquer outras possibilidades de descarga.

O exemplo ao qual o autor recorre como metáfora no texto de 1917, para explicar a transformação econômica que acontece na mania, é aquele de um pobre coitado que se via consumido em sua preocupação diária de não ter dinheiro para o mísero pão de sua sobrevivência, e que de repente é libertado desse tormento ao receber uma grande quantia de dinheiro. Ademais, o maníaco não é, pois, um abastado e próspero sujeito em mais de um sentido? Está rico, e seu próprio cartão de crédito por vezes conhece tal perigo beirando o consumismo excessivo. Os delírios de pobreza que antes assombravam o sujeito melancólico já não mais se apresentam. Ora, mas não é apenas de uma riqueza em cifras que estamos falando. O gasto descomedido é apenas uma dessas possíveis manifestações desse quadro. O sujeito maníaco sente-se afortunado no seu próprio estado de ser, há uma energia de sobra que o impede de parar; as suas ideias manifestam-se em um fluxo desenfreado, lembrando uma explosão petrolífera.

No texto de 1917, a embriaguez alcóolica é apontada também como um estado dessa mesma ordem que a do estado maníaco, porém na mania, a intoxicação do ego é endógena. Não raro se escuta um paciente que passou por uma crise maníaca relatar a sensação de ter usufruído de um *êxtase próprio* ou comparando tal vivência ao uso de uma droga, eis a nostalgia que normalmente relatam tais pessoas de ter passado pelos *melhores dias de suas vidas*.

Na exaltação de puro êxtase, o sujeito na mania vive a liberdade e seu ego parece bem ter superado: 1) a perda do objeto ou 2) o luto pela perda ou, ainda, 3) o próprio objeto. No entanto, este triunfo é mascarado e, mais uma vez, permanece oculto ao ego aquilo sobre o qual ele triunfa (FREUD, 1917). Parece-nos que se o melancólico não sabe o que foi perdido com o objeto, o maníaco, tampouco sabe o que ganhou. Resta ainda uma interrogação em suspenso sobre o que promove tal desfecho. Se o fator responsável pela mutação maníaca diz respeito ao triunfo do objeto o que, de fato, possibilita esse triunfo?

A crise maníaca aparece como um rompante, emergindo aparentemente do nada. Mas há uma travessia que emerge de um quadro melancólico. Sob este ponto, indaga-se qual a alquimia envolvida em tal metamorfose de um estado de devastação egóica pela dor a um outro de voo eufórico? Segundo Assoun (2010), assim como no fenômeno de detonação existe um contraste entre a depressão e o levantamento causado por uma pressão; também na alternância entre as duas afecções podemos recorrer a questão da repressão tirânica que o ego sofre por parte do superego e a libertação posterior. Tal movimento nos dá a impressão de uma transformação de investimento no qual a mudança é imposta do econômico para o tópico.

Já foi mencionado que um dos desfechos que a passagem do narcisismo deve ter é o da edificação de um ideal de ego e da separação entre este e o ego dentro de um regime psíquico. As prerrogativas de um narcisismo primitivo desfrutado por um ego ideal na infância são o que alicerçam o ideal de ego. Inapto em abrir mão da perfeição narcisista de outrora, tenta alcançá-la sob essa nova dimensão de ideal de ego que impõe inúmeras restrições e em troca sustém a promessa da gratificação narcísica (FREUD, 1914).

Logo, a vida do sujeito passa a equilibrar-se nessa frágil tensão que se estabelece entre ego e ideal de ego e nas renúncias e limitações que são impostas nestas modalidades de relação. Freud (1921) elucida no texto “Psicologia das massas e análise do ego” que não é possível se submeter por longos períodos de tempo a esta separação entre ego e ideal de ego responsável por todos os tipos de restrições e culpabilidade quando se está em desacordo com as regras. Para a suportabilidade de tamanha restrição social, a lei oferece, desde as sociedades mais antigas, festivais instituídos, onde a desobediência e a transgressão das regras são permitidas durante um período de tempo. Vide o exemplo das Saturnálias oferecidas pelos romanos, o carnaval e alguns festivais primitivos. Tais situações são acompanhadas de uma exaltação do humor, uma elação do ser e do sentimento de felicidade.

Isso posto, haveria sempre uma sensação de vitória quando algo no ego se encontra com o ideal de ego. Logo, Freud (1921) vai se basear nessa equiparação do ego com seu ideal em tais festivais para explicar as oscilações de humor periódicas que se dão na mania. Sob seu ponto de vista, o ego está aparentemente vivendo um festival que tem como efígie a sua libertação. A sua hipótese é de que, na pessoa maníaca, o ego e o ideal do ego tenham se unido, de modo que não há mais separação. Como consequência da confluência dessas duas instâncias, o sujeito se sente vitorioso, está feliz consigo mesmo, e seu sentimento de triunfo não pode ser abalado por qualquer autocrítica. Ele pode usufruir livremente de um estado que não encontra inibições (FREUD, 1921).

Éden estrelado, momento único este no qual em um sopro de vida as barreiras que separam o ego de seu ideal se dissipam. O ego aqui está em reconciliação com seu ideal. Contraste absoluto ao universo glauco do melancólico que, em uma espécie suplício de Tântalo<sup>25</sup> trava a sua batalha com um ideal intangível.

Logo, tal pensamento freudiano bem expõe o sentimento de triunfo que se evidencia na mania, porém não indica os fatores desencadeantes ou supostos para passar do estado melancólico para o maníaco. Ou seja, qual seria o gatilho que desencadeia a passagem de uma melancolia para a mania? Não parece abranger, também, uma elucidação mais clara ao tocante, dos casos mais graves de mania, àqueles que remetem a um comportamento mais destrutivo.

Seguindo essa linha de raciocínio, Freud evoca algumas causas possíveis em sua metapsicologia conforme elas surjam do ponto de vista econômico, quando uma dessas manifestações encontra a sua causa nas rebeliões periódicas do ego. A insurreição seria uma maneira encontrada pelo ego para se posicionar perante as exigências e normas severas da civilização e do ideal. Neste ponto, de tempos em tempos, o ego estaria sujeito a rebelar-se contra a severidade com que é tratado pelo seu ideal<sup>26</sup>.

Em “Novas conferências introdutórias” (1933) — já contando com o conceito de superego elaborado em 1923 —, Freud interpreta a passagem maníaca como um estado de triunfo e de reconciliação entre ego e superego, se não for ainda a fusão entre as duas instâncias: o ego encontra-se em um estado beatífico de exaltação, celebra um triunfo como se o superego tivesse perdido toda força ou estivesse fundido no ego. Poderia vivenciar alegremente a satisfação que decorre da ausência da inibição e a libertação do entrave de todos os seus apetites. Assoun (2010) indica que o júbilo e o contentamento maníaco não são outra coisa que não a liberdade; a satisfação decorrente de não se estar mais proibido, eis o principal motivo de sua felicidade.

---

<sup>25</sup>Tântalo, da mitologia grega, era filho de Zeus e Plutó e reinava na Frígia ou na Lídia. Era rico e benquisto pelos deuses, sendo por vezes admitido em alguns de seus festins. Casou-se com Dione e foi pai de filhos ilustres no mito, dentre eles Pélops e Niobe. Por duas vezes traiu a confiança dos imortais. Num primeiro momento havia contado aos homens segredos divinos, e em outra ocasião havia roubado néctar e ambrosia do Olimpo para oferecê-los a seus amigos mortais. A terceira e a mais grave infração é a que lhe teria valido seu castigo. Duvidando da onisciência dos deuses, ele sacrifica seu próprio filho Pélops e o oferece como saborosa iguaria aos imortais. Por este crime, Zeus decide como castigo enviar seu filho para sempre a Tártaro, condenando-o ao suplício de sede e de fome. Mergulhado em um lago até o pescoço e cercado de vegetação com árvores repletas de frutos, toda vez que sentia sede e tentava beber água, o líquido rapidamente começa a baixar lhe escoando pelas mãos e, diante da fome, toda vez que tentava alcançar algum fruto em um galho, seus ramos lhe levavam para longe. Ressalta-se aqui que se usa esse mito como referência apenas no que diz respeito ao ideal de ego na melancolia, no sentido de sua inacessibilidade.

<sup>26</sup> Cabe ressaltar: nesta época, o conceito de superego ainda não existia. Como já mencionamos antes, os conceitos de ideal de ego e superego confundem-se diversas vezes em sua obra.

Em suma, o ego se insurgiria numa espécie de revolta iconoclasta em oposição à religiosidade escravizante do superego. E a sensação de triunfo decorreria da libertação que se segue, como em uma espécie de independência conquistada. Mas isso não responde à uma série de questões concernentes ao tópico maníaco. Para tanto, aqui indaga-se por qual motivo o superego aceitaria tal rebeldia por parte do ego? E se as instâncias estariam fundidas uma na outra, o que exatamente permitiria essa confluência entre ego e superego? Por que a particularidade de apenas uma parcela de melancólicos conhecer o destino maníaco?

Ora, partindo do pressuposto freudiano pelo qual a sombra do objeto recai sobre o ego; no quadro maníaco, qual seria a relação com tal sombra? Qual seria o destino do objeto na crise maníaca?

Já foi descrito nesse trabalho o alto preço que o sujeito melancólico paga em troca da identificação narcísica com o objeto perdido. No entanto, parece-nos que há algo nesse câmbio que se faz necessário para esse sujeito. Por outro lado, na mania, Freud diz-nos que o sujeito parece ter superado a perda do objeto, o luto pela perda ou, ainda, o próprio objeto. Destarte, questiona-se: a que custo o sujeito maníaco poderia ter se livrado do objeto?

Também já foi mencionado antes que o sujeito melancólico em sua desesperada tentativa de evitar a dor da perda troca o objeto da realidade externa por um objeto interno e atemporal. Como consequência desse pacto, ele paga um preço alto. Do mesmo modo, o ato maníaco em seu grito de negação evidencia uma fuga da realidade externa e o seu triunfo empreende um último esforço de não se render ao abismo melancólico. No entanto, a sua atitude de onipotência retira-o a possibilidade de manter a relação com os objetos externos da realidade e de toda a vida que neles habitam. Ao perder esse vínculo com a realidade externa, mais uma vez, o sujeito paga um preço elevado (OGDEN, 2014).

A superação maníaca encontra o seu prazo de validade e na maior parte das vezes não culmina em final feliz. Ou seja, o sujeito maníaco pode sucumbir mais uma vez ao complexo melancólico, e vice-versa, de modo a equilibrar-se numa verdadeira corda bamba entre esses dois extremos.

A nossa hipótese, contudo, é que esse modo de existir do sujeito que não encontra estabilidade ou segurança — com exceção dos intervalos livres — parece pautada em um trauma primário. Para encontrarmos alguma solidez com o intuito embasar esse ponto, será necessário contar com a leitura de outros autores no próximo capítulo, a fim de que possamos articular algumas questões aqui colocadas.

### **3. OUTRAS CONTRIBUIÇÕES TEÓRICO CLÍNICAS ACERCA DA MANIA E DA MELANCOLIA**

Os dois capítulos iniciais dessa dissertação apresentam-se enquanto um arcabouço mínimo para esse terceiro emergir. Passamos, primeiramente, pelo quadro clínico da mania em contraponto à melancolia e, posteriormente, voltamo-nos às apostas teóricas suscitadas por Freud. Já nessa parte final do nosso trabalho estaremos mais próximos de articular algumas de nossas questões principais.

Com o intuito de alçar a mania em contraste à melancolia, entraremos agora em uma discussão voltada para o enfoque da vivência de um traumatismo narcísico e primário e, sobretudo, o modo pelo qual esse incidiria sobre a experiência de ser respectiva aos quadros clínicos supracitados. Não estamos buscando uma etiologia maníaca ou melancólica pautada em um evento pontual e determinante, mas gostaríamos de pensar, especialmente, em uma descontinuidade traumática que reenviaria seus efeitos à esfera existencial. Destarte, se levantamos, por um lado, a possibilidade de um trauma original relacionado à evolução desse tipo de quadro, por outro — cabe ressaltar — não estamos aqui buscando um passado condicional a fim de responder a essas questões como a solução de um enigma. Isto posto, a seguir, debruçar-nos-emos, na hipótese de um traumatismo narcísico no seu peso e na maneira como esse incide no tipo de configuração a qual temos como objeto de estudo. Tomaremos como um dos nossos fios norteadores, a tentativa de empreender uma reflexão sobre um tempo traumático na história de vida do sujeito melancólico-maníaco à guisa de se atualizar no presente, assumindo a tendência a repetir-se entre dois polos descontínuos entre si.

Para tanto, é necessário partir de uma leitura clássica até uma contemporânea, com o desígnio de poder analisar algumas questões aqui colocadas. Cabe ressaltar, contudo, não temos condições e nem o propósito de trazer um quadro extensamente articulado das contribuições propostas pelos autores sobre os quais nos basearemos. Nesse sentido, apresentaremos esse capítulo em um formato de “bricolagem”, visando um alcance que encontre alguma consonância entre a ideia de um trauma narcísico em relação aos quadros maníacos e melancólicos.

Seguindo essa linha de raciocínio, mais para o final do capítulo, levantaremos outras questões ligadas ao luto e à relação com o quadro de mania e, ainda, refletiremos sobre o seu conceito tal qual ele é apresentado primeiramente por Freud.

Por último, e não menos importante, o conceito de humor tão essencial como pano de fundo para esses quadros também entrará em cena, com o intuito de ser problematizado por uma ótica psicanalítica e cotejado com a noção de trauma.

### 3.1 KARL ABRAHAM E SUAS CONTRIBUIÇÕES

#### 3.1.1 O reflexo maníaco: uma esperança utópica

No segundo capítulo do nosso trabalho partimos de uma discussão extensa sobre as hipóteses freudianas acerca de sua metapsicologia melancólica e suas hipóteses evocadas a propósito da mania. Na medida que encontramos em nosso caminho uma série de interrogações e paradoxos, gostaríamos agora de levar em conta algumas contribuições feitas por Karl Abraham.

Mesmo que seus trabalhos não sejam muito conhecidos na teoria psicanalítica, pode-se dizer que a sua obra prepara o terreno para o texto da melancolia em 1917, assim como também contém toda a semente da teoria kleiniana. Enquanto Freud se voltava para uma teoria edificada, sobretudo na histeria e na sexualidade, Karl Abraham já se dedicava sob a temática da melancolia e da mania.

Karl Abraham<sup>27</sup>, contemporâneo a Freud e seu fiel discípulo, foi um dos primeiros autores na psicanálise a se debruçar teórico e clinicamente sobre o tema da psicose maníaco-depressiva, assim intitulada pela psiquiatria da época. Contextualizado em um tempo em que se não contava, ainda, com muitos trabalhos psicanalíticos desenvolvidos sobre o assunto, o autor (1911) já destacava em seu artigo, intitulado *Notas sobre a investigação e o tratamento psicanalíticos da psicose maníaco-depressiva e estados afins*, o caráter oral encontrado nesse tipo de afecção e, sobretudo, o modo ambivalente estabelecido por esses sujeitos nas suas relações com os objetos de amor, em um árduo debate entre amor e ódio.

No referido artigo (1911), podemos encontrar como ponto de partida uma apreciação entre as similaridades estruturais no que se refere a casos de psicose maníaco-depressiva<sup>28</sup> e casos graves de neurose obsessiva. No cerne de ambas essas constituições psíquicas, estaria presente a ambivalência amor-ódio na relação com o objeto e, também, o recalque do sadismo.

---

<sup>27</sup> Karl Abraham é um dos primeiros e dos mais notáveis discípulos de Freud. Assim o mentor se expressou sobre Abraham ao escrever seu obituário em janeiro de 1926: “Dentre todos aqueles que me acompanharam pelos sombrios caminhos da pesquisa psicanalítica, ele granjeou um lugar tão proeminente que somente um outro nome (aqui se referindo a Ferenczi) poderia ser posto ao lado dele.” (FREUD, obituário, 1926). Dentre os trabalhos mais ilustres e valiosos para a psicanálise podem ser elencados seus três trabalhos sobre a psicose maníaco-depressiva, nos quais revela seu grande rigor científico.

<sup>28</sup> Neste primeiro texto, o autor usa o termo Psicose maníaco-depressiva e psicose depressiva. Posteriormente, em seu estudo de 1924 aparece a terminologia e casos de “estados maníaco-depressivos”.

Não nos deteremos, aqui, no que diz respeito à neurose obsessiva, tendo em vista que tentaremos, sobretudo, dar conta do desencadeamento da crise maníaca em relação aos quadros melancólicos ou depressivos. Na verdade, Abraham usa ambos os termos para falar de um mesmo quadro que propomos chamar, em nosso trabalho, de melancolia.

Um dos pontos principais evocado pelo trabalho a que nos referimos acima deriva-se do recalque do sadismo como pressuposto para explicar as afecções melancólica e maníaca. Ou seja, a ideia de culpa, os sentimentos de inadaptação e as autoacusações encontrariam a sua justificativa no recalque das pulsões sádicas; e a dimensão do conflito psíquico teria como cenário interior uma posição da libido na qual o ódio predomina. Seguindo essa linha de raciocínio, a impossibilidade de amar que ditam tais pessoas seria resultante do ódio que sentem. Uma vez que não conseguem amar àqueles que estão a sua volta, acabam por odiá-los.

No entanto, esse processo não é tão evidente quanto se supõe, e o sentimento não aparece às claras, sendo o ódio melancólico vivenciado de forma inversa na sensação de mundo que se mantém. Isto é, ao invés de o sujeito concentrar objetivamente a sua ira contra pessoas próximas em uma direção externa, ele a conduz de volta para si mesmo. Ou seja, o paciente encarrega-se de autoprojetar o seu ódio. Dessa maneira, não é ele quem julga detestável o universo em volta, bem como não é ele quem execra os seus próximos, mas ao contrário! São os outros que o consideram inadequado, e é o mundo que lhe relega ao despertencimento. O conteúdo de sua percepção seria, desse modo, suprimido e projetado para o exterior. Como consequência desse mecanismo, o melancólico sente-se incapaz de ser amado e sofre profundamente com ideias de autoacusações. A ideia de culpa, portanto, contém em seu âmago a realização do desejo sádico e encontrará, mesmo no mais pungente sofrimento, uma fonte encoberta de prazer (ABRAHAM, 1911).

O árduo trabalho de condenar a si mesmo, como destaca Abraham (1911), pode se sustentar por um bom tempo, no entanto, nenhuma pessoa que esteja lutando contra influências tão ostensivas seria capaz de encontrar alguma serenidade dentro de si. Quando não mais fosse possível de o recalque encontrar seus meios para conter o sadismo, entraria em cena o desencadeamento da fase maníaca. Num piscar de olhos, o paciente seria capturado pelo contragolpe do sadismo e a libido, tanto no que diz respeito às suas manifestações positivas quanto as negativas (amor e ódio, desejos eróticos e hostilidade agressiva), poderia ser observada na consciência do paciente com a mesma potência.

Enquanto o melancólico tende a fazer-se desaparecer sob a expressão mórbida de negação da vida, em contraste, o maníaco parece ter nascido mais uma vez. A sua existência parece-lhe ter partido de um novo horizonte. Ao passo que na melancolia carrega-se o peso de

um século, na mania o desenho inicial é geralmente luminoso e aponta para o renascimento do paciente. Segundo Abraham (1911), esse estado maníaco teria uma relação íntima com uma fase já vivida pelo paciente — a saber, a sua “primeira infância” (p. 44). Haveria, nesse sentido, a regressão para um estágio no qual os impulsos ainda não haviam sido recalçados<sup>29</sup>.

Sob esse ângulo, o autor (1911) elucida que a mania descobre suas raízes subjetivas arraigadas no tempo da infância. É notável que esses sujeitos se sentem grandiosos e dotados de todo o poder do mundo e, frequentemente, dizem ter renascido das cinzas. Ora, o que poderia ser evocado nesse sentido? A criança, livre de todas as restrições, encontra-se em uma época de vida, na qual o recalque e a inibição (que este causaria por consequência) ainda não haviam se estabelecido. Logo, a aposta teórica suscitada nesse artigo é de que a crise maníaca seria uma espécie de retorno do estado infantil.

A sua equiparação embasa-se tanto nos casos mais leves — onde a euforia maníaca remonta claramente a esse aspecto infante e descuidado — até as formas mais graves da afecção. Nestas, o frenesi de liberdade escapa a todos os entraves e, então, uma atitude hostil e agressiva apodera-se do sujeito. Nesse estágio, o maníaco responde a qualquer acontecimento menor com intensa cólera (ABRAHAM, 1911).

Antes de seguirmos, um breve questionamento não nos pode escapar: o que tem a nos dizer esse retorno ao infantil? De que nos fala esta criança jubilosa que emerge no reflexo maníaco? E o que é um reflexo se não um lugar sem lugar? Qual é a expressão dessa criança? Levantaremos no tópico posterior a metáfora de uma criança melancólica: o seu mundo sob ruínas, apequenado. É uma criança desamparada que se perdeu do seu objeto de amor e por isso desconfia de tudo e de todos. O caráter infantil que encontramos no quadro maníaco remete-nos a um outro tipo de colorido. A criança que nela habita não está só nem abandonada, ela é dona de si e do seu universo fantástico. Não é raro que um paciente em crise maníaca seja possuído por um exacerbado senso de humor, e que faça caírem no riso todos aqueles a sua volta. Propõe piadas e trocadilhos num ritmo lépido e quase difícil de acompanhar. A sua expressão assume características que extrapolam as barreiras sociais, de maneira que a figura inicial do maníaco brinca com o mundo a sua volta. Nesse cenário, é como se todos os objetos estivessem disponíveis para os seus joguetes.

---

<sup>29</sup> Cabe ressaltar neste ponto que Freud ainda não havia desenvolvido, nesta época, a sua consagrada hipótese da incorporação do objeto e da identificação narcísica. Tampouco, o texto sobre o narcisismo (1914) havia sido escrito.

Na tentativa de aproximarmos-nos um pouco mais dessa ideia da mania radicada no infantil, podemos aludir ao exemplo do caso clínico de Olga Blum, uma das pacientes de Binswanger (1987), cuja imagem pueril da mania nos apresenta. Olga, em suas fases maníacas, era tomada por um otimismo eufórico no qual saudava com grande entusiasmo todos os seres ao seu redor: árvores, flores e pássaros. A paciente relatava um acréscimo em sua autoestima e sentia pelo mundo e pelos seres que a ele pertencem toda afinidade. Esse exemplo alude bem essa espécie de exaltação maníaca que encontraria suas raízes no infantil. Encontramos nesses casos mais leves de mania um ar festivo e descuidado. Numa primeira impressão, o maníaco parece-nos um sujeito simpático.

No entanto, como já mencionamos anteriormente, esse quadro pode se desenvolver para outro mais grave, no qual a alegria maníaca é substituída por um tipo de exaltação diante da qual qualquer mínimo obstáculo torna-se um verdadeiro campo minado para o sujeito. A irritabilidade, a raiva e o sentimento de toda potência aparecem como as características mais marcantes na evolução desse quadro. O sujeito pode responder a menor ocorrência com uma atitude agressiva e hostil. Um paciente de Abraham (1911), por exemplo, relatava sentir uma grande vontade de derrubar todos aqueles que se colocassem a sua frente na rua.

Quando uma crise maníaca atinge esse ápice, o sujeito é capturado por uma conduta arriscada. Alegria, raiva e esplendor. Tudo parece mesclar-se em uma combinação explosiva. Ébrio de ideias grandiosas, corado em sua anarquia, o sujeito torna-se um megalomaniaco e auto vangloria-se de seus feitos do mesmo modo que uma criança onipotente.

Parece-nos que a mania contém uma realização que se assemelha com aquela de um célebre cavaleiro: Dom quixote. No sentido de que uma pessoa maníaca empreende jornadas tão mirabolantes quanto aquelas do personagem literário que persegue novas aventuras. Acompanhado de seu fiel escudeiro Sancho Pança, e montado em seu escanzelado Rocinante, Dom Quixote vai por aí e é capaz de fazer o leitor sensível chorar e rir ao mesmo tempo quando se lança em uma batalha utópica contra moinhos de vento. Ele é, sobretudo, um utopista.

O que podemos depreender dos apontamentos feitos por Abraham (1911) é que existe na mania uma certa glorificação que nos faz lembrar o esplendor de uma criança ainda longe da castração da vida, das regras, das sanções sociais e das autocríticas. O sujeito é livre e brinca desinibido por onde vai. Faz rir àqueles que o cercam com suas perguntas e gestos excêntricos. Causa constrangimento por onde passa; e é dotado de toda a criatividade. Ele é, ainda, tal qual uma criança, um grande inventor.

Com base na leitura referida (1911), na qual a mania remonta um aspecto infantil, poderíamos levantar a hipótese pela qual a mania encontra no coração de sua existência uma

esperança utópica. A mesma esperança que não encontramos na seriedade do lado melancólico, faz luz nesse cenário que remonta a um aspecto infantil e fantástico. Mas questiona-se, sobretudo, de que ordem seria essa utopia maníaca a que estamos nos referindo?

Os sujeitos em questão querem, antes de mais nada, tomar o que é seu por direito, viver o tempo que foi perdido pelo seu duplo mais sombrio. Do mesmo modo que Dom Quixote propõe a Sancho Pança um modo de viver, o maníaco nos faz uma proposta parecida. Cansado da submissão melancólica, ele quer viajar o mundo, quer andar destemido por caminhos que desconhece entregue a todos os ventos. Sob um novo trato, expressa-se o renascimento maníaco diante do qual ele acredita alcançar-se enquanto um sujeito novo em folha, podendo então retomar o seu contato perdido com o mundo e com os objetos que nele habitam. Ao nosso ver, essa é a promessa utópica que repousa sobre o seu horizonte. O maníaco, em contraste ao melancólico, não tem mais paciência para perder seu tempo com o lúgubre acordo melancólico que o absorvia, aliás — sob a nossa leitura —, parece-nos que na mania busca-se ainda recusar uma identidade de outrora.

Em 1911, texto base do qual parte a nossa interpretação, a hipótese melancólica da identificação com o objeto perdido ainda não havia sido evocada por Freud, no entanto, consideramos de alguma importância contar com ela para articulação do ponto que apresentamos agora. Isso dito, uma vez que podemos partir do pressuposto pelo qual o melancólico está identificado com o objeto perdido e que parte de quem ele é torna-se o próprio objeto, a mania aparece enquanto uma tentativa radical de superar o objeto, esse mesmo objeto que dizia quem ele era, do qual era alvo de todo amor e ódio. Na mania, a esperança é de ser um outro, um outro que não está mais sob o jugo do objeto incorporado, livre do peso que esse retém consigo. Nesse sentido, a agressividade maníaca encontra seu lugar quando a sua esperança de um novo mundo é frustrada. Quando o seu luminoso deslizar encontra um obstáculo no caminho.

No entanto, da mesma forma que o fim do fidalgo da Mancha não é dos mais felizes, o quadro maníaco não costuma encontrar um desfecho positivo. Quando não há mais para onde elevar-se, o declive se apresenta e o sujeito sucumbe mais uma vez à crise melancólica, dessa vez, entretanto, com o saldo de todas as peripécias empreendidas na sua fase maníaca.

Com base no que vimos até agora, as hipóteses levantadas ao longo desse trabalho ainda não parecem suficientes para explicar as nuances que diferenciam a mania em todas as suas particularidades. Dos casos mais leves até os mais graves. Daqueles que apenas vivenciam uma sensação de pertencimento, nos quais o sujeito parece poder se apropriar subjetivamente de um quinhão de existência, até outros que despertam uma agressividade sem balizas e propiciam

atitudes das mais insensatas, em que muitas vezes o sujeito arrepende-se posteriormente ou ainda não se recorda do ocorrido. No que compete a tais quadros, cabe ainda ressaltar a importância de um estudo mais profundo no que diz respeito ao modo como a presença ou ausência do objeto impactou a vida do sujeito.

### 3.1.2 A regressão da libido

*“Quem não tem nada é proibido de não  
gostar da merda.”*

*(BECKETT, 2014, p. 44-45)*

Desde as primeiras contribuições feitas por Abraham (1911), sobre as temáticas da melancolia e da mania, mais de uma década se passou até que ele pudesse voltar-se novamente ao tema em seu trabalho de 1924, intitulado *Breve estudo do desenvolvimento da libido visto à luz das perturbações mentais*. Nesse artigo, dedicou-se ao estudo do desenvolvimento libidinal e o possível paralelo que existiria entre as doenças mentais e determinadas fases da libido.

Nesse momento, o célebre texto freudiano sobre a melancolia já havia sido escrito. Abraham usa nesse artigo o termo melancolia ou, ainda, depressão melancólica ao invés de depressão com o fim de contrapor o conceito de mania. Da mesma forma que, ao invés de psicose maníaco-depressiva, ele se refere a estados maníaco-depressivos ou perturbações maníaco-depressivas.

Antes de introduzirmos suas principais contribuições acerca do tema, é digno de nota marcar que Abraham (1924) desenvolve nesse trabalho um percurso próprio. O que queremos dizer com isso? Nesta época, Freud já havia publicado *Além do princípio do prazer (1920)* e *O ego e o Id (1923)*. São trabalhos que estão intrinsecamente relacionados ao tema de melancolia, nos quais ele introduz noções até então inéditas como as de *pulsão de vida* e *pulsão de morte* e evoca como hipótese a ideia de que o conflito psíquico na melancolia se daria entre as instâncias do ego e do superego.

Veremos que Abraham (1924) traça um caminho singular ao falar da afecção melancólica. Ao mesmo tempo em que conta com a descoberta freudiana da incorporação do objeto pelo ego através da identificação narcísica, ele passa longe de fazer menção aos conceitos de *pulsão de vida* e *de morte*. Uma de suas hipóteses centrais para explicar o quadro parte do pressuposto da regressão da libido para fases arcaicas do desenvolvimento e do modo de se relacionar com o objeto que advém como consequência do caráter regressivo.

Nesse sentido, poderíamos dizer que o autor é um precursor do que se reconhece na teoria psicanalítica por *relações de objeto*. Tal colocação, pode parecer estranha em primeiro momento, justamente, por ter sido ele um dos mais célebres discípulos freudianos e ter como semente para suas hipóteses a teoria libidinal de Freud (1905). Uma leitura com maior acuidade demonstrará que o modelo que Abraham desenvolve distancia-se da teoria pulsional proposta por Freud. Trata-se, especificamente, de uma reelaboração da teoria inicial da sexualidade, a qual conta com mais subfases e contribuições distintas (GURFINKEL, 2017).

A sua hipótese é de que cada estágio libidinal está intrinsecamente relacionado a modos distintos de apreensão do objeto, de maneira que o seu trabalho possui como um de seus desígnios compreender as perturbações mentais sob enfoque do desenvolvimento da libido. Nesse âmbito, a primeira teoria do desenvolvimento das zonas erógenas encontrada em Freud (1905) traça seu contorno e emerge sob novo modelo proposto por Abraham (1924). Esse estrutura-se em um duplo paralelo entre: “fases da organização libidinal” e “fases do amor objetal” (1924, p. 154). Desse modo, para cada fase da organização libidinal há uma outra fase que será denominada pelo modo de se relacionar com o objeto. Vejamos a sua elaboração<sup>30</sup>.

No primeiro estágio dessa organização libidinal, denominado por *Fase oral primitiva*, a libido está ligada apenas à atividade de sugar. Trata-se de um nível primário onde não há diferenciação entre o seio e a criança amamentada, enquanto que a *fase do amor objetal* é a do autoerotismo e não há existência do objeto enquanto tal. É uma fase pré-ambivalente e livre de conflitos. Mesmo que a atividade de sugar da criança tenha um intuito de incorporar, esse ato não coloca fim ao objeto. Na *Fase oral posterior (canibalesca)* a criança troca a sua atividade de sugar pela de *morder*. Predomina a tendência de a libido ligar-se aos impulsos canibalescos. É o nível secundário da primeira fase. A criança começa a se atrair por um objeto, mas ao mesmo tempo tende a sua destruição. Ao passo que a *Fase do amor objetal* é a do narcisismo com incorporação total do objeto; ou seja, uma fase ambivalente na qual teriam início os impulsos sádicos. Destarte, no percurso que se estabelece, de diferenciação de uma fase e outra, a criança sai de uma fase pré-ambivalente na qual não encontra conflitos em relação ao objeto amado para entrar em outra ambivalente e de cunho hostil. Logo, é a entrada na ambivalência que permite o início da existência do objeto. Mas esse ainda não é um objeto de amor e, assim que a criança se vê atraída por ele, o seu impulso de morder é maior. Ou seja, a tendência de destruição impera.

---

<sup>30</sup> Abraham desenvolve seis subfases da organização libidinal em relação a seis fases do amor objetal, no entanto, só nos deteremos aqui nas quatro primeiras determinantes para o tema que se pretende discutir.

Nesse sentido, para Abraham (1924), reside a importância em distinguir dentre mais de uma fase oral da libido tal como mais de uma fase sádico anal. Nessa continuidade, temos a *Fase Sádico-anal primitiva*, cuja libido tende para a atitude de perda e de eliminação do objeto, ou seja, o objeto é expulso. Em correlação, na *Fase do amor objetal* manifesta-se o amor parcial com incorporação. É uma fase ambivalente, na qual a tendência à destruição também aparece através da própria expulsão do objeto. O autor (1924) interpreta que a ideia de perder alguma coisa equivale, nesse sentido, à destruição da mesma. Por conseguinte, temos então a *Fase Sádico-anal posterior*. Nela, a atividade da libido volta-se para a retenção e controle do objeto e a *Fase do amor objetal* é de amor parcial. É justamente nessa linha divisória que se inicia a presença do objeto de amor enquanto tal. Ou seja, na transição entre a fase anterior e essa o objeto começa a ser preservado da destruição. Logo, a Tendência a poupar o objeto surge da tendência de destruir o objeto. É, ainda, como se pode perceber uma fase ambivalente.

Baseando-se nas hipóteses aqui apresentadas, Abraham (1924) parece contribuir de uma forma inédita para o pensamento psicanalítico. Mesmo que a sua aposta metapsicológica seja de cunho extremamente esquemático e voltada para o funcionamento intrapsíquico, o autor assinala a importância que existe na diferenciação entre o estágio em que o bebê *suga* e aquele em que ele *morde* ambos relacionados à fase oral. Assim como evidência a distinção entre o estágio no qual o objeto é *expulso* e *destruído* e aquele no qual ele passa a ser *retido* e *preservado* relacionados à fase anal.

Tomando como ponto de partida os pressupostos do desenvolvimento da libido e o paralelo que é feito com a evolução do amor objetal, destaca-se a própria constituição do ego. Sob esse ponto de vista, a construção subjetiva não seria apenas consequência do avanço entre estágios libidinais, mas encontraria, também, como base essencial as suas relações com o objeto e o modo como essas transcorrem; ou seja, os impasses e possibilidades encontrados ao longo do caminho.

Assim, uma passagem bem realizada pela etapa oral constitui um primeiro passo de grande importância. Pois trata-se da quantidade de prazer que a criança necessita para estar satisfeita. Em contraponto, diante de qualquer desapontamento nessa fase tão crucial, todo o desenvolvimento libidinal posterior sofrerá consequências. Para Abraham (1924), os processos de regressão que originam quadros patológicos e as inibições que um sujeito vive na sua relação com o mundo exterior são decorrentes de “fixações primitivas” (p. 87).

O texto de 1924 evidencia as similaridades existentes entre a neurose obsessiva e a melancolia. Durante os intervalos-livres<sup>31</sup> o melancólico se pareceria com um neurótico obsessivo. Ambas seriam marcadas pela ambivalência amor/ódio nas suas relações e na problemática com a perda do objeto, vivida pelas duas afecções de forma regressiva. Seguindo o panorama, Abraham coloca-se justamente na posição de compreender os conflitos graves aos quais o melancólico está entregue em uma ambivalência instintiva que emerge no cerne de suas relações com o objeto amado.

Perder o objeto significa, tanto para o obsessivo quanto para o melancólico, a expulsão desse, no mesmo sentido da expulsão corporal das fezes. A diferença, contudo, é que enquanto o primeiro mantém as suas relações com o objeto, o último as abandona. Isso se deve ao nível de regressão encontrado em cada uma dessas afecções. Enquanto o neurótico obsessivo regride ao nível posterior da fase sádico anal — aquela retentiva — de modo que consegue manter seu contato com o objeto, o melancólico, por sua vez, regride ao nível mais primitivo da fase sádico-anal — aquela expulsiva —, podendo ainda retroceder a um nível mais primitivo do desenvolvimento da libido. É como se, uma vez abandonada as relações com o objeto, a libido pudesse deslizar para esta fase ainda anterior. Neste caso, a fase oral canibalesca marcada pelo impulso de destruição do objeto. Esse é ponto central de sua hipótese (ABRAHAM, 1924).

Segundo o autor, o curso da melancolia se efetua em duas etapas: a perda e a reincorporação do objeto de amor. Num primeiro momento temos a perda que é experienciada pelo sujeito como um processo anal e expulsivo — bem como as fezes. Logo em seguida, a incorporação do objeto — enquanto dejetos — como processo oral e destrutivo.

Se, por um lado, o obsessivo mantém as suas relações com o objeto e o melancólico as abandona, como já foi dito acima, é preciso mencionar que esse processo não se dá com toda obviedade. Também já referimos nesse trabalho a hipótese freudiana (1917) da perda do objeto, e da identificação narcísica com esse por meio da incorporação. Em consonância com essa ideia, Abraham (1924) ressalta que na perda melancólica o sujeito empreende um processo de resgate clandestino do objeto. O que se passa é que, entre a expulsão anal e a destruição oral, o melancólico adianta o corte com o outro no intuito de engolir este último e lhe guardar perpetuamente. Ou seja, o melancólico abandona as suas relações de objeto na realidade externa — mesmo que o autor não use esse termo, parece-nos que é a isso que remete a sua leitura — para então poder instalar o objeto dentro de seu ego com o intuito de ressuscitá-lo e nunca mais precisar perdê-lo. No entanto, como acrescenta Abraham (1924), na melancolia,

---

<sup>31</sup> É justamente na fase de intervalo-livre que Abraham recomendou a prática psicanalítica, concluindo haver uma boa transferência por parte desses pacientes nesses momentos, em contraste à fase psicótica.

evidencia-se o caráter anal da perda e, subsequentemente, oral da incorporação do objeto perdido. Ora, por mais que esse objeto esteja a salvo é de um modo bastante particular que ele sobrevive.

Se tomarmos essa ideia da perda e da reincorporação em relação às fezes e à fase anal, podemos então fazer um paralelo com a vivência radical que se dá pela concretude da conhecida fala melancólica de *ser um merda* ou *viver na merda*. É, sobretudo, a característica de dejetos que encontramos sob a égide da autodepreciação melancólica. Faltoso do objeto decepcionante, o sujeito se encerra numa narrativa circular sobre a merda, sobre a podridão, a ruína e a fantasia da derrota. Ele é o vitorioso dos fracassados! Talvez, aqui, possamos fazer um paralelo com a ideia, já mencionada, da queixa melancólica, a qual é, na verdade, prestar queixa de algo. É da merda do outro que o sujeito se queixa, da merda a que se sentiu relegado diante do abandono. Em outras palavras, o melancólico se queixa de catar a merda que lhe restou enquanto único pedaço possível desse outro.

Ainda nesta linha de raciocínio, Abraham (1924) mostrou também que no processo de luto normal o sujeito reage à perda do objeto efetuando uma introdução<sup>32</sup> temporária da pessoa amada sobre o ego. Tal mecanismo psicológico seria similar ao que ocorre nos quadros melancólicos. Entretanto, com o cuidado de não negligenciar as principais distinções entre a melancolia e o luto, o autor chama o que acontece na melancolia de *luto arcaico*. Mas o que definiria exatamente esse mecanismo? Diante de uma inconcebível decepção com o objeto de amor, o sujeito vivencia sua perda como a evacuação e, logo em seguida, tende ao ato de devorá-lo canibalisticamente através da identificação narcísica. Espécie de amante carrasco, o afã sádico de vingança do melancólico encontra agora sua satisfação atormentando o próprio ego modificado pela identificação.

Supõe-se que tal processo dura o tempo necessário para que os desejos sádicos tenham sido apaziguados e o objeto esteja contraditoriamente livre do perigo de ser destruído. Quando isso acontece, o objeto amado pode então sair de sua clandestinidade do ego e o melancólico poderia (segundo o próprio Abraham) “restaurá-lo em seu lugar no mundo exterior” (p. 124). Resumindo, este ato de expulsão do objeto, encerra tal modo de *luto arcaico* encontrado na melancolia. Jaz sobre o melancólico um grave conflito de sentimentos ambivalentes em relação ao objeto e parece-nos ainda natural que, sobre aquilo que se perdeu, o sujeito se estenda menos do que sobre aquilo que não lhe foi possível perder. Ademais, a consciência da perda não desaparece na pessoa normal tal qual acontece com a melancolia.

---

<sup>32</sup> O autor cita casos clínicos, dentre os quais um dos exemplos se refere a ele mesmo, Abraham, e à reação que teve na época do falecimento de seu pai: teria ficado temporariamente com cabelos brancos.

Levando em consideração o polo maníaco, Abraham (1924) retoma, sobretudo, as hipóteses freudianas já mencionadas. Sob seu ponto de vista, o que difere um quadro do outro é a relação que cada uma dessas afecções mantém com o superego. Enquanto na melancolia este é crítico e severo, na mania, ao contrário, o sujeito parece ter se livrado de tal despotismo. Ou seja, o superego não assume mais um papel de controle sobre o ego, ele retira-se a fim de permitir que o narcisismo do sujeito vivencie um estado de prazer.

No que diz respeito à sombra do objeto que havia recaído sobre o eu, esta “dissipou-se” (p. 131), não mais exercendo estorvo sob o sujeito que agora está livre em seu momento maníaco. O sujeito, então, pode triunfar a sua liberdade finalmente alcançada. É como se, em última instância, o dito maníaco abrigasse em sua essência um grito de independência (ABRAHAM, 1924).

A sua hipótese evocada acerca da libido que regride na melancolia para uma fase oral canibalesca (ímpeto de destruir o objeto) não parece encontrar um outro acordo no quadro maníaco, ou pelo menos Abraham (1924) não faz nenhum paralelo a um caráter regressivo da libido ou a algum ponto de fixação tal como o faz no quadro melancólico. No entanto, o autor destaca o caráter extremante oral do quadro maníaco.

Há de se levantar como questão que a oralidade maníaca apresentaria algumas distinções em comparação à melancólica. De acordo com o autor, a voracidade voltada para outros objetos estaria relacionada apenas ao excedente libidinal que se torna livre por consequência da libertação da sombra do objeto que antes consumia o ego. Como consequência dessa operação, uma grande quantidade de libido torna-se disponível e dirige-se para novos objetos com uma intensa voracidade a qual um dos pacientes de Abraham chega a nomear de “mania engolidora” (p. 131).

Ora, a explicação acima restringe-se ao fator econômico, no entanto, vamos tentar articular essa relação de um quantum de libido que se torna subitamente livre diante de um fator objetual. Se por um lado, o caráter oral da melancolia remete-nos à ideia de um único objeto incorporado, na mania, essa oralidade<sup>33</sup> está voltada para todos os objetos. Logo, questiona-se: o que podemos depreender dessa observação?

À luz da narrativa do nosso trabalho, já foram cotejadas as hipóteses de Abraham (1924) no que tange à distinção entre as épocas da fase oral e as da fase anal. Sobretudo, na diferenciação de um tempo no qual a criança *suga* e outro no qual ela *morde*, bem como um tempo no qual a criança *evacua e expulsa*, e outro no qual ela *retém e controla*. Nesse âmbito,

---

<sup>33</sup> Foi Abraham o primeiro a evidenciar a relação de oralidade existente nos quadros de melancolia em uma carta (1915) endereçada a Freud.

o *evacuar e morder*, representariam os modos de apreensão do objeto principais nos quadros de melancolia e mania. Entretanto, cabe-nos sublinhar um ponto. Na melancolia, a mordida volta-se para um único objeto, e esse é guardado no interior do próprio ego. De maneira distinta, a voracidade maníaca, tem como intuito abocanhar tudo que encontra pelo seu caminho, e o sujeito não retém dentro de si nenhum objeto. Assim, na mesma velocidade em que um maníaco devora prazerosamente todas as novas impressões encontradas, trata, também, de evacuá-las.

Além do mais, há uma mudança no ritmo e no espaço em que esse processo se estabelece na individualidade dos quadros. Mesmo que em seu trabalho Abraham (1924) não desenvolva um paralelo adequado para o quadro maníaco no que diz respeito à regressão da libido, assim como o evidencia na melancolia, parece-nos que essa regressão também se evidencia no quadro maníaco. Ou seja, podemos perceber a mesma relação que encontramos no sujeito melancólico diante da *evacuação* e da *mordida* no sujeito maníaco que está em um ritmo voraz a *evacuar e abocanhar* todos os objetos que encontra em seu caminho. A diferença, contudo, parece encontrar sua característica no ritmo e no espaço.

Como já foi mencionado anteriormente, na melancolia, o sujeito ao incorporar o objeto pedido abre mão de suas relações com o objeto externo. Partindo da nossa interpretação, uma vez que o conflito melancólico encontraria o seu refúgio no campo do intrapsíquico, o maníaco, por outro lado, parece-nos abrir mão de sua realidade interna ao voltar-se para o extrapsíquico. No entanto, o modo de alcance dos objetos parece-nos, ainda, residir sobre o mesmo ponto.

### 3.1.3 Um trauma original

*“As coisas estão longe de ser todas tão tangíveis e dizíveis quanto se nos pretenderia fazer crer; a maior parte dos acontecimentos é inexprimível e ocorre num espaço em que nenhuma palavra nunca pisou.”*

*(RILKE, 2013, p. 21)*

Descrevemos, no tópico acima, algumas hipóteses levantadas por Abraham (1924) sobre a etiologia dos quadros de melancolia e mania pelo viés da regressão da libido em paralelo à incorporação do objeto sob o ego — e da libertação desse — de modo regressivo e canibalesco. Como consequência, o tipo de relação que se exerce sobre o objeto nessas

configurações seria predominantemente ambivalente e pautado em uma era onde o sadismo com o objeto impera.

Há, no entanto, uma outra hipótese — e não menos importante — trabalhada por Abraham também no texto de 1924, a qual complementa as ideias mencionadas no tópico anterior e que pode nos ajudar a pensar as relações de objeto em associação a um traumatismo originário. É precisamente um dos pontos ao qual pretendemos nos aprofundar nesse trabalho.

O autor volta-se para a observação de possíveis fatores na história de vida do sujeito melancólico que poderiam ter sido agentes do seu quadro. Ao se questionar sobre a questão da escolha da neurose, e interrogar-se por que esses pacientes não se tornaram histéricos ou neuróticos obsessivos, mas, sim, ‘doentes maníaco-depressivos’, ele ressalta que esperar uma solução completa seria, no mínimo, subestimar a dificuldade com que tal complexo lida. Entretanto, evoca o fator de um dano narcísico infantil como tentativa de aproximar-se de uma possível resposta.

A hipótese destacada pelo autor (1924) é aquela de uma catástrofe narcísica e originária que teria acontecido num período primordial da vida. Catástrofe essa, da qual o sujeito não cessa de ser capturado pela repetição compulsiva do trauma. Ao mesmo tempo, da qual ele não deixa de tentar se defender, traçando estratégias para quando a vida o derrubar. Aliás, essa é, em geral, uma certeza que esse tipo de sujeito expressa em sua fala: a convicção de que, vez em quando, um tropeço há de roubar-lhe o chão e, por fim, o seu futuro não poderia lhe reservar nada de favorável. Esse poderia ser o pensamento evidenciado sob a égide de um discurso melancólico. Sob essa ótica, podemos encontrar na hipótese de Abraham (1924) um traço singular e novo: o autor destaca o convencimento melancólico sob a catástrofe, remetendo-o à ideia de um passado condicional.

Trata-se, para o autor, de um traumatismo original de abandono sem representação. Uma perda ou dano original que teria sido vivido num momento arcaico e que reenvia seus efeitos primevos a perdas subsequentes relacionadas com o objeto exterior (ABRAHAM, 1924).

Segundo a sua hipótese, quando ainda criança, o sujeito melancólico teria passado por uma depressão primária como reação a uma experiência traumática e súbita, de modo que essa vivência teria se dado entre a transição da fase oral para a fase anal, — isso aconteceria justamente quando o *infans* está dando o seu “primeiro passo de importância” (p. 120) em direção a um objeto de amor. Ou seja, isso se passaria em um período de maior importância para o desenvolvimento. Para o autor, trata-se de uma vivência primária e antiga diante da qual a criança teve a sensação de estar totalmente abandonada. O silêncio circunscrito a sua volta indica que ela está só, à deriva de suas próprias flutuações em um tempo onde as palavras ainda

são um mundo à parte. O mais relevante para nossa pesquisa é justamente essa ideia de um trauma, de uma ruptura que se encontra num espaço-tempo no qual questões básicas e determinantes para vida encontram-se em vias de, sob os auspícios de. Veja, paramos propositalmente no nosso texto ante o ponto “de”, sob a tentativa de expressar uma ruptura numa relação que se iniciava.

O autor (1924) postula que o palco do conflito melancólico seria definido por uma forte fixação no período oral do desenvolvimento, e poderia encontrar a sua expressão no desamparo crucial que esses sujeitos demonstram. Como efeito, a marca de uma falta do que é básico para sustentar uma existência: a certeza do próprio amor. Logo, as constantes e repetidas tentativas empreendidas para encontrar o amor em outro objeto estariam “intimamente ligadas com aquele desapontamento inicial” (p. 119). As perdas subsequentes remeteriam o sujeito, mais uma vez, a esse lugar de um primeiro ponto de partida já traumático.

Verifica-se que uma crise melancólica ou maníaca poderia ser precedida por algum tipo de perda ou decepção maior com um objeto amoroso. No entanto, a perda que desemboca nesse tipo de quadro patológico nem sempre é facilmente localizável pelo paciente e tampouco pelo analista. De modo que os eventos que culminam nesse fato ficam, às vezes, obscuros. E, ainda sim, parece-nos que o pano de fundo que rege essa constelação possui uma íntima relação com a ideia de decepção e frustração diante do objeto de amor. Tomando o pressuposto de um trauma original, Abraham (1924) postula que a análise minuciosa desse tipo de quadro demonstraria que o efeito da perda possui uma gravidade maior, justamente, porque o paciente se depara inconscientemente com o acontecido, como a repetição dessa experiência traumática infantil (ABRAHAM, 1924).

Logo, com base nas hipóteses do autor, o quadro melancólico está longe de ter como limiar a perda de um objeto presente. Expõe em seu âmago um traumatismo muito mais original.

Partindo desses fatores, o autor (1924) ainda aposta que a psicogênese da melancolia está precisamente relacionada a essa ideia de um trauma vivido no início da vida, e que o desencadeamento de uma crise melancólica seria a reedição na vida ulterior do sujeito de uma decepção primária e original. Nesse sentido, todos os sentimentos de hostilidade que normalmente se desenvolvem em tais pessoas concernem, então, ao momento de sua vida em que conheceram a frustração para com uma necessidade narcísica de amor. Ora, bem se conhece o sofrimento terrível que representa para uma criança de tenra idade perder as suas ilusões. A fantasia que nutrem por seres mágicos e a tristura que depois as acomete quando descobrem, por exemplo, a inexistência do velho Noel de barbas brancas — entre outros que variam

conforme as distintas culturas. Sentem-se demasiado enganadas pelos adultos a sua volta, como se tivessem sofrido uma grande traição, deparam-se com a mentira daqueles a quem elas depositam plena insuspeição sobre as verdades da vida. Destarte, neste momento, indaga-se o que acontece nesse arcabouço narcísico em que se encontra, ainda, sob os auspícios de se constituir; se tal descrença se dá em relação ao amor e à confiança? Quesitos estes, tão essenciais na vida de um sujeito e que servem como base de suas futuras relações.

Perder o objeto — ou o seu amor — em uma época indiferenciada quando ainda não há ego nem objeto, ou melhor dizendo, onde o ego é ainda o próprio objeto nesse amálgama simbiótico, é perder uma parte de si. Ou seja, é uma perda que atravessa a subjetividade de uma forma traumática, tratando-se sobretudo de uma catástrofe para o narcisismo do sujeito. Como aponta Assoun (2010), a perda do objeto é apenas uma tristeza do amor, por mais dolorosa que seja tal vivência. Uma perda melancólica, mesmo que seja baseada na perda do objeto, é a vivência da própria vulnerabilidade do amor, da fragilidade do investimento objetal.

Partindo da hipótese de uma catástrofe original na infância de um abandono sem representação para explicar a melancolia — o que poderíamos articular de tal hipótese em relação ao momento de captura maníaca? Tal evento poderia ser, da mesma forma que a crise melancólica, a repetição traumática de um estado arcaico? Haveria algum ganho maníaco? Estariam os acessos de cólera que testemunham os casos mais graves, endereçados a alguma figura parental? O autor, por um lado, evoca um trauma original como sendo um dos possíveis pressupostos da etiologia melancólica, no entanto, essa ideia não encontra equivalência no seu suposto quadro inverso, o maníaco.

O que podemos depreender do ponto de vista do autor (1924) é a tendência compulsiva que atua nos melancólicos de se reviver a experiência traumática desse abandono tão primário. Nesse sentido, uma das suposições que podemos levantar, com base nessa hipótese traumática, é a de que em virtude de uma grande decepção objetal em época tão arcaica (catástrofe ausente de representação) os efeitos sintomáticos apareceriam muito mais sob a forma de mecanismos compulsivos do que representacionais. Aí, oscilariam os estados maníaco-depressivos aos quais alguns desses pacientes se acham expostos em uma verticalidade contínua, na ausência de algum horizonte. A descontinuidade abrupta que encontra a sua expressão na passagem de um quadro de melancolia para outro de mania, ainda, parece-nos estar atrelada a essa falta primordial que não cessa em se apresentar.

### 3.2 O FRACASSO DA INTROJEÇÃO E A RELAÇÃO COM O OBJETO

Nesse ponto da nossa argumentação, vamos recorrer ao binômio conceitual *introjeção* e *incorporação*. Essa distinção conceitual nos será de alguma valia, conforme pretendemos aprofundarmo-nos na possível relação entre a vivência de um trauma primitivo — ausente de representação — e alguns dos diversos paradoxos que repousam sobre as relações dos quadros melancólicos e maníacos. A introjeção é um conceito pensado por Ferenczi (1909, 1912), visando a possibilidade de alcance de um sentido às coisas. Logo, alguns autores póstumos a ele e a Freud pensaram no campo da melancolia diante da impossibilidade de introjeção, ou seja, por uma perspectiva traumática justamente por se deparar com ausência de sentido. Vejamos a seguir.

Ferenczi introduz a noção de introjeção em 1909, desenvolvendo maior contribuição sobre o tema no ano de 1912. O autor pensou o seu conceito como um processo primordial para o psiquismo e à constituição da subjetividade. Assim, o processo de introjeção visa a inteligência do enriquecimento egóico, possibilitando o vínculo do sujeito com o seu mundo.

É essencial para o nosso trabalho destacarmos que o movimento *introjetivo* não se estabelece pelas vias de colocar algo para dentro, mas ao contrário, denota uma expansão egóica. De acordo com o autor (1912), a introjeção é o processo encontrado na base da constituição do ego, promovendo uma estruturação do modo como o psiquismo individual funciona. Em suas palavras:

Eu descrevi a introjeção como a extensão, ao mundo externo do interesse, autoerótico na origem, pela introdução dos objetos exteriores na esfera do ego. Insisti nessa ‘introdução’, para sublinhar que considero *todo amor objetual* (ou *toda transferência*) como uma extensão do ego ou *introjeção*, tanto no indivíduo normal quanto no neurótico”. (FERENCZI, 1912, p. 81)

Ou seja, o sujeito ao gostar de um objeto, adota-o como parte de seu ego expandindo-o e é, justamente, essa inclusão a que o autor chama de introjeção. Mas o que se introjeta não é o objeto propriamente dito, mas a soma das suas qualidades, das pulsões e vicissitudes do qual esse funciona como mediador. É esse processo que possibilita um jogo relacional entre sujeito e objeto mediando o conjunto de transformações. Logo, descreve-se a introjeção como um processo pelo qual o ego pode se alargar através da inclusão do objeto de amor e, como pano de fundo dessa possibilidade, depreende-se da ideia de como o sujeito pode alicerçar-se na sua relação com o mundo e com seus objetos de amor. Desse modo, podemos entender o amor objetual como uma extensão que se dá pelas vias da introjeção.

O âmago do processo de introjeção, segundo Ferenczi (1909), não pode ser marcado por uma perda concreta do objeto de amor, pois não se trata de uma compensação ou de uma falta, como poderíamos pensar, no campo da melancolia e na ideia freudiana de identificação com o objeto perdido. De maneira distinta, a introjeção remete a um crescimento e enriquecimento que se busca empreender no ego, tal como seria na transferência.

Conforme podemos destacar em uma leitura ferencziana feita por Pinheiro (1995), é unicamente através da introjeção que o sentido das coisas pode ser assimilado, sendo o seu processo o detentor da inclusão na esfera psíquica das representações e as associações que essas mantêm entre si, possibilitando, desse modo, a própria estruturação do narcisismo. O seu processo é aquele que, para o psiquismo, torna possível a inscrição da diferença entre prazer e desprazer, inserindo o sujeito no mundo da linguagem e no seu entendimento, além da concretude da palavra. Ou seja, pelo dispêndio da fala há algo a mais que se transmite; existe a possibilidade de alçar as representações, o mundo relacional dos valores, o sentido transmitido pela palavra sem que essa entoe enquanto uma entidade oca. Nas imbricações desse contexto vê-se que a introjeção visa a possibilidade de alçar as representações do objeto, mais do que ele enquanto tal.

A introjeção, nesse âmbito, seria um processo pensado por Ferenczi ao visar a inteligibilidade da subjetividade neurótica, sobretudo a histérica, e o seu conceito encontraria sentido no âmbito da neurose. Dessa maneira, para alguns autores posteriores a Freud e a Ferenczi, a melancolia seria pensada enquanto uma configuração marcada pela introjeção impossível. Com o intuito de entendermos o caráter melancólico encontrado perante a essa impossibilidade e a ausência de sentido, vamos recorrer a uma outra leitura a fim de ajudar-nos a estabelecer algumas distinções.

Nesse âmbito, vamos partir agora de uma interpretação feita por Abraham<sup>34</sup> & Torok (1987) sobre o conceito ferencziano de introjeção, distinguindo-o de um outro mecanismo que seria o da incorporação — processo que marca justamente a impossibilidade de introjetar. A incorporação, por sua vez, denotaria a materialização do objeto dentro do ego de maneira mágica. Nela não há introjeção das qualidades e dos sentidos do objeto, mas sobrevém a sua posse por inteiro com o intuito de forjar para o ego uma mentira. A incorporação tomaria frente

---

<sup>34</sup> Ao longo desse capítulo vamos contar com a leitura de dois autores com o mesmo sobrenome: Karl Abraham e Nicolas Abraham. Com a ressalva de evitar enganos na nossa leitura, vamos fazer uma breve distinção. O primeiro foi discípulo e fiel seguidor de Freud, e seus artigos datados entre 1911 e 1924 voltam-se especialmente para a afecção maníaco-depressiva. O segundo, trabalha ao lado de Maria Torok (1987) e um dos pontos sob o qual nos aprofundaremos aqui é voltado para a distinção entre o conceito de introjeção e incorporação. Nicolas Abraham não é contemporâneo a Freud, de maneira que é digno de nota mencionar que os autores são de épocas bastante distintas.

ao psiquismo, justamente, porque a introjeção não pode se realizar de maneira que teria como objetivo preencher essa lacuna.

Segundo os autores (1987), enquanto a introjeção se faz às claras, a incorporação acontece às escondidas, na calada do silêncio de modo a tentar disfarçar de si mesmo a perda, como se essa não tivesse sobrevivido. A partir de então, carrega-se o luto indizível dentro de si mesmo. Uma parte mínima do que pudesse ser dito não encontrou seus meios, relegando o sujeito a afundar-se dentro de si em um pranto velado. Em contraste ao processo de introjeção, a incorporação é um mecanismo que opera pela restauração mágica, pela concretude, e entrará em jogo justamente diante de uma perda objetual traumática, a qual não pôde dispor em seu repertório psíquico do processo de introjeção.

A incorporação, segundo Abraham & Torok (1987), atua por um princípio imediato de realização, e não consiste em um processo, mas fundamentalmente na interrupção desse. Justamente daí o seu caráter traumático. A sua prática seria eminentemente clandestina, uma vez que recusa a realidade e se aproxima de uma realização alucinatória. Consiste em uma mentira contada ao próprio ego. No entanto, questiona-se: se a melancolia seria uma configuração que se encontra sob a égide da incorporação e da ausência de introjeção, o que teria impossibilitado essa última?

Quando o desaparecimento do objeto sobrevém simultaneamente a um processo de introjeção incompleto ou, ainda, quando o objeto não possui os recursos necessários para ser mediador, o ego ainda desamparado e dependente se vê diante de sua própria aporia: manter vivo dentro de si, em um pacto secreto aquilo que não lhe pode faltar, mesmo que isto cause o seu tormento. Assim, diante da impossibilidade da introjeção, sobrevém a incorporação traumática.

Com base em uma breve elucidação dos termos expostos, marca-se a importância do papel do objeto — detentor de tudo aquilo que o ego requer para seu enriquecimento e desenvolvimento e, principalmente, fiador da possibilidade da introjeção, pois sobre ele repousa a esperança do sentido. Conforme destacam Abraham & Torok (1987), apenas quando o processo de introjeção tiver se concluído é que o objeto, enfim, poderá perder seu lugar de reinado absoluto. Uma vez que esse processo tivesse sido interrompido, encontraríamos um cenário para o mecanismo mágico de incorporação entrar em cena. Assim, parece-nos que a própria disposição para perder um objeto de amor e superar a tristeza de tal trauma é algo que precisa ser suficientemente bem estruturado no sujeito; um recurso arduamente adquirido e que advém da possibilidade de dar sentido a sua perda.

Nessa linha de pensamento, podemos pensar na ideia freudiana (1917) da identificação melancólica feita com o objeto perdido, de modo que essa encontra consonância no âmbito da incorporação — no caráter similar que possuem através do intuito de reinstalar o objeto perdido dentro do ego. Com base nessa leitura, podemos pensar que a incorporação do objeto não leva em conta as qualidades desse, ou melhor dizendo, até leva em conta, conforme sublinha Pinheiro (1995), já que o objetivo da incorporação seria o de “fazer crer na realização da introjeção que de fato não houve” (p. 53). No entanto, faltaria na incorporação a ponte necessária da introjeção, a ponte do sentido para que o sujeito fosse capaz de se apropriar das qualidades do objeto.

Pensando no polo da mania, mesmo que a sombra do objeto tenha se dissipado, e que o sujeito tenha se libertado da incorporação do objeto perdido, poderíamos nos deparar com a fome de novos objetos. Essa parece-nos calcada no mesmo mecanismo de incorporação mágica. Mas, dessa vez, o sujeito encontra-se sob o peso da quantidade, na tentativa de incorporar mil novos objetos sem conseguir se apropriar quantitativamente de um sentido que lhe foi privado outrora.

Com base na leitura acima, se podemos presumir a incorporação como uma prática clandestina, como algo forjado para o próprio ego diante de uma ausência traumática, pensamos que talvez essa, em algum ponto, tenha se tornado insustentável. Ou seja, a mentira do objeto viria à tona lembrando ao ego mais uma vez a impossibilidade de outrora, aquela da introjeção de modo que o sujeito tentaria atirar-se a mil novos objetos sob a esperança de que algum deles possa mediar uma introjeção que lhe foi impossível.

### 3.3 O DESENVOLVIMENTO INICIAL E A IDEIA DE OBJETO PERFEITO

Já havíamos feito no segundo capítulo do nosso trabalho uma leitura freudiana, e ao longo dessa, pudemos levantar algumas questões sobre o conflito melancólico e os seus de objetos de amor, sobretudo, a relação que se estabelece com o objeto diante de sua perda. Por mais que possamos suscitar, com base no texto de Freud (1917), algumas reflexões sobre o mundo interno do sujeito melancólico e as relações que estabelece com o objeto perdido, é Melanie Klein (1935) quem vai deslocar essa ideia para a sua teoria, emergindo-a com suas novas contribuições acerca do inconsciente e das suas relações entre o mundo dos objetos internos e externos. Conforme veremos a seguir, para a autora, o desenvolvimento egóico seria acompanhado pela internalização e integração dos objetos.

Melanie Klein foi uma das primeiras psicanalistas a observar clinicamente o desenvolvimento de bebês e crianças. De acordo com a autora (1935), desde muito pequenas as crianças passariam pela vivência de ansiedades arcaicas e o teor dessas poderia encontrar equivalência nos quadros patológicos da vida adulta. Podemos encontrar a semente do seu pensamento nas hipóteses desenvolvidas por Abraham e, assim como o autor, ela também não se limita apenas ao estudo da libido enquanto tal, voltando-se, paralelamente, para a compreensão das relações de objeto.

Conforme pretendemos ter um alcance maior dos quadros de melancolia e mania em nosso trabalho, não nos aprofundaremos nos diversos desdobramentos que a sua obra possui. Tentaremos, contudo, na medida do possível, fazer um breve panorama da sua hipótese apresentada sobre o desenvolvimento inicial da subjetividade a fim de que possamos seguir uma linha de continuidade e, posteriormente, nos debruçarmos em sua aposta teórica sobre a afecção maníaco-depressiva, principalmente no que diz respeito à ideia apresentada de “objeto perfeito” (p. 311) tão característico a esse tipo de configuração.

Começamos por explicar sua hipótese sobre o desenvolvimento inicial. O seu quadro encontraria a base necessária para constituir-se em uma série de transformações psíquicas que se estabelecem no modo de se relacionar com o primeiro objeto de amor. A vida de um *infans*, em seu início, seria profundamente marcada pela cisão de objetos “bons e maus” (p. 304), de modo que o objeto seria bom na medida em que o bebê o alcança e mau quando ele o perde. Nesse sentido, a criança encontra o seu modelo<sup>35</sup> de objeto bom ou ruim na pessoa que é responsável pelos seus cuidados.

Seguindo o raciocínio da autora (1935), os primeiros objetos de amor se tornam “objetos internos” (p. 381) e o *infans* sente-os enquanto pessoas vivas dentro de si. Ou seja, cria-se, sobretudo, a concepção de uma dupla realidade entre aquilo que é interno e o que é externo, de modo que quando se vive uma situação real e externa e essa é internalizada, cria-se essa divisão. Desse modo, a mãe ou ainda a pessoa que cuida dessa criança é também dividida entre aquela figura externa que se encontra na realidade e aquela que é internalizada (KLEIN, 1940).

A internalização do objeto bom, representaria para o psiquismo incluir em seu ego uma série de experiências vividas como prazerosas. Essas funcionariam como um registro de segurança, uma fonte de prazer que serviria, então, como a base para o ego posteriormente

---

<sup>35</sup> A autora aponta nesse texto (1935) que o seio da mãe seria o primeiro modelo de base para o que se definiria por objeto bom ou mau. Com a ressalva de não colocar todo o peso na figura materna, optamos por uma leitura que amplia a ideia de que a pessoa responsável pelos primeiros cuidados do bebê não precisa ser necessariamente a mãe.

poder lidar com as condições de falta e de frustração. Em contraste, temos o objeto considerado mau. Mas ele não é um mau objeto apenas porque não satisfaz as necessidades do bebê, mas porque aí entra em cena o importante mecanismo de projeção. Logo, nos primeiros meses de vida, o sadismo estaria em seu auge de modo que encontraria expressão através das fantasias canibalescas de incorporação e destruição. O bebê projetaria sobre o objeto toda a sua agressão, de modo que ele será percebido como um objeto perigoso e fonte de ansiedades persecutórias. É apenas na medida em que o objeto bom começa a ser preservado que o ego pode se identificar com ele e tornar-se, então, um ego mais organizado, sentindo-se ele mesmo bom (KLEIN, 1935).

Paralelamente a esse processo de desenvolvimento inicial, acontece uma outra mudança importante para a vida psíquica do bebê na sua relação com o objeto: é a passagem da relação de *objeto parcial* para a relação de *objeto total*. Segundo a autora (1935), inicialmente o bebê se relacionaria apenas com um *objeto parcial*, de modo que esse está ali para ser consumido ou rejeitado conforme a fome ou o desagrado. Nesse estágio não haveria ainda uma separação entre o corpo do bebê e o objeto, de modo que esse ainda não se configura como uma unidade. A partir do momento em que esse bebê começa a se relacionar com um *objeto total*, o teor de suas ansiedades muda. Ele passa a perceber o objeto que está responsável por seus cuidados primários como uma pessoa inteira e diferenciada da qual ele depende completamente. Como consequência surge o temor de perdê-la e o início do sentimento de culpa pela agressividade que antes foi projetada sobre esse objeto. Logo, entra em cena um outro mecanismo de defesa de extrema importância na teoria kleiniana: a *reparação*. O medo de perder o seu objeto de amor faz com que o *infans* se preocupe com esse tendo o ímpeto de fazer-lhe reparações.

É nesse percurso que se dá a passagem da *posição paranoica* — depois chamada de esquizoparanóide — para a *posição depressiva*. É a partir dessa transição que a criança não se sente completamente abandonada quando seu objeto de amor não aparece conforme o seu desejo e começa a ter alguma esperança de que a figura materna voltará. Poderíamos pensar, nesse sentido, que seria o princípio de uma relação de confiança.

Resumindo, a passagem que se estabelece rumo à *posição depressiva* implica um modo de se relacionar que considera o *objeto total*, assim como também alude a uma maior integração entre o objeto que foi internalizado e o objeto que se encontra na realidade externa. Nesse estágio, o ego atinge uma nova posição: as figuras que antes eram muito boas ou muito más, aos poucos, se matizam, de modo que se passa a reconhecer que o objeto amado e o objeto odiado são, na verdade, mesma pessoa. Ou seja, a pessoa que gratifica é mesma pessoa que priva (KLEIN, 1935).

Uma vez que o ego se identifica com os seus primeiros objetos de amor e os internaliza, somente a experiência com uma pessoa boa e gratificadora despertaria no bebê sentimentos suficientes de satisfação e conforto para que esse *infans* possa, então, se sentir ele mesmo bom. O excesso de experiências com uma pessoa que frustra seria a base para o sentimento de abandono e ressentimento da criança, a pensar que ela mesma se tornaria uma criança ressentida. Assim, o que a passagem para a *posição depressiva* colocaria em jogo é a possibilidade em afastar-se de uma visão do mundo pautada na cisão entre amor e ódio, objetos bons e ruins, de modo que pudesse integrar num mesmo objeto ambas as possibilidades, matizando-as, construindo nuances a fim de aproximar-se da realidade. Ou seja, em outras palavras, é o conflito da ambivalência que encontraria aqui uma saída harmoniosa entre esses contrastes (KLEIN, 1935).

De acordo com Klein (1935), para que esse processo se efetue de maneira satisfatória, é preciso que na base a internalização do objeto bom tenha se dado de maneira consistente. Se a criança não consegue estabelecer seu objeto amado dentro de si nesse período, ou seja, se a internalização do objeto bom fracassa, então um afastamento maior do objeto amoroso revelaria um sentido melancólico.

Na impossibilidade de elaboração da *posição depressiva*<sup>36</sup>, encontraríamos o cenário para a melancolia de modo que os seus objetos seriam calcados em uma divisão radical entre objetos muito bons e perfeitos e objetos muito maus e defeituosos, sem possibilidade de ponte entre esses, na ausência de um intermédio que pudessem matizar essa cisão. Como consequência, haveria um conflito no seu mundo interno, de ameaça e separação. Os objetos maus ameaçariam destruir os objetos bons, sem que o ego se sentisse dotado das capacidades de realizar a *reparação* desses.

Para Klein (1935), a ideia de um “objeto perfeito” (p. 311) que faz frente ao quadro melancólico, seria uma forma encontrada pelo sujeito de se distanciar da realidade e rejeitar a desintegração do objeto. No entanto, essa saída sublimatória não consideraria todas as partes desse objeto.

Como destaca a autora, em alguns casos clínicos por ela observados, o objeto da realidade “não era considerado atraente — na verdade, era visto como uma pessoa defeituosa,

---

<sup>36</sup> O termo “posição depressiva” proposto pela autora (1935) pode ser fonte de uma confusão conceitual. Vamos explicar melhor. A “posição depressiva” seria aquela que se segue à “posição paranoica” (posteriormente definida por esquizoparanóide) e surgiria por volta dos 4 a 5 meses de idade; e implicaria a elaboração de ansiedades na relação com os objetos. Um quadro de “depressão” e “posição depressiva” são duas coisas distintas, de modo que o primeiro surgiria diante de dificuldades apresentadas na elaboração da “posição depressiva”. Ou seja, “a posição depressiva” poderia apresentar uma saída normal e uma saída patológica.

incurável, e, portanto, ameaçadora”, com efeito, “a imagem de beleza tinha se dissociado do objeto real, mas nunca fora abandonada” (p. 311). Pautada sobretudo em evidências clínicas, ela destaca:

No caso de alguns pacientes que tinham se afastado da mãe com ódio ou aversão, ou que tinham empregado outros mecanismos para fugir dela, percebi que mesmo assim havia em suas mentes uma bela imagem da mãe, mas uma imagem que era percebida apenas como um *retrato*, não como seu “eu” verdadeiro. (KLEIN, 1935, p. 311)

O que podemos depreender desse apontamento feito por Klein (1935) é que o desenho do objeto interno e perfeito repousa sobre uma ideia de perfeição e de beleza que não encontraria suporte na realidade, o objeto interno seria, portanto, um objeto idealizado. Sob essa ótica, podemos, mais uma vez, perceber o sujeito melancólico atrelado a uma ideia, a um substituto imaginário, cuja consonância não é encontrada com a realidade externa. Essa ideia, ou esse ideal de objeto, parece, contudo, ser o refúgio encontrado na melancolia para remendar a vulnerabilidade de um ego que se sente desprovido dos recursos necessários e, como saída, encontra algum alento ao guardar para si mesmo essa imagem que se distancia de uma realidade, talvez, infeliz.

No entanto, é essencial ressaltar que esse objeto interno, dotado de toda perfeição, é ainda um objeto que foi construído com base em uma relação concreta com o objeto real, mas que se perdeu dessa enquanto tal. Como levantando no exemplo acima, é a ideia de um retrato, uma fotografia do objeto sob o seu melhor ângulo, irretocável, reflexo de outrora guardado pelo sujeito como uma relíquia preciosa, como a história mais bonita que ele guarda sobre o seu primeiro objeto de amor.

Essa perfeição pela qual o objeto interno é dotado é, ainda, a égide para uma série de questões problemáticas; dentre elas, a impossibilidade de o sujeito se relacionar com um objeto total e inteiro. Há uma intensa dissintonia entre o objeto interno e perfeito e o objeto real. Essa distância, a qual atravessa a perfeição e a realidade, é uma fonte de grande ansiedade para o sujeito. Dentre uma delas, a ansiedade, podemos encontrar na melancolia da impossível tentativa de corresponder a perfeição desse objeto. Ou seja, o objeto perfeito se torna, ainda, um objeto ameaçador, pois, na concepção da autora (1935), o fato de que sejam extremamente perfeitos faz com que se tornem, de diversas maneiras, objetos “morais e exigentes” (p. 310), que esperam do sujeito apenas o melhor.

Ora, quanto melhor for esse objeto, quanto mais perfeito o seu semblante, mais árdua será a tarefa encontrada de lhe reconstituir-se. O quadro melancólico, segundo Klein (1935),

encontraria a sua base num palco interno, onde esses objetos de amor seriam descobertos num estado de desintegração, em ruínas e, juntamente, com o pavor de conter dentro de si esses “objetos mortos ou agonizantes” (p. 303). O ego, ao se deparar com sua realidade interna, desespera-se na busca de tentar remontar esses objetos ao estado original, de catar seus pedaços e fazer a sua *reparação*. No entanto, esse processo é fonte de grande tormento. Primeiro, pois o ego não se sente detentor das capacidades necessárias para realizar a restituição do objeto que foi destruído. Segundo, por: se esse objeto encontrado em estado de desintegração no seu interior tratar-se de um objeto “perfeito” (p.311), ora como então juntar os seus pedaços? Logo, uma das ansiedades encontradas na melancolia decorre justamente do fato de tentar juntar pedaços de um objeto idealizado e perfeito, e do caráter quase impossível dessa tentativa (KLEIN, 1935).

Segundo uma leitura feita por Frieda Fromm-Reichmann (1978) com base na teoria kleiniana, as relações interpessoais do maníaco-depressivo devem ter passado por uma interrupção em seu desenvolvimento justamente na fase em que os objetos ainda são parciais, de modo que a criança se vê separada do objeto mas ainda não o entende como um objeto total, ou seja, a sua concepção de mundo ainda se expressa por fragmentos que são bons ou ruins. Como consequência, o seu modo de perceber o mundo e as outras pessoas seria pautado nessa distância sem acordos entre o bom e o ruim. É como se o maníaco-depressivo não tivesse aceitado a mãe ruim.

Nesse sentido, o curto-circuito entre os quadros de mania e melancolia estaria relacionado a esse balanço que se estabelece entre fases; na fase melancólica o sujeito luta contra a mãe ruim e na fase maníaca ele se sente próximo à mãe boa, de modo que teríamos como consequência a figura típica de um sujeito ciclotímico: o tudo ou nada!

Diante das frustrações e perdas impostas pela vida o sujeito se encontraria em um plano profundamente doloroso e, como diz-nos Freud (1917), há de questionar-se “por que é preciso adoecer para chegar a uma verdade como essa” (p. 54-55). Como efeito de um dano primordial, o melancólico-maníaco culparia o outro que lhe relegou a esse lugar.

Com base no que vimos até o presente momento, elucidamos algumas hipóteses centrais inseridas no pensamento kleiniano. Na medida em que nosso estudo se volta aos quadros de melancolia e mania, foi possível depreender a hipótese de um objeto interno perfeito, que não encontra sintonia com a realidade externa e que por sua imagem de perfeição se tornaria um objeto exigente e ameaçador. Fizemos também um panorama do desenvolvimento inicial levantado por Klein (1935), no qual pudemos ter uma maior visibilidade da sua ideia de mundo interno, das posições e das suas ansiedades respectivas. Se por um lado, direcionamo-nos para

o quadro melancólico, no próximo tópico tentaremos, contudo, alçar a proposta da autora no que diz respeito ao quadro maníaco. Não nos deteremos aqui na proposta do autor, no entanto, ressaltaremos que a defesa maníaca não se restringiria a lógica melancólica.

### 3.4 O SENTIMENTO DE ONIPOTÊNCIA E A DEFESA MANÍACA

A partir de agora, discutiremos algumas propostas feitas por Klein no que tange à experiência maníaca. Os seus trabalhos intitulados *Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos* (1935) e *O luto e a sua relação com os estados maníaco-depressivos* (1940), já mencionados em tópico anterior, contam com contribuições essenciais para pensarmos o quadro maníaco sob a égide da negação e do sentimento de onipotência do quadro. Debruçar-nos-emos também na hipótese da defesa maníaca, levantada pela autora. Essa seria, ainda, distinta da mania enquanto quadro.

De acordo com Klein (1935), o quadro maníaco seria uma forma encontrada pelo ego de tentar desviar-se da agressividade do id e de seus objetos persecutórios, os quais ele não se sente capaz de controlar. Nesse sentido, a mania seria calcada no mecanismo de negação da realidade psíquica, mecanismo já utilizado pelo ego naquela fase mais arcaica do desenvolvimento através das tentativas de controlar o seio da mãe e os objetos externos com o intuito de negar as ansiedades persecutórias. A negação maníaca — em contraste a outras formas de negação — evidencia um excesso de atividade que encontra o seu mote no *sentimento de onipotência*, característica central do quadro na concepção de Klein (1935).

Como destaca a autora (1935), o sujeito não consegue abandonar seus objetos bons a despeito da forte identificação que mantém com esses. Ou seja, se por um lado, ele quer se libertar da dependência do objeto que o aprisiona, por outro, ele não consegue afastar-se completamente. Desta forma, faz-se um acordo quase fantástico: o sujeito acredita poder dominar seus objetos internos, ou seja, ele acha que consegue controlá-los a ponto de não causarem danos uns aos outros. Em outras palavras, a saída encontrada pelo *sentimento de onipotência* no quadro maníaco é ainda negar a importância dos objetos amorosos. Desse modo, se esses forem destruídos pelos objetos maus isso não causará o seu sofrimento, afinal, existem outros objetos de amor. Em outras palavras, é como se o seu enunciado fosse: *não me importa se meus objetos de amor forem destruídos, isso não me afetará, afinal existem muitos objetos bons para serem incorporados*.

Como baluarte da operação maníaca, evidencia-se todo o estado de “depreciação da importância do objeto” (Klein, 1935, p. 320). Parece-nos contraditório que a depreciação do objeto venha acompanhada de uma fome de novos objetos. No entanto, como destaca Klein (1935), seria exatamente pela fome de novos e outros objetos que o ego poderia atingir uma suposta indiferença. Ao nosso entendimento a fome de objetos tão premente na cena maníaca evidenciaria, ainda, a promessa de um objeto novo em folha ou, ainda, a chance de encontrar êxito na introjeção do objeto. Se, por um lado, encontramos um grito de avante na mania, um passo que é dado para frente, esse movimento, segundo Klein (1935), seria contrastado por mecanismos antigos e arcaicos, que impedem o sujeito de avançar.

O sujeito maníaco, conforme destaca Klein (1935), tentaria negar o contraste existente entre o bom e o mau, negando a qualidade negativa e frustrante do objeto e do seu mundo inteiro. Desta forma, o sentimento de onipotência e triunfo presentes no sujeito maníaco, fazem com que ele tenha sempre a última palavra e saia sempre vitorioso. Como efeito desse sentimento de toda potência, ele rejeita a sua realidade psíquica e acaba mantendo laços frouxos com a realidade externa.

Não há uma distinção muito clara nesses artigos de 1935 e 1940 acerca dos conceitos de mania, defesa maníaca ou, ainda, posição maníaca — termo também usado pela autora e, mais tarde, suprimido ao longo de sua teoria. No entanto, a proposta de defesa maníaca seria pensada por Klein como uma tentativa de fazer frente a ansiedades que derivariam da *posição depressiva* já mencionada acima. Como vimos anteriormente, os quadros de melancolia e mania estariam calcados na impossibilidade de experimentar a *posição depressiva* e, portanto, de relacionar-se com objetos totais. Logo, as suas ansiedades seriam decorrentes da tentativa de preservar o ego do ataque dos objetos maus, os quais estariam cindidos dos objetos bons. De maneira distinta, a defesa maníaca seria um mecanismo pautado na *posição depressiva*. Nela, entraria em cena um dos principais mecanismos dessa posição: a possibilidade de fazer *reparação* dos objetos. A defesa maníaca, também encontraria seu baluarte nos sentimentos de onipotência e negação da importância do objeto bom, de modo que expressariam uma suposta indiferença por parte do sujeito. No entanto, se os seus objetos bons fossem destruídos o sujeito acreditaria ser capaz trazer-lhes de volta à vida.

O sujeito sente-se capaz de trazer vida a esse objeto destruído, ressuscitando-o, fazendo-lhe *reparações*. Logo, o seu objeto pode ruir, mas o sujeito sente-se capaz de reconstituí-lo. Um bom exemplo, pode ser evidenciado através do que um dos pacientes de Klein (1935) nominava por “animação suspensa” (319), processo pelo qual ele acreditava ser capaz de colar os pedaços e ressuscitar esse objeto que se encontraria em estado de

desintegração dentro do próprio ego. Esse será ainda o nome de um dos mecanismos encontrados na proposta de defesa maníaca levantada por Winnicott (1935), a qual, porém, não nos deteremos aqui. No entanto, gostaríamos de fechar esse tópico mencionando a possibilidade da saúde na defesa maníaca. Como destaca Klein (1940), a onipotência da defesa maníaca permitirá ao ego primitivo se posicionar diante da ambivalência e da dependência que mantém em relação aos objetos amados. De modo que a criança pequena, que ainda não confiaria em seus recursos de reparação, recorrerá à onipotência maníaca como saída.

### 3.5 OLHAR NENHUM

*“estou deitado sobre a minha ausência,  
como poderia estar deitado se existisse.  
amanhã as ondas imitar-me-ão na praia.”*

*(PEIXOTO, 2017, p. 33)*

Nesse ponto do nosso trabalho, iremos agora dar um salto para uma outra inspiração teórico-clínica, a fim de contar com as hipóteses de uma autora que se debruçou extensamente sobre a melancolia, escrevendo três livros importantes sobre o tema. Lambotte (1997) pensará a configuração melancólica sob o desenho de uma catástrofe narcísica que encontraria a sua expressão nas concepções de “identificação ao nada” (p. 433) e “negação da intenção” (p. 434-435), as quais nos debruçaremos a seguir.

Seguindo uma inspiração Lacaniana, a autora conta com alguns conceitos que fogem ao escopo teórico dessa dissertação e, por isso, não serão melhor explorados. No entanto, sob a nossa interpretação, o trabalho de Lambotte (1997) possui algumas reflexões importantes para uma visada relacional nos quadros de melancolia e mania, ou seja, a autora destaca a importância da relação com o outro sob a égide do sofrimento melancólico, ponto que consideramos importante para a reflexão desse capítulo.

Em sua tese sobre a gênese da melancolia, Lambotte (1997) assimila tal constituição subjetiva a uma configuração que encontraria seu desenho final em um modo singular de existência. De modo que o quadro encontraria a sua expressão nas concepções de “identificação ao nada” (p. 433) e “negação da intenção” (p. 434-435). Esses dois modos de ser estariam intrinsecamente vinculados, de modo que a subjetivação melancólica encontraria neles a sua égide.

Nesse âmbito, trabalha-se com a hipótese de uma criança que, ao princípio da construção de sua subjetividade, não teria sido atravessada como objeto pelo discurso idealizado dos pais, do mesmo modo que também não foi alvo da intenção do olhar materno. É como se esse olhar atravessasse o sujeito sem lhe atribuir o sentido de uma existência ou alguma orientação. Ora, devemos, contudo, fazer uma pequena observação ao leitor: ao ler-se a palavra *olhar*, a interpretação não deve passar pelo seu sentido estrito, de modo que podemos falar também de desejo, investimento e de intenção nos cuidados destinados ao *infans*. É a falta também, de uma figura que possa testemunhar o primeiro passo dado, a primeira letra que aparece sobre o papel e que possa, ainda, vitalizar a primeira palavra pronunciada (LAMBOTTE, 1997).

Sob esse enfoque, estamos falando de uma criança que se depara com um olhar longínquo e vago. É como se o adulto responsável pelos seus primeiros cuidados estivesse ali, mas ao mesmo tempo não. De modo que a sua expressão seria a de um esvaziamento da intencionalidade. Trata-se de um certo tipo de ausência que relega essa criança a uma deserção do desejo, deixando-a à margem de uma identificação com o vazio. Não seria, no entanto, o caso de uma ausência de representação, mas de uma representação que só pôde se constituir a partir de um certo vazio. Como consequência dessa falta tão radical, o sujeito encontra-se despovoado e excluído da função desejante, acrescido de inexistências, à deriva de um vazio perpétuo: ali onde Tânatos sobrepuja Eros; o melancólico expressa de forma vertical a dificuldade de estar sob a própria pele (LAMBOTTE, 1997).

O que se aponta diz respeito à função desfalecente que assume o olhar materno numa infância muito tenra. Algo nessa primeira relação entre a pessoa responsável pelos cuidados desse pequeno *infans* é abruptamente rompido, e o olhar que era antes lançado sobre esse se rompe, ou melhor dizendo, torna-se um olhar distante, no qual a criança não encontra mais vida, não pode mais se reconhecer ou encontrar a sua própria existência. Winnicott (1952) já reconhecia a importância dos cuidados maternos ao dizer que toda a saúde mental da criança seria estabelecida com base na preocupação materna — ou daquele responsável — e os cuidados destinados ao seu bebê. De acordo com Lambotte (1997), esse olhar que se dirige a criança, repleto de esperança e expectativa, de repente se esvai e torna-se um olhar perdido nos limites do longe, do que não se pode alcançar. Essas figuras primárias na vida da criança, por algum motivo, se tornam ausentes em presença. Seja pela morte prematura de um desses pais, pela a separação ou alguma outra contramão do destino (LAMBOTTE, 1997).

Nesse âmbito, com base na sua leitura, presume-se a ideia de uma experiência de catástrofe para o narcisismo do *infans*, uma vez que o objeto de amor mais próximo tenha

subitamente desaparecido. Sem poder contar com ninguém ou com nada para significar essa ruptura, a criança ainda em tenra idade se viu só, em meio às suas demandas que não podiam mais encontrar um destino. Como consequência, quebra-se um impulso que começava a se delinear na direção de um objeto de amor, de modo que retorna sobre o sujeito “uma energia que, doravante, escavará um vazio mais e mais profundo” (1997, p. 316) em uma época muito precoce. Por se tratar justamente da experiência de uma catástrofe narcísica, que adveio na origem da possibilidade de uma relação, e ainda sob os auspícios do investimento objetal, a criança dificilmente consegue assimilar a situação traumática, de modo que essa perda acontece em meio a formação de um processo. Nesse sentido, parece-nos que um dos fatores traumáticos desse abandono sobrevém diante da própria impossibilidade de encontrar um sentido.

Cabe lembrar ao leitor, que não se trata aqui de entrar num discurso culpabilizatório da figura materna, mas pensar numa etiologia traumática na vida do sujeito melancólico. Desse modo, podemos pensar na pessoa que estaria responsável pelos cuidados dessa pequena criança, que estaria ao lado e de repente não está mais. Trata-se, sobretudo, de uma presença que escapa. Ao abranger as hipóteses de Lambotte (1997) na nossa discussão, parece-nos ser legítimo extrair de suas considerações a importância destinada ao papel do outro na formação de uma dinâmica melancólica. É, ainda, o impacto desse na vida do sujeito, ou seja, a metáfora do papel do outro é àquela de sua relevância como possível fator na origem desse tipo tão singular de sofrimento.

Como relembra Lambotte (1997), não há como negar, no entanto, a magnitude que recobriria a figura materna em certos casos de melancolia. Sob esta ótica, seria a ideia de uma figura todo-poderosa, expressa no cenário ambivalente das relações melancólicas de amor e ódio. O sujeito, a fim de ganhar algum quinhão de existência e conquistar um espaço próprio, precisaria afastar-se dessa imagem tão absoluta. Por outro lado, esse distanciamento tenciona manter-lhe uma perpétua fidelidade. Eis um grande paradoxo e daí a agrura que recobre o trabalho melancólico e a tenuidade que percorrerá todo o processo analítico para com esses casos. Estar perto demais de um objeto tão poderoso e brilhante ofusca a possibilidade de ganhar algum espaço vital para o sujeito, e estar longe demais é a impossibilidade de sustentar uma existência. Ora e onde poderia o melancólico estar nessa cisão entre um perto que o sufoca ou um longe para ele impossível?

O melancólico encontra uma imagem especular de si que não pode ser erotizada pelo outro. Dessa maneira, o registro do afeto que evanesceu precocemente sidera o sujeito em um espaço de investimento repleto de inexistências (LAMBOTTE, 1997).

Nesse sentido, o sujeito se depara com um olhar que pouco espera dele, ausente de expectativas de um porvir. Como forma de asseguramento simbólico, ele identifica-se ao *nada*, de modo que essa identificação legitima a sua continuidade. Eis, então, a possibilidade que se encontra de existir: sendo um nada. Um grande nada que nos remete à figura do buraco turbilhonar, do vazio sem bordas. Porém, logo surge a interrogação: o que estaria em jogo nesse projeto melancólico de ser um nada? Que espécie de construção podemos encontrar nesse tipo de afirmação do negativo?

Não raro, esses sujeitos encontram como refúgio uma vida discreta, agem por detrás dos bastidores, tornam-se verdadeiros anacoretas fazendo-se desaparecer. Buscam algum atestado de existência nos cuidados que dirigem a outras pessoas. Relegam seus traços identificatórios a outrem na tentativa de conseguir alguma identidade emprestada mesmo que para isso tenham que se anular. É o título de uma afirmação identitária pelo viés do nada<sup>37</sup>. No entanto, como diz-nos Lambotte (1997), essa afirmação é paradoxalmente a expressão daquilo que faltou ao sujeito, de modo que ele não recebeu de suas figuras de amor senão “um quadro vazio que o outro está encarregado de preencher” (p. 359). Como saída possível, resta-lhe remendar-se mimeticamente com o que lhe faltou, ou seja, com a sua experiência primária de abandono.

Se retivermos a hipótese da distância dos cuidados primários e do olhar longínquo da pessoa por esse responsável, tal pressuposto remete-nos a uma outra problemática que é a das bordas, dos limites internos e externos, da diferença que não pode se estabelecer entre os objetos de prazer e desprazer, dos liames temporais entre passado, presente e futuro. Toda essa manifestação sintomática encontra-se em jogo na melancolia. Nesse sentido, a hipótese apresentada por Lambotte (1997), acerca da “negação da intenção”, encontrará aqui o seu apoio. Pois aquele que não é nada, tampouco pode desejar alguma coisa. Uma vez que o sujeito não pode ter sido alvo da intenção, só poderá assumir com o mundo a mesma relação de não intencionalidade. Como aponta Pinheiro (2012), a negação da intenção melancólica encontra consonância com o que se delineia por interesse ou pelo que se é reconhecido psicanaliticamente por investimento.

De acordo com Lambotte (1997), podemos encontrar essa configuração na relação que esses pacientes assumem tanto com a temporalidade quanto com a impossibilidade de nutrir alguma esperança em um destino que possa se apresentar de modo diferente. Ou seja, é como se o seu enunciado se expressasse em uma ordem impassível de mudança, pela qual o tempo

---

<sup>37</sup> Nos casos mais graves de melancolia, a afirmação do nada como identidade encontra o seu ápice na síndrome de Cotard, quadro delirante no qual o sujeito acredita estar oco, ter perdido seus órgãos, ou ainda estar morto por dentro. É negação que encontra a expressão na concretude corporal.

engole os segundos de igual maneira, sem a inocência e sem a espera do novo. Logo, o dito melancólico encontra-se, mais uma vez, diante do negativismo generalizado. E, talvez, — para o desespero e a impotência muitas vezes sentidas pelo analista — possa-se dizer que seja justamente desse pungente modo discursivo que decorra toda sua beleza e sua potência. Trata-se de um modo singular de se posicionar diante da vida sem contar falsas alegorias.

Como consequência da problemática das bordas, as muralhas do tempo são invisíveis na melancolia. Despossuído de uma dimensão linear e não incluído pela idealização narcísica que teria lhe sustentado, a dimensão do ego ideal e da ilusão de sua onipotência — o sujeito melancólico — se antecipa como destituído e deflagra a, todo instante, a fragilidade de sua existência.

Com base nas hipóteses apresentadas por Lambotte (1997), podemos reter, sobretudo, a ideia de uma catástrofe narcísica na vivência do sujeito melancólico. Essa, encontraria a sua expressão em um modo particular de existir, pelo qual esses sujeitos se definem sob a égide de uma identificação ao nada. Como consequência, o sujeito melancólico só poderia apresentar frente ao mundo a mesma relação de não investimento e de não intencionalidade sob a qual se viu relegado. É, ainda, a imagem encontrada no escrevente *Bartelby*<sup>38</sup> sob a sua insípida fala “Prefiro não” (MELVILLE, p. 36, 2014).

### 3.6 DESOBJETALIZAR-SE: UM GRITO DE RENÚNCIA

Vimos, brevemente no tópico anterior, as hipóteses desenvolvidas por Lambotte para pensar o quadro de melancolia. Agora, iremos nos debruçar sobre a sua hipótese desenvolvida posteriormente acerca da mania, a qual possui como baluarte a ideia de uma negação do valor dado ao objeto, conforme veremos. Em consonância com a sua hipótese, contaremos paralelamente com a leitura de Assoun (2010), um autor que também pensa a mania sob enfoque similar em relação ao objeto.

Lambotte (2007), num artigo destinado ao tema da mania, sustenta em relação ao quadro a sua concepção de “negação da intenção” (p. 128, tradução nossa) também usada para sua hipótese acerca da melancolia. Do ponto de vista da autora, a transição que inaugura um quadro maníaco estaria atrelada a um mecanismo pelo qual a consciência seria anulada. De

---

<sup>38</sup> *Bartleby, o escrevente* foi uma novela escrita por Herman Melville. O personagem principal, Bartleby, seria ao nosso ver um sujeito melancólico, imerso em um mundo insípido e nulo diante do qual não consegue se posicionar a não ser sob não preferência diante das coisas e do mundo. É um personagem enigmático que nos dá a impressão de se deixar, de se abandonar sob a ausência de interesse frente ao mundo.

modo que a mania sob o seu ponto de vista representaria uma negação relacionada à importância que foi outrora concedida ao objeto de amor. Não seria uma negação da existência do objeto em si, mas, sobretudo, da relevância que teve para o sujeito e da sua singularidade enquanto objeto único. Nesse ponto é relevante marcar que pela ótica da autora não se trataria de uma psicose. Lambotte pensa a melancolia enquanto uma estrutura diferente daquela encontrada no campo das psicoses, o que produz uma discordância por parte de outros autores lacanianos

Conforme a autora (2007) destaca, a sua ideia de negação da intenção dada ao objeto poderia encontrar o seu baluarte na descartabilidade com que o sujeito maníaco trata os objetos da realidade externa, substituindo-os e equivalendo-os ao mesmo tempo, sem que nenhum possa ter mais importância do que outro. Em suma, nada possui consistência ou valor, e o sujeito em nada se fixa. Mesmo que o maníaco se atire em diversos movimentos por detrás dessa hiperatividade, não se encontra uma intenção central. A atmosfera livre e o grito de vitória que o maníaco entoava remetem a uma impossibilidade pela qual tenta-se sobrepujar o poder nostálgico do objeto perdido.

Assoun (2010) é um outro autor que parece-nos conversar com a ideia levantada acima. Para ele, a subjetividade maníaca culmina no grito de negação do amor. O que pode ser evidenciado pela fala que o sujeito maníaco endereça ao próprio objeto, emergindo em sua linguagem infantil: “E então, primeiro eu não te amo” ou ainda “Eu não te amei jamais!”(p.30) Sob esta égide, sustenta-se o trato maníaco — arranjo clandestino! Para escapar da desesperança da relação com o objeto, nega o amor outrora dirigido a este. Bela escapada da dor! Entretanto, negar alguma coisa não é, em certo sentido, afirmá-la?

Uma vez que a tristeza abissal da melancolia pode ser vista como um índice afetivo da relação com a perda objetual, da mesma forma, a alegria maníaca e o fascínio que ela desperta expressam uma relação com o objeto triunfalmente reorganizado. De um lado, a fuga da perda e, de outro, a suposta libertação dessa perda do objeto. Tais ideias fundam um destino contrastante entre um quadro e outro. A subjetividade maníaca pode também ser vista como uma investida do sujeito em assegurar a sua continuidade, se defendendo desesperadamente contra as perdas e lesões (ASSOUN, 2010).

Segundo Assoun (2010), o correlato da operação maníaca, tem como baluarte uma repatriação do objeto. No cerne da dor, prefigura a explosão maníaca um grito de vingança que soa como um “finalmente livre!” (p.49). Se outrora o ego havia renunciado a autossuficiência narcísica e era absorvido e estropiado pela sombra do objeto, agora, com a exoneração do objeto, o ego se vê finalmente independente, vingando-se dessa obsessão. Por isso, a atmosfera narcisista e triunfal deste processo.

Ainda, baseando-se na ideia do autor (2010), trata-se de uma rejeição do objeto que pode ser vista em seu escopo como rejeição do inconsciente. De modo que a escalada maníaca triunfaria apenas para se ver livre da perda e livre de obstáculos com a ambição de ser libertada da gravidade que retém o objeto. Por tal motivo, o maníaco se atiraria com uma voracidade faminta em novos objetos. Tal seria o trato bulímico, o cleptomaníaco, o toxicomaníaco dentre outros citados pelo autor. São essas modalidades de se relacionar com o objeto, modalidades que colocam em cena um caráter de maior oralidade. Já citamos anteriormente neste trabalho, aquilo que Abraham (1924) chamou de “mania engolidora”.

Mais uma vez retornamos à questão que repousa sob o destino do objeto. Onde neste *fort da* do objeto, poderíamos situar metaforicamente o sujeito melancólico? E o maníaco? Uma vez que na fase melancólica o objeto consome o ego do sujeito, em uma adesão sem limites definidores, poderíamos arriscar dizer que o carretel não existe para este último? Ou, pelo menos, que sua afirmação parte desse pressuposto? O maníaco, por outro lado, não parece se importar com o carretel.

Segundo Lambotte (2007), o sujeito maníaco permaneceria inconsciente dos motivos que o fazem agir abruptamente, e isso se daria por serem referentes à mesma catástrofe original, sem representação que atingisse o melancólico. Alguma coisa deste período arcaico do sujeito, em sua experiência com o objeto, não pode encontrar lugar, não pode ser integrada e viria, então, a se apresentar na cena maníaca. Deste modo, entraria em jogo na cena maníaca seria “uma passagem intrapsíquica ao ato” (p. 129, tradução nossa) destinada à aniquilação do objeto ou, pelo menos, do poder conferido a esse. Do mesmo modo, o trabalho efetuado pelo luto consiste em atar, mais uma vez, o objeto perdido, conforme já havia assinalado Freud (1917).

Como já vimos anteriormente, em um primeiro momento, o trabalho de luto efetua a busca contínua de recuperar seu objeto perdido. Na medida em que o objeto não pode ser encontrado na realidade presente, o desfecho final do luto, segundo Freud (1917), consistiria em matar uma segunda vez o objeto perdido. Esse processo se daria na medida em que o sujeito pudesse desligar paulatinamente a sua libido do objeto perdido e como efeito esse seria desvalorizado. Somente após a perda dos valores libidinais concedidos ao objeto perdido, o sujeito poderia declará-lo morto também em sua realidade interna.

De acordo com Lambotte (2007), o que diferenciaria o processo do luto para passagem ao ato na mania residiria no ponto de que, no luto, o assassinato psíquico do objeto reenviaria seus efeitos com o objetivo de alcançar uma suposição da realidade. De outro modo, a passagem ao ato maníaco seria de ordem inconsciente e, por isso, destinada a se repetir. No entanto, algumas questões aqui nos escapam. Ora, a autora fala de um processo que envolveria a

assunção da realidade enquanto o outro não. Mas o que está sendo chamado aqui de realidade? Não seriam em certo sentido dois processos — o luto e a melancolia — com suas respectivas realidades? Destarte, questiona-se frente ao que este modo de se relacionar da mania é convocado. Que tipos de impasse são colocados em jogo?

O que parece evidenciar-se nos quadros de melancolia e mania, é, no entanto, a impossibilidade de aceitar a realidade imperfeita, de modo que essas pessoas acabam por criar uma própria realidade, a qual tentam controlar com todo seu afinco. Voltando-nos ao ponto central do nosso trabalho, a nossa hipótese encontra o seu baluarte na ideia de um trauma primitivo com o primeiro objeto de amor. Efeito de um intransponível dano narcísico para o sujeito que tornaria árdua a tarefa de se posicionar perante as dificuldades impostas pela vida.

Nesse âmbito, a concepção de Lambotte (2007) é que o sujeito maníaco em sua jornada exultante estaria nada menos do que em uma busca ilusória de apreender um gozo primitivo, do qual ele só conseguiu obter o traço. Como consequência, o sujeito estaria a se debater desde o princípio na falta de uma imagem narcísica valorizada, que ele pudesse reconhecer como sua e que fosse a base para que o jogo dos investimentos objetivos necessários pudesse ter lugar.

Com base no que pudemos apreender até o momento, o evento maníaco parece carregar em seu cerne um grito de negação do valor outrora destinado ao objeto, como se pudesse ele, em seu estado de renascimento e auto beatitude, renegar toda uma história pungente e recomeçar do zero, assim, como quem rasga um papel ou apaga algumas linhas mal escritas. Uma vez que na melancolia a sombra do objeto caiu sobre o ego, na mania, o ponto de conjectura parece se sustentar pela evacuação do objeto. Logo, o ego desobjetalizado está livre da economia maçante que o absorvia antes. No entanto, como alude Assoun (2010), esse ego dilatado pela autodestruição do objeto está condenado a esvaziar-se, sucumbindo mais uma vez ao complexo melancólico, de modo que esse ciclo da festa maníaca, pelo qual o sujeito passou e sentiu-se uma vez preenchido de toda potência até as bordas, esvaiu-se sobrando em seu palco aquilo que se conhece popularmente “pelo dia depois da festa” (p. 75, tradução nossa). Entre os dois, no entanto, poderia ocorrer, vez ou outra, algum ganho maníaco.

Com base no que foi apontado nesse tópico, podemos circunscrever a ideia de “negação da intenção” suscitada por Lambotte (2007) e, também, a hipótese de Assoun (2010) acerca da mania como um grito de negação do amor que foi outrora destinado ao objeto. No entanto, pairam ainda sobre a aura maníaca outros vestígios a serem melhor elaborados. A mania parece-nos emergir de uma aposta semelhante à do luto, àquela de fazer um trabalho de desvalorização do objeto perdido. Logo, questiona-se: poderia o quadro maníaco ser um destino do luto? O

destino possível? Vejamos a seguir, algumas concepções evocadas acerca das relações existentes entre o luto e a mania.

### 3.7 LUTO E A MANIA: APROXIMAÇÕES E DIFERENÇAS

*“— Por que não ri, patrão? — perguntou. — Por que está me olhando? Eu sou assim. Há em mim um diabo que grita, e eu faço o que ele diz. Cada vez que eu estou a ponto de sufocar, ele diz: ‘Dança’, e eu danço. E isso me alivia! Uma vez, quando meu pequeno Dimitraki morreu, na Calcídia, eu me levantei e dancei. Os parentes e amigos, ao me virem dançar assim diante do corpo, se precipitaram sobre mim para me fazer parar. ‘Zorba ficou louco!’ Mas eu, se não dançasse naquele momento, aí sim, eu ficaria louco de dor. Porque ele era o meu primeiro filho e tinha três anos, e eu não podia suportar a sua perda”.*

*(KAZANTZAKIS, 1974, p. 94).*

Vejamos agora, outro tópico importante ao nosso capítulo, cuja questão do luto e da mania será melhor explorada. Antes de mais nada, devemos destacar que esse ponto do nosso estudo será circunscrito sob um outro aspecto ao articular o pensamento de autores diversos ao invés de localizar-se em um único.

Temos, por um lado, o reconhecido paralelo traçado por Freud (1917), entre o mecanismo da melancolia e o processo de luto, evidenciando as similaridades e distinções entre ambos os estados; por outro, em relação à mania, o autor não levantou a possibilidade de comparação com o luto. É Karl Abraham (1987, p.216), em troca epistolar com Freud, o autor responsável por suscitar uma observação determinante à possibilidade de ser feita uma analogia entre o luto e a mania. O autor sublinha ser possível notar, em um grande número de casos, um aumento da libido, após certo período de luto que poderia servir como base para comparar à transformação que ocorre na passagem da melancolia para a mania. Vejamos uma carta sua destinada a Freud:

“(....) Você afirma, caro professor, que não há nada no luto normal que responda ao salto efetuado pelo melancólico no estado maníaco. E, no entanto, eu penso poder descrever um processo desse tipo sem que eu saiba se tal processo se repete em cada caso. Tenho a impressão de que um grande número de pessoas apresenta, pouco depois de um período de luto, um crescimento libidinal. Este se manifesta numa necessidade sexual crescente e parece conduzir — pouco depois de um falecimento — à concepção de uma criança. Eu gostaria de conhecer sua opinião a respeito e se o Sr. Estaria em condições de confirmar essa observação. *O crescimento da libido pouco depois da ‘perda objetal’ poderia ser uma contribuição válida no paralelo luto-melancolia...*”. (ABRAHAM & TOROK, 1987 p. 216, grifo nosso)

Pode-se notar na resposta de Freud (1922) uma espécie de mal-entendido ao tópico levantado por Abraham. Freud não chega a discordar da colocação feita, mas passa batido por ela. Como alguém que não percebe alguma coisa, ele compreende apenas que Abraham estaria pedindo-lhe uma explicação sobre o mecanismo maníaco. Em sua primeira resposta, Freud destaca apenas outras questões já levantadas sobre o tema da mania em seu texto *Psicologia das massas e análise do ego* (1921), onde refere-se brevemente ao assunto. Abraham, em carta posterior (1922), intui a importância de sua percepção e, mais uma vez, insiste em tal comparação entre o crescimento da libido após o luto e a mania. Destaca, ainda em sua carta de resposta a Freud, a possibilidade de traçar um paralelo entre o acréscimo libidinal encontrado em casos de luto e a festa maníaca, mas tampouco recebe incentivo de seu mestre sobre a observação feita. Dessa vez, em resposta, Freud reconhece ter entendido mal a carta de seu discípulo, no entanto não se dispõe a considerar a observação feita por Abraham, de modo que parece apresentar uma certa resistência em relação a questão.

Uma vez que não recebe o maior incentivo do mestre, não nos parece estranho de Abraham não ter levado a sua ideia a cabo de maior estudo. O autor não se debruça novamente ao assunto, com exceção de um exíguo espaço no seu célebre artigo de 1924, no qual estuda o desenvolvimento da libido. Seguindo a sua primeira observação, em que aponta para um aumento libidinal em casos de luto, Abraham (1924) levanta a sua hipótese de maneira breve. De acordo com suas observações, uma vez que o enlutado pode desprender a sua libido do objeto perdido por meio do trabalho do luto, nota-se um crescimento de seus desejos sexuais. Esse acontecimento poderia evidenciar-se, também, de modos sublimatórios por outras atividades do enlutado. Segundo ele, percebe-se em tais pessoas, uma extensão de seus interesses intelectuais e uma maior iniciativa diante da vida. Tal acréscimo libidinal após uma

perda, poderia se instaurar em espaços de tempo variados, conforme o processo da elaboração de luto demande de cada caso.

Para demonstrar a sua linha de raciocínio, Abraham (1924), destaca um exemplo apresentado pelo trabalho de Róheim num congresso psicanalítico que ocorrera dois anos antes. Tal trabalho, aborda o tema dos rituais primitivos de luto, sobre os quais demonstrava-se precisamente que a fase do luto no homem primitivo é acompanhada por uma “erupção da libido, que finaliza por outra matança simbólica e pela ingestão da pessoa morta, desta vez efetuada com um prazer evidente e sem disfarces...” (ABRAHAM, 1924, p. 132).

Nesse âmbito, a ideia do luto primitivo apresentada encontraria nítidas semelhanças com a fase maníaca que sobrevém após alguns quadros melancólicos, sobretudo no que diz respeito ao intuito de incorporar e expelir mais uma vez o objeto amado. Nessa perspectiva, o acréscimo libidinal e a extensão das atividades que ocorreriam após o final de um luto normal, poderiam ser assimiladas a uma “débil réplica de costumes fúnebres arcaicos” (ABRAHAM, 1924, p. 132). Alguns casos clínicos são citados neste trabalho, servindo como arcabouço para sua teoria, no entanto o autor não desenvolve maiores contribuições sobre essa hipótese de um paralelo entre os quadros de luto e mania.

Sob esse ponto de vista, podemos encontrar no texto de Maria Torok e Nicolas Abraham (1987), a importância da troca epistolar entre Freud e Karl Abraham. Segundo os autores (1987), haveriam algumas evidências clínicas para se levantar o assunto. Destacam determinados exemplos clínicos, nos quais algumas pessoas assumem ter vivenciado um aumento libidinal na ocasião da perda de um objeto, no entanto o fazem sob a expressão da vergonha e sob um baixo tom de voz. Nesse quesito, seriam inúmeras as confissões de pacientes que relatam a vivência de sensações físicas de volúpia acompanhadas de culpa. Vejamos um exemplo destacado por eles:

“— Minha mãe lá estava, morta. E eu, no momento em que a gente deveria sentir a maior dor, em que se deveria estar mais abatido do que nunca, presa pelo cansaço, em que os membros, braços e pernas deveriam cair, o corpo inteiro se prostrar sobre a terra — tenho dificuldade de dizê-lo — experimentei sensações, sim, sensações físicas... (ABRAHAM & TOROK, 1987, p. 218)

Sob esse mesmo ponto de vista, o texto apresenta, ainda, uma série de outros exemplos clínicos seguindo o mesmo gênero, todos eles pautados pela culpa. Sob o peso dessa, grande parte do estorvo relatado por tais pessoas decorreria não propriamente da perda objetual, mas da angústia desencadeada após sentirem-se tomadas por um desejo inesperado, um desejo

inconveniente justamente em um momento no qual o esperado seria apenas um grande desalento e desespero (ABRAHAM & TOROK, 1987).

Demonstramos, então, uma possível relação entre o luto e a mania no âmbito de um acréscimo libidinal que ocorreria sobre o âmbito de uma perda. No entanto, existe ainda um outro questionamento, sobre o qual gostaríamos de levantar, todavia, sem o propósito de respondê-lo imediatamente: o que é o luto? À primeira vista, talvez pareça ao leitor uma pergunta óbvia ou ainda ingênua. Destarte, gostaríamos de questionar, justamente, a obviedade circunscrita ao conceito de luto.

A respeito do luto, pode ser encontrado na literatura psicanalítica todo um estatuto de processo voltado para a ideia de contato com a realidade. No entanto, se retornarmos mais uma vez ao poético *Luto e melancolia* (1917), parece-nos que quando Freud o escreveu, não era o luto em si que ele pretendia alcançar metapsicologicamente, mas a melancolia. À luz dessa leitura, o conceito de luto aparece como o contraponto normativo para o de melancolia e, como efeito, essa última é ainda apresentada pelo viés de um negativo. Diante da proposta apresentada por Freud (1917), parece-nos existir toda uma tradição psicanalítica intocável no que concerne ao luto. Logo, há de se pensar, qual seria a complexidade envolvida no seu processo. A concepção freudiana sublinha o luto como a saída saudável ou, ainda, a referência de normalidade, sem necessariamente problematizá-lo em sua complexidade e historicidade.

Em *Sobre a transitoriedade* (1915), Freud, na companhia de dois amigos, sendo um poeta e outro taciturno, discutem sobre o valor atrelado às coisas diante do caráter transitório e passageiro que possuem. Ou seja, a pergunta seria: teriam menos valor as coisas por deixarem um dia de existir? Para Freud, a evidência pela qual um dia as coisas belas e sublimes seriam suprimidas pela própria transitoriedade da vida não seria motivo suficiente para interferir na alegria de seu usufruto. Os seus colegas, em desagrado com esse pensamento, não parecem concordar com esse ponto de vista. Logo, Freud faz uma descoberta: “O que lhes estragou a fruição da beleza deve ter sido uma revolta em suas mentes contra o luto” (FREUD, 1915, p. 318). Seguindo a sua linha de raciocínio, o luto seria um processo que encontraria um desfecho final, por mais doloroso que possa ser. Processo diante do qual o sujeito poderia renunciar ao objeto perdido e, como efeito, a sua libido se tornaria novamente disponível para “*substituir* os objetos perdidos por novos igualmente, ou ainda mais, preciosos” (FREUD, 1915, p. 319, grifo meu).

Ora, voltando-nos em retrospectiva a essas duas citações, em uma segunda vista, elas parecem-nos um pouco presunçosas. Na primeira delas, Freud não parece agradar-se com o fato de seus colegas não consentirem com seu ponto de vista, de maneira que estariam eles

revoltados com a ideia do luto. Quanto à segunda citação, questionamos: não seria exatamente esse o mecanismo que entra em jogo pela fome maníaca? Àquele, pelo qual pode-se substituir os objetos por outros ainda melhores? Uma outra contradição derivada desse ponto de vista é aquela a partir da qual nos perguntamos: seria mesmo um objeto substituível? Como podemos substituir um pai, uma mãe, um filho, um amigo ou uma pátria perdida? O que fazemos dos nossos mortos?

Em relação à concepção de luto, Freud (1915, 1917) e Melanie Klein (1940) parecem ter opiniões que não convergem, e as suas hipóteses acerca do tema evidenciam processos com algumas semelhanças e muitas diferenças.

Começamos por dizer que, para Klein (1940), estar de luto implica estar doente. Ora, aqui já temos um possível contraponto na medida em que Freud não considerava o luto como uma doença. Nessa linha de raciocínio, um ponto de nosso maior interesse que será evidenciado ao longo do seu trabalho *O luto e suas relações com estados maníaco-depressivos* (1940), é aquele pelo qual o luto normal envolveria um estado maníaco-depressivo. O seu processo suscitaria no sujeito normal ansiedades psicóticas e arcaicas equivalentes àquelas encontradas no desenvolvimento inicial de uma criança. Assim, a dor suscitada pela perda de um objeto de amor implica na dor que ameaça seu mundo interno.

Segundo Klein (1940), o luto arcaico seria revivido toda vez que o sujeito se deparasse com um grande pesar em sua vida ulterior. De maneira que perder um objeto de amor desencadearia a ansiedade de perder os objetos bons internalizados. Em continuidade, o desassossego de ter perdido um objeto de amor também tornaria clara a ideia de que, para aquele sujeito, existiria toda dependência nessa relação que até então não estava explícita. Como efeito, as ansiedades persecutórias entrariam mais uma vez em cena ao lado das defesas maníacas junto ao intuito de fazer reparações ao objeto. Como desfecho do processo de luto normal, estaria em vista a possibilidade de que o objeto perdido pudesse ser preservado dentro do seu mundo interno, ou seja, estaria à salvo.

Nesse âmbito, a autora (1940) sublinha que a evolução de um processo de luto normal implicaria na conquista da segurança de seu mundo interno, a qual teria sido abalada diante da perda. Em outras palavras, seria a crença de que os objetos internos bons podem ser retomados em seu mundo interno que possibilitaria um sentimento de confiança. Vejamos o que ela nos diz: “(...) na felicidade de reconquistá-los depois que eles foram considerados perdidos” (KLEIN, 1940, p. 403). Nesse ponto, mais uma vez a concepção de luto dos autores não parece estar em consonância, tendo em vista que o desfecho do final do trabalho do luto para Freud (1917) implicaria no reconhecimento de que o objeto não mais existe e na possibilidade de

encontrar um substituto, enquanto para Klein (1940), a saída efetiva do luto resultaria da segurança de reinstaurar o objeto em seu mundo interno para, então, poder deparar-se com a perda do objeto real.

Allouch (1995) em seu trabalho, *A erótica do luto*, interroga os escritos freudianos com o intuito de pensar criticamente a ideia do estatuto do luto enquanto um trabalho. O autor sublinha não apenas os diversos pontos que a versão freudiana teria deixado de lado — entre eles a questão histórica do luto, assim como caráter de normatividade que assumiu ao longo de quase um século, de modo que a teoria do luto apresentada por Freud (1917), mantém-se praticamente intocada — como também sublinha criticamente a hipótese freudiana de um objeto substituível.

Um dos pontos centrais por ele destacados parte de sua crítica feita à ideia de um objeto que seria substituível como desfecho do trabalho de luto, ou seja, a ideia de uma equivalência possível ao objeto perdido. Sob esse ponto de vista, ele questiona: o luto não estaria justamente lidando com a dor de um objeto por ser ele insubstituível? Destaca ainda, que se o luto trataria de encontrar um substituto como saída, não haveria nem desinvestimento e tampouco a concepção da perda.

Sublinha-se, ainda, ao longo de sua analítica sobre o modelo do luto instaurado por Freud (1917), que o acento do luto recai sobre a morte do outro, uma vez que perder um objeto de amor significaria de maneira mais ampla perder uma parte de si. Ao nosso ver, perder o objeto de amor não se trataria apenas de uma simples perda objetual, mas implicaria em uma perda mais subjetiva; seria, em alguma ordem, a perda do laço mantido entre aquele que sobrevive com a pessoa perdida. Ou seja, haveria um *entre* que não é localizável em uma realidade concreta. É, nesse ponto, que Allouch (1995), seguindo uma lógica lacaniana, baseada na teoria da banda de Möbius, destaca o semblante de mão dupla do luto na medida em que há uma perda de “ti/mim” (ALLOUCH, 1995, p. 141), ou seja, de modo que seria uma perda que diz respeito à pessoa que perde e ao objeto perdido. Em última instância, o que se perderia não seria necessariamente o objeto, mas aquilo do objeto que seria também do sujeito que perdeu.

Uma vez que o tema norteador do nosso trabalho não é o luto, mas os quadros de mania e melancolia em relação a um trauma primário, não nos debruçaremos longamente sobre as propostas de luto aqui levantadas com maior afinco, com um intuito maior de não nos desviarmos de nossa proposta original. Entretanto, na medida em que ambas as afecções caminham lado a lado com a ideia de uma perda, talvez em outro momento, retornar ao luto enquanto tema seja necessário.

### 3.8 RELAÇÕES ENTRE HUMOR E TRAUMA

Antes de fecharmos o nosso trabalho, gostaria de delinear uma outra temática, ao nosso ver, relevante para as reflexões levantadas anteriormente sobre os quadros de melancolia e mania. O conceito de humor, circunscrito a uma psicopatologia psiquiátrica e a sua vulgata de transtorno bipolar, recebe pouca ou quase nenhuma atenção da teoria psicanalítica e da metapsicologia freudiana. Entretanto, conforme temos como enfoque o estudo do quadro maníaco em contraste ao melancólico, e como efeito a oscilação de humor envolvida nesses, consideramos de certa importância para a psicanálise produzir algum conhecimento acerca da sua concepção. Logo, baseando-nos em uma leitura psicanalítica, o nosso intuito é tentar empreender uma concepção do humor em articulação com a ideia de trauma narcísico nos quadros de mania e melancolia. Dessa maneira, iremos contar com as poucas contribuições encontradas por alguns autores da psicanálise, a fim de enriquecer a nossa discussão

Melhor dizendo, se uma longa distância atravessa a medicina e a psicologia, pretendemos nos questionar, nesse ponto, qual seria a subjetividade implicada nesse corpo psíquico regido pelos humores? Ou seja, qual a dinâmica inconsciente envolvida nesse ziguezague humoral do sujeito? Sem limitar o quadro bipolar a dois polos neutros, como podemos apreender a concepção de humoral sob um viés psicanalítico?

Freud (1927) dedicou um artigo apenas ao tema do humor — não o humor mencionado aqui — concentrando-se no sentido humorístico da palavra. O que é trabalhado nesse texto, portanto, é o humor enquanto uma função psíquica de alta capacidade de elaboração poder-se-ia dizer. Sob a ótica desse texto, o humor representaria nada menos do que uma relação do superego com o ego, onde o primeiro assumiria uma atitude de benevolência com o segundo, tomando o lugar de um pai bondoso. Dito de outra maneira, durante alguma frustração ou adversidade apresentada pela vida, o superego assume uma postura complacente com o ego, ao invés de agir tiranicamente com esse na ímpia função de exercer estorvo interno. Nesse quesito, o superego adota uma postura terna e brincalhona com o primeiro, promovendo um ganho prazeroso.

Nesse âmbito, a noção de humor trabalhada por Freud (1927) se resumiria a uma atitude pela qual, diante de um grande tormento ou alguma impossibilidade, o sujeito encontraria alguma graça. Seria, digamos assim, assumir algum protagonismo pelo riso da própria dor, uma forma sutil de desafrontar o destino. Sob esse enfoque, poderíamos encontrar o baluarte dessa operação no conhecido adágio “rir da própria desgraça”. Ora, ao invés de resignar-se diante de circunstâncias reais e traumáticas, o humor rebela-se de forma sublime, representando “não

apenas o triunfo do Eu, mas também do princípio de prazer, que nele consegue afirmar-se contra adversidade das circunstâncias reais” (p. 325).

Não é, no entanto, essa acepção da palavra a qual tentamos apreender psicanaliticamente, mas àquela apresentada pela psicopatologia psiquiátrica ao definir os transtornos mentais com base nas alterações de humor. Se, por um lado, no artigo trabalhado por Freud (1927) o sujeito parece se apropriar do humor sem perder o protagonismo de sua vida, há por outro lado, uma concepção de humor que parece ir na contramão dessa significação. Ao delimitarmos os quadros de mania e melancolia, o sujeito parece-nos, ao contrário da hipótese freudiana, se encontrar dominado pelo humor, perdendo a continuidade da sensação de si.

Seguindo essa linha de raciocínio, o sentido da palavra humor do qual tentaremos nos aproximar aqui é aquele que representa uma espécie de pano de fundo, um estado de espírito norteador do modo como vamos vivenciar essa ou aquela experiência. A expressão “estar de bom ou mau humor”, reflete um pouco essa ideia. Como estar deprimido ou, principalmente, a imagem de se estar preso em um certo humor.

Muitos séculos separam a primeira teoria humoral cunhada por Hipócrates da psicopatologia psiquiátrica. Se, por um lado, a primeira dimensão de humor faz alusão a uma teoria milenar dos fluídos, por outro, essa já foi suplantada pela medicina pós-moderna. Conforme destaca Verztman (1995), essa primeira concepção humoral calcada na atmosfera cosmológica dos fluídos foi sendo sucessivamente suplantada por uma tradição da psicopatologia psiquiátrica que pensa o humor através de uma fisicalidade. Progressivamente, esse modo de pensar pautado na ideia de fisicalidade tornou-se uma das bases para a medicina pós-moderna criar suas ferramentas e responder aos conflitos psicológicos.

Seguindo essa linha de raciocínio, na tentativa de alçar os quadros maníacos e melancólicos, estamos longe de negar o que se passa fisicamente no corpo do sujeito, no curto-circuito psíquico da sua maquinaria orgânica. No entanto, gostaríamos de pensar o processo psíquico tocado de um outro lugar.

Pontalis (1991) faz uma breve alusão ao humor em um exíguo e belo ensaio no qual reflete sobre a força do sonhar exercida sobre cada um de nós. O sonhar no sentido levantado por ele, ultrapassaria a ideia de sonho freudiana (1991). O sonhar, devido ao encantamento, suscitaria uma atração pela sua possibilidade utópica. Na mesma cadência lírica do seu texto, o autor comenta, de maneira singela e desprovida de grandes ambições, surpreender-se com um pseudo lapso por ele cometido ao rabiscar num pedaço de papel — em francês — a palavra *humère*. Assim, teria feito uma condensação entre as palavras *humeur* (humor) e *mère* (mãe).

Diante do sentimento provocado por esse lapso — aquele mesmo do despertar de um sonho — surge no autor uma ideia, a qual ele diz-nos ser tão inacabada quanto decisiva.

As extenuantes alternâncias do humor, dos seus mais altos e mais baixos, teriam como pano de fundo a figura materna entremeada. Trata-se, para o autor, de um tempo no qual estão ali mãe e criança. A criança julga ter conquistado o amor, a devoção e todo olhar que necessita dessa mãe que, “subitamente, se ocupa com outra coisa, absorvida por não se sabe o quê” (PONTALIS, 1990, p. 14-15), a ponto de excluir o mundo em comum no qual perpetravam à salvo mãe e criança. Como efeito, Pontalis (1991) questiona: estaria a criança relegada ao ponto de “um real inanimado?” (p. 14-15).

Ora, o que podemos depreender dessa colocação que é ao mesmo tempo uma indagação por parte do autor? A questão do olhar, mais uma vez, surge como ponto central na possibilidade da construção subjetiva do indivíduo, assim como também na base de uma possibilidade traumática. Como relacionar isso com a questão humoral?

Esse olhar, outrora reflexo, e lugar à salvo no qual a criança se reconhece de repente se afasta, torna-se inesperadamente algo estranho. Aponta-se para uma ausência, diante da qual a criança não é capaz de encontrar algum alento e pela qual ela se encontra à deriva de suas próprias flutuações. Um dos pacientes mencionados por Pontalis (1991), nesse pequeno texto, era dado a certas inclinações melancólicas e a alterações abruptas de humor. Esse afirma só lhe ser possível escapar a essas cansativas e inesperadas modificações do humor se refugiando no que chamava de “porta do sono sem sonhos” e “morte em vida” (p. 14). Há de se mencionar, esse mesmo paciente perdera ambos os pais quando criança dentro de um intervalo de menos de uma semana. As mortes sobrevieram-lhe de maneira brutal e inesperada, fazendo com que esse tivesse que ir morar com o seu tio em outro país.

Destarte, questiona-se: quantas mudanças abruptas uma pessoa pode suportar? Toda a infância desse paciente seria desse modo atravessada por diversos acontecimentos repentinos e traumáticos. Seriam as suas alterações de humor uma atualização traumática? A sua forma de se deslocar no tempo?

Partindo agora de uma leitura de Verztman (no prelo), o humor poderia ser definido como uma disposição que atravessa o sujeito como um todo em sua modulação afetiva, um pano de fundo para as suas vivências. Trata-se de um estado durável, um solo pelo qual vamos experimentar o mundo como um todo e, ainda, a maneira como vamos receber uma experiência afetiva. Entretanto, o humor tem como característica o fato de ser um fluxo e, como tal, ele é passível de sofrer modulações, ou seja, ele é plástico e produz associações diante das experiências afetivas encontradas ao longo da vida. Nos transtornos considerados do humor,

dentre eles a bipolaridade, isto é, os quadros de mania e melancolia, marca-se uma descontinuidade radical entres os padrões anteriores da vida de uma pessoa como também uma ausência de plasticidade no humor. A ausência de plasticidade no humor faz com que, nesses quadros, o sujeito perca a sua conexão com o mundo comprometendo aspectos essenciais de sua existência. Um paciente em quadro melancólico por exemplo, pode receber uma notícia boa sem que essa possa refletir no seu estado de humor. Assim, como um paciente maníaco pode se deparar com alguma dificuldade sem apresentar o menor grau de descontentamento. Se esse mesmo paciente maníaco estiver em um estágio de irritabilidade, qualquer coisa menor que outrora lhe traria sossego é mais um motivo para aumentar a sua ira.

O que podemos depreender dessa ideia é que nos quadros de melancolia e de mania o humor aponta para uma questão do limite com o ambiente, um limiar espaço-temporal que se modifica. Como aponta Verztman (no prelo), um dos critérios observados nesses quadros é o prejuízo encontrado na relação que o sujeito mantém com o seu mundo como consequência da expressão de um humor de maneira predominante. Ou seja, em um quadro de melancolia, por exemplo, o humor alterado aponta para uma desconexão radical com o mundo. O tempo parece não passar, como se o paciente estivesse siderado em um tempo congelado, em um mundo nunca antes experimentado, onde as coisas se aplainam sem que possam lhe trazer surpresa ou estados de alegria. O melancólico está de um lado e o mundo está de outro. No humor exaltado encontrado no quadro maníaco, o limiar muda para uma outra radicalidade, àquela de uma hiper conexão com o mundo, na qual o sujeito encontra uma sensação de unidade entre ele e a atmosfera ao seu redor. No entanto, mesmo que o paciente afirme sentir-se bem, e saber exatamente o que o mundo espera dele, isso também engendra uma problemática nos limites que ele mesmo estabelece com o mundo. A impulsividade maníaca, a atitude de brincar que pode assumir o deboche com os outros ou, ainda, a sua impossibilidade de fixar-se em uma única impressão fazem com que o sujeito não encontre freio nem um limiar para a ação. Nesse estágio, tudo ao seu redor está disponível.

Seguindo essa linha de raciocínio do humor em relação ao ambiente, encontramos, a partir de um trabalho de Bollas (2015), algumas hipóteses subjetivas sobre o humor e suas vivências. O autor introduz a sua hipótese do humor por um “estado de ser”, e circunscreve dois tipos de humor, sendo um *maligno* e outro de tipo *produtivo*.

Sob o enfoque do seu texto intitulado *Os humores e o processo conservativo*, articula-se a concepção do humor por um viés psicanalítico. Um dos destaques centrais, seria a ideia suscitada pelo autor de um “estado de ser” — self — (p. 132). Conforme ele destaca, uma pessoa ao experimentar um determinado humor estaria colocando em cena formas repetidas de

um estado existencial já vivenciado anteriormente. Em outras palavras, o humor, enquanto esse estado, seria uma condição relacionada a algo que o sujeito traz em seu âmago e que representa, em certo sentido, não apenas um senso de identidade, mas também importantes elementos da experiência de sua vida que só podem ser expressos através do humor.

Segundo a hipótese apresentada por Bollas (2015), uma pessoa poderia estar localizada dentro de um humor, de maneira que esse denotaria um limite espacial e temporal no qual um sujeito pode estar siderado. Através desse “estado de ser” uma pessoa poderia expressar um certo tipo presença ou ausência. O seu efeito seria uma descontinuidade do seu estado habitual. Mas o que isso quer dizer? (BOLLAS, 2015).

Por vezes, em nossas vidas, estamos nós mesmos vivenciando um certo humor ou percebemos alguma pessoa próxima passando por uma fase em profunda dissintonia com a pessoa do modo como a conhecemos. Ou seja, o estado no qual ela se encontra parece-nos estar em descontinuidade, aparentemente regido por um outro fuso temporal; todo esse panorama traz-nos, sobretudo, a alusão de estar imerso em algo ou, ainda, para quem assiste enquanto um mero espectador, parece estar, o sujeito em dissintonia, absorvido pela sua própria realidade (BOLLAS, 2015).

Um outro ponto destacado pelo autor refere-se à importância de poder “experimentar humores”, enquanto se observa o humor como algo de uma ordem tão necessária quanto um sonho. Ou seja, vivenciar um estado de humor poderia, segundo Bollas (2015), tratar-se de uma atividade psíquica similar àquela encontrada em um sonho.

Nesse âmbito, vivenciar um certo estado de humor seria ainda um fator que possibilitaria a criação de um “estado de ser” (p. 132), através do qual a pessoa pode estar representando um importante elemento de sua vida infantil. Desse modo, um paciente deprimido pode estar expressando uma criança que se sentiu abandonada, bem como aquele paciente ansioso esteve aterrorizado em sua infância. Ou seja, trata-se de algo de si mesmo que estabelece um ambiente de outrora; a possibilidade de uma revivescência de algo que aconteceu e não necessariamente é lembrado enquanto tal. O sujeito, mesmo que não o diga nas melhores palavras ou construções, apresentará esse elemento enquanto um estado do seu ser (BOLLAS, 2015).

No dado contexto, o humor seria uma maneira de conservar alguma coisa que já foi, mas não o é mais, e de alguma forma se encontraria em negociação psíquica com um passado retido. Segundo o autor, seria uma experiência possivelmente calcada na infância em um momento anterior à alguma situação traumática com os pais. Essa situação, mesmo que não representada pela criança, seria retida por ela como uma definidora de si, como uma sensação

de identidade, como uma parte de seu *self*. Esse momento traumático teria, de certo modo, aprisionado a criança aos cuidados dos pais, assentando uma certa ruptura em seu desenvolvimento pessoal (BOLLAS, 2015).

Nesse sentido, o humor guardaria consigo uma dimensão existencial de um momento de ruptura, no qual esses pais se tornaram incapazes de dar conta das “necessidades maturacionais da criança” (BOLLAS, 2015, p. 147), de modo que algo se congela nesse psiquismo sendo expresso posteriormente enquanto humor. O humor expressaria nesse caso as mais autênticas e importantes memórias de um sujeito.

Seguindo essa linha raciocínio, o autor aponta para duas espécies de humor a serem vivenciadas pelo sujeito: um “humor *produtivo*” e um “humor *maligno*” (BOLLAS, 2015, p. 132-133). Esses, diferenciam-se através da qualidade dos limites preservados na relação com o ambiente e com as pessoas e, também, pela função exercida. Logo, um humor do tipo *produtivo*, seria aquele sobre o qual a pessoa que o experimenta é então capaz de, a partir dessa vivência, gerar reflexões. Revela-se um humor experienciado com a finalidade de gerar algum tipo de conhecimento.

Conforme delinea Bollas, (2015), o humor do tipo *produtivo* teria uma característica imersiva, na qual a pessoa adentra seu próprio universo desconhecido com a finalidade de gerar alguma elaboração. É como se uma parte do sujeito estivesse sonhando e a outra parte pudesse estar desperta para perceber o que se sonhou. Ou seja, existe a possibilidade de a pessoa transitar por ele. O humor do tipo *maligno*, por outro lado, seria uma tentativa empreendida pelo sujeito com o intuito de afetar o outro, de modificar ambiente ao seu redor. Em última instância, seria uma forma pela qual tenta-se causar uma transformação no ambiente. Na medida em que Bollas (2015) apresenta a hipótese de um humor que guarda alguma coisa, que poderia ser um importante elemento da vida infantil do sujeito, de que modo poderíamos articular essa hipótese com quadros de melancolia e mania?

Após esse breve esboço explicativo, voltemo-nos ao ponto nodal desse tópico: as transformações de humor vividas por pacientes que atravessam quadros de melancolia e mania. Diante desses quadros, conforme o paciente não consegue transitar pelo seu humor nem produzir elaborações sobre ele, podemos inferir que tanto melancolia como mania estariam relacionados a uma espécie de *humor maligno*. Ora, partindo de uma interpretação em que a mania é uma forma de *humor maligno* e da qual esse humor busca uma mobilização do ambiente, há de se perguntar: que mudança seria essa que o maníaco pretende provocar no mundo ao seu redor? Qual tipo de alteração um paciente maníaco gostaria de produzir no objeto?

Segundo Bollas (2015), o humor poderia conservar alguma coisa prévia a um momento traumático que teria, de certa maneira, aprisionado a criança ao cuidado dos pais, assentando uma certa ruptura em seu desenvolvimento pessoal. Nesse sentido, podemos retomar a ideia já suscitada no início do nosso trabalho a respeito de uma esperança utópica. Enquanto, por um lado, o paciente melancólico em suas desesperadas demandas de amor não tem forças para agir nem para sair de um mundo sombrio tomado pelo desamparo, a mania, por outro, apareceria como a tentativa de uma autocura. O sujeito tentaria, sob o seu brasão, tomar aquilo que é seu por direito, o seu paraíso perdido. Se olharmos o quadro como um duplo, a desesperança melancólica sofreria uma metamorfose para uma empreitada utópica de reestabelecer um tempo-mundo de outrora, onde o trauma narcísico não teria sobrevivido. Seria, ao nosso ver, uma tentativa de fazer justiça com as próprias mãos. Ébrio do luto causado pelo objeto perdido, o maníaco tentaria ainda rebelar-se contra o próprio destino que conheceu, como se pudesse recriar a sua história e a sua vida de uma outra perspectiva. Uma vez que alguém tentasse freá-lo em sua incrível jornada, entraria em cena a agressividade maníaca.

Um *humor maligno*, como o proposto por Bollas (2015), teria como característica o fato de se destinar a alguém, na tentativa de causar alguma rendição no ambiente. Seria, ainda, um meio encontrado pelo sujeito de tentar causar uma modificação no outro com intuito que a mudança gerada no outro possa servir como uma função para seu estado de ser (*self*). Nesse sentido, partindo da ideia de um objeto decepcionante na melancolia, na mania, contudo, essa mudança parece se localizar no âmbito de uma tentativa utópica de reverter esse dano outrora causado ao seu narcisismo, essa decepção intransponível vivida na relação com o objeto. Ao nosso ver, seria uma espécie de fuga ou de asilo subjetivo da evidência traumática que o sujeito carrega em seu âmago.

No entanto, há de se considerar essa tentativa utópica e desesperada da mania não levar em conta os objetos da realidade externa e, tampouco, a realidade do objeto decepcionante. Por mais dolorosa que fosse, a realidade traumática é definidora do sujeito. Como efeito, ao tentar recriar um espaço-temporal-objetal, o maníaco perde-se de uma parte de si. Desse modo, dependendo da gravidade do caso, em algum momento, essa fuga torna-se desesperada e o chão desse refúgio começa a oscilar.

Partindo da nossa leitura, reconhece-se ainda existir uma enorme distância entre a Psicopatologia Psiquiátrica e a Psicanálise. Entretanto, conforme podemos reter dos apontamentos empreendidos até agora, o quadro intitulado atualmente por bipolar implica diversas transformações subjetivas além daquelas circunscritas na ideia de dois polos e na simples espera do regulador de humor. Conforme podemos apreender da leitura desse tópico,

a travessia feita pelo humor nos quadros de melancolia e mania relaciona-se a um debate do sujeito com o espaço, um conflito que encontraria a sua relação na hipótese de um trauma para o seu narcisismo e, como consequência, os seus efeitos se apresentariam na matéria do ser e talvez, em alguma medida, além da palavra.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse trabalho, buscamos alçar o fenômeno da mania em contraponto ao melancólico, a partir de uma leitura psicanalítica. Alguns fatores foram de maior peso para a escolha do tema e a ânsia de debruçarmo-nos sobre ele. Dentre eles, fazer parte de uma pesquisa — NEPECC/UFRJ (Núcleo de Estudos em Psicanálise e Clínica da Contemporaneidade), a qual considero um solo de enorme fertilidade e inspiração para o pensamento. Ali, a imagem instrumental de qualquer teoria ganha vida e apresenta-se para além dos livros. A moeda que se troca pela fala não é a de um eco mecânico, mas àquela de um pensamento que estende à sua rede e captura. Captura pela sua própria vivacidade e profusão e, assim, inspira. Um outro motivo tenha sido, talvez, o lugar de espectadora da inquietação de meu orientador acerca do tema da mania, a sua digressão mental e, sobretudo, a sua capacidade de lançar perguntas que não encontravam respostas de imediato, mas desembocavam em novos questionamentos. Para além de uma simples compulsão metafísica de fazer perguntas sem fim, ali pude me deparar com a possibilidade de pesquisar sobre um tema pouco explorado e a sensação de que restava ainda uma lacuna em relação a este último.

Os paradoxos que repousam sobre essa dupla configuração melancolia-mania razoaram muito antes de nós, tais como suas dubiedades, o caráter enigmático do quadro e a literatura desenvolvida acerca do tema. No entanto, ao emprendermos uma busca bibliográfica sobre a mania, deparamo-nos com algumas dificuldades e, na maior parte das vezes, encontramos uma escassez literária, ou pouco a ser dito, como se a mania pudesse encontrar a sua explicação unicamente pelo viés melancólico. Se, por um lado, existe uma constância da literatura psicanalítica a respeito da melancolia e de suas respectivas manifestações caracterológicas, por outro, quanto ao seu suposto quadro inverso — a mania — o mesmo não poderia ser dito.

O destino maníaco, singular a apenas alguns casos de melancolia, teria em seu cerne o mesmo conteúdo que esta última, disse-nos Freud em 1917, e ambas lutariam contra o mesmo tipo de complexo. No entanto, um dos pontos que chama atenção naquele texto é justamente o fato de Freud não se propor a um esgotamento tanto do quadro maníaco em si quanto da sua

relação com a melancolia; a mania, segundo ele, seria “a peculiaridade mais notável da melancolia, a que mais requer esclarecimento” (p. 72-73).

Diversas mudanças históricas atravessaram o último século e, no que diz respeito ao nosso objeto de estudo, podemos ressaltar o impacto neurobiológico da psiquiatria diante do qual a transformação maníaca não precisaria mais ser questionada. O advento dos psicofármacos, como disse-nos Assoun (2010), seria uma das possíveis razões para que não houvesse uma maior complexificação acerca da mania, a qual não teria sido devidamente interrogada. Assim, vimos na deixa do autor uma observação de que ainda restaria muito a ser dito sobre o tema. Desse modo, existiriam razões clínicas e teóricas que mereceriam a nossa atenção diante do tópico maníaco.

Nessa linha de raciocínio, a mania, em contraste com a melancolia, permaneceria ainda em busca de maior abrangência teórica e status analítico. Isso pode ser evidenciado ao longo da nossa dissertação em diversos aspectos.

Dito isso, nos propusemos a explorar, ao longo dessa dissertação, um contínuo contraponto entre os quadros de mania e melancolia, com o objetivo de explorar as particularidades do quadro maníaco, mesmo que vinculado ao melancólico. Com isso, procuramos ressaltar as possíveis diferenças e aproximações entre estes.

No entanto, antes de apresentarmos as observações desenvolvidas ao longo dessa discussão, vale realizar uma breve recapitulação do percurso empreendido até aqui. Em um primeiro momento, tentamos aproximar o leitor do mundo maníaco privilegiando o caráter sintomático do seu quadro. Começamos propositalmente pela exaltação e pela euforia, aspectos maníacos mais caricaturais. Nesse ponto, pôde-se observar a sensação maníaca a partir de um viés heroico e vitorioso.

Isto posto, partimos para o estudo dos aspectos do pensamento maníaco, tal como a fuga de ideias, característica que pode ser observada na fala do sujeito em questão. Esta manifestação do quadro estaria em sintonia com o ritmo maníaco: veloz e desenfreado. Diferentemente do aspecto inicial ressaltado no quadro, nas quais se destaca o júbilo e o contentamento encontram-se ainda as formas graves da afecção, onde a libertação antes experimentada pelo sujeito leva-o a sua própria ruína. A velocidade, o fluxo de novas ideias, a fome típica de novos objetos e impressões, bem como a obliteração do tempo poderiam denotar um aspecto mais grave, o qual poderia ainda culminar na irritabilidade. Assim, o estado de ânimo que era antes fonte de regozijo e prazer, torna-se a própria vulnerabilidade do sujeito. Este último, capturado pela exaltação do humor perde a conexão com o mundo externo. É esta uma das ameaças a que tal quadro está exposta: precipitação culminando na própria derrocada do sujeito.

Nesse sentido, podemos depreender um aspecto importante para essa dissertação: assim como a tristeza não está necessariamente relacionada à melancolia, a alegria também não está ao quadro maníaco. Com isso, objetivou-se ir além de uma suposta correspondência.

Em um segundo momento, retornamos a Freud com o intuito de estabelecer uma base teórica para que pudéssemos tanto nos apoiar quanto para servir como um ponto de partida para alguns de nossos questionamentos. Seguindo o percurso traçado pelo autor acerca da mania e da melancolia, passando desde o Rascunho G (1895), o seu célebre texto “*Luto e melancolia*”(1917), até a sua ideia apresentada de um superego tirânico em 1923, tentamos, sobretudo, levantar a questão da sombra do objeto, e se esta poderia ser unicamente responsável pelo sofrimento experimentado em tal configuração subjetiva.

No que diz respeito ao Rascunho G (1895), evidencia-se o primeiro desenho freudiano sobre os quadros descritos, através da hipótese de uma ferida que se estabelece na “esfera psíquica”. Denominada por Freud enquanto “hemorragia interna” (p. 154), essa funcionaria na melancolia como um vórtice atraindo para si toda quantidade de libido disponível, de maneira análoga à experiência de dor causando o contínuo retraimento interno no quadro em questão. Na mania o movimento se daria de maneira inversa, como se a energia demandada por essa ferida tivesse se tornado subitamente livre. Com base nesse ponto, pudemos depreender uma explicação do autor que parece dar conta da questão econômica do quadro, no entanto, conforme pudemos evidenciar não se encontra uma resposta sobre quais seriam os motivos responsáveis para explicar a mudança de um quadro a outro.

Destacamos em seguida, com base no texto de 1917, a hipótese freudiana mais conhecida acerca da melancolia em paralelo ao luto. Destaca-se, nesse ponto, uma falta na própria possibilidade existencial do sujeito decorrente da identificação narcísica feita com objeto perdido. Na melancolia, por algum motivo, o sujeito não pode realizar o luto pela perda, e diante dessa impossibilidade substitui-se uma luta entre a realidade externa e a perda do objeto amado, para um embate interno entre a parte do ego modificada pela identificação e a outra que funciona enquanto instância crítica. Eis o motivo de uma falta existencial. Sob a perspectiva freudiana, a problemática da autoestima melancólica seria decorrente dessa batalha que se estabelece dentro do próprio ego. Nesse sentido, destacamos nessa parte do trabalho, sobretudo, a ideia de queixa melancólica, e o seu sentido de denúncia. Ora, a quem seria destinada tal denúncia? Nessa perspectiva, ressaltamos, tal queixa prestada pelo sujeito, teria como mote a decepção causada pelo objeto, designando-se a este último.

Enfatizamos, contudo, o relevo do conflito melancólico pela esfera das relações com o objeto, seja na escolha objetual, na identificação feita com este e, ainda, no envilecimento que se coloca sobre o ego, sendo este último um debate interno contra o objeto.

Com o intuito de ilustrar e questionar a tensão existente entre o conflito melancólico-maníaco e a relação com os seus objetos de amor, contamos com uma leitura feita por Ogden (2014) pela qual enfatizou-se a ideia de um mundo interno na melancolia, e de uma outra estrutura de inconsciente demarcada por relações de objetos internos e inconscientes. Sob esse enfoque, a metáfora da sombra do objeto, ganhou uma outra dimensão. Como pudemos ver, no pacto empreendido pelo melancólico, o sujeito para escapar da dor suscitada pela perda do objeto, troca a realidade externa pela realidade interna calcada na possibilidade de guardar consigo a ideia de um substituto do objeto. Tal ideia, tem como desígnio eternizar o objeto como se a sua perda não tivesse sobrevivido. No entanto, ao se distanciar da realidade externa e dos objetos que nela se encontram, o sujeito pagaria o alto preço da desvitalização. A partir disso, levantamos como questão: qual importância do objeto a ponto de que o sujeito empreenda um processo tão árduo para si mesmo a fim de escapar da dor de sua perda?

Ademais, pode-se destacar com base no nosso segundo capítulo, o quadro maníaco, também encontraria a sua marca em uma dimensão objetual. No quadro em questão, a importância dada outrora ao objeto suprime-se, e o sujeito triunfa sob a vitória de tal feito. Logo, a metamorfose envolvida na mania complexifica a dinâmica objetual nas configurações em questão. A passagem de um quadro a outro, se estabelece entre um estado melancólico de ruína do ego que sucumbiu à sombra do objeto, a um outro de libertação na qual essa parece ter se dissipado. Não fica evidente, no entanto, qual o destino de tal sombra, nem o que possibilita ao ego triunfar, uma vez que para Freud (1921), o ego na mania vive um casamento com o seu ideal, e a distância que antes separava essas instâncias evanesceu e, por isso, o ego vive o seu próprio triunfo.

Todavia, o que pudemos circunscrever em nosso retorno a Freud é o panorama de um ego amalgamado. Assim, de um lado, na melancolia essa adesão encontra-se na relação que ego mantém com o seu objeto, bem com também pode ser evidenciada no limite ao qual ego não parece conseguir estabelecer a fim de barrar a crueldade do superego. Ou seja, esse último é mortífero na melancolia, pois não parece encontrar barreiras na consistência narcísica, e justamente por essa ausência de um limiar torna-se uma instância perseguidora do ego. Em relação a mania, como já vimos, esse mesmo ego estaria em confluência com o ideal de ego e não haveria uma demarcação de diferença entre essas instâncias, ou melhor dizendo, não haveria um contorno limítrofe. Nesse sentido, ressaltamos nessas configurações, a ideia de um

ego que não encontra os seus limiões narcísicos, seja quando está aderido ao objeto perdido num acordo lúgubre, quando se encontra sob o jugo do superego ou, ainda, quando está simbioticamente casado com o seu ideal em um pacto virtuoso.

Nesse âmbito, evidenciamos em nosso trabalho a hipótese das configurações em questão serem pautadas em uma inconsistência narcísica. Destaca-se, a problemática narcísica pela perspectiva de elementos traumáticos para vida do sujeito. Para fazermos jus a essa ideia, foi necessário em nosso último capítulo contar com a leitura de outros autores a fim de articular a ideia de um trauma narcísico com os quadros de melancolia e mania.

Desse modo, a parte final desse trabalho dedicou-se àquilo que poderia ultrapassar um caráter representacional, assumindo, sobretudo, o enfoque de um traumatismo narcísico, e ainda a maneira pela qual esse assumiria uma dimensão existencial respectiva aos sujeitos melancólicos-maníacos. É válido ressaltar, não empreendemos como tentativa encontrar uma etiologia pautada em um evento determinante, mas pensar na vivência de uma catástrofe de um abandono sem representação, pela qual a vivência de um trauma primário se atualizaria nesses quadros de maneira presente, repercutindo como um eco os efeitos de outrora.

Nesse sentido, com base nos autores suscitados no nosso capítulo final, a travessia abrupta do humor evidenciada nesses dois polos contrastantes poderia estar calcada na descontinuidade do trauma, tanto o enlevo maníaco quanto o declínio melancólico. Ou seja, o caráter descontínuo e abrupto que se manifesta pela passagem de um quadro de melancolia para outro de mania, estaria relacionado a essa falta primordial intransponível para o sujeito.

Se, por um lado, o melancólico vive imerso ao peso da submissão escravizante causada pelo objeto que o absorve e estropeia o seu ego, por outro, na vivência maníaca, conforme pudemos observar, o sujeito poderia estar na busca de equivococar essa triste realidade. Sob um grito de negação da identidade de outrora — e assim da relação com o objeto — ele acredita poder renascer de novo, como um outro. Destarte, questiona-se: que outro seria esse? Um outro que poderia jogar fora o seu objeto antes incorporado? A partir da elucidação de Abraham (1911), sobre o caráter infantil dos quadros de mania, depreendemos a leitura de que esta estaria essencialmente relacionada a uma esperança utópica. A mesma esperança não existiria no quadro melancólico nem mesmo na menor das ilusões.

Desse modo, na parte final da nossa dissertação, essas alternâncias entre um quadro e outro foram também pensadas pelo viés subjetivo do objeto. Na melancolia depreende-se a ideia de um objeto decepcionante e, como efeito o sujeito apresenta em relação à vida, uma postura pela qual poderia esperar do mundo apenas a mesma decepção encontrada com esse objeto de amor, sem a possibilidade de criar alguma expectativa. A partir do contraste maníaco,

supôs-se a característica de uma esperança utópica. Por esse viés, é como se através desse aspecto infantil o sujeito negasse o caráter decepcionante do objeto e recusasse o dano intransponível para o seu narcisismo. Ora, se encontramos, por um lado, na melancolia um perdão impossível de ser feito e a relação de dependência com objeto, na mania, por outro, o sujeito em suas jornadas mirabolantes parece-nos, ainda, ter como ânsia provocar uma mudança no seu ambiente, tomar o que é seu por direito, retomar o seu paraíso perdido, como se ele pudesse negar o dano ao qual se deparou pela decepção. O maníaco está na inventiva, e conforme sente-se assim dotado de toda criatividade, ele acredita utopicamente ser capaz de construir uma nova realidade, pela qual a ode e a dor do objeto não encontrariam seu lugar. Assim, dependendo da gravidade do quadro, tal aspecto se manifestaria de maneira distinta, conforme o sujeito encontrasse maior ou menor resistência do ambiente em sua voracidade frente ao mundo e às novas possibilidades, as quais o maníaco quer absorver todas em seu projeto.

Por fim, cotejamos alguns aspectos do luto em relação à mania, sobretudo, no que se refere às possíveis aproximações e às diferenças envolvidas nesses dois estados. Nesse ponto, levantamos a hipótese brevemente apresentada por Abraham (1924), pela qual pode-se observar evidências clínicas de um aumento libidinal em casos de luto, análogo àquele encontrado na mania. Assim, tal evidência serviu como base para refletirmos sobre a transformação que ocorre na passagem da melancolia para a mania. Além disso, buscamos questionar o conceito de luto tal qual apresentado por Freud (1917, 1915), e a sua hipótese de que este, enquanto processo, teria como um desfecho preciso a renúncia ao objeto perdido e substituição por novos objetos. Nesse âmbito, indagamos: não seria exatamente esse o mecanismo evidenciado na mania pela fome de novos? A possibilidade de libertar-se da sombra que outrora absorvia o ego e sair em busca de novos objetos? De objetos melhores? E ainda, levantou-se como questão: seria mesmo um objeto substituível? Essas são apenas algumas questões que gostaríamos de lançar e cujos possíveis desdobramentos apresentam-se enquanto um esboço possível para se pensar a mania em analogia à ideia de luto.

Sob o viés de duas características centrais nessas configurações, a perda e a decepção, suscitou-se por um viés narcísico o questionamento sobre a própria possibilidade de lidar com essas em questão, e poder superar a tristeza sem que se tornem traumáticas e definidoras do sujeito. Essa ideia, contudo, encontraria ainda, outros desdobramentos e questões a serem melhor respondidas nos quais não nos cabe debruçar-nos aqui agora.

Deste modo, ao longo da nossa dissertação, permanecem ainda diversas dúvidas e questões a serem melhor trabalhadas. Na medida em que o nosso trabalho possui um caráter eminentemente exploratório, tentamos perpassar pelas questões que acreditamos ser importantes para uma leitura profícua, de modo que chegamos agora, ao fim do nosso trabalho com a esperança de ter suscitado questionamentos relevantes acerca da mania e do seu contraponto com a melancolia.

## BIBLIOGRAFIA

- ABRAHAM, Karl., **Notas Sôbre as Investigações e o Tratamento Psicoanalítico da Psicose Maníaco-Depressiva e Estados Afins (1911)**. In: Teoria psicanalítica da libido, Sôbre o Caráter e o Desenvolvimento da Libido, ed. Imago. Rio de Janeiro, RJ, 1970.
- \_\_\_\_\_. **Breve Estudo do Desenvolvimento da Libido, Visto à luz das Perturbações Mentais (1924)**. In: Teoria psicanalítica da libido, Sôbre o Caráter e o Desenvolvimento da Libido, ed. Imago, Rio de Janeiro, RJ, 1970.
- ABRAHAM, N., TOROK, M. (1987), **A casca e o núcleo**. São Paulo: Escuta, 1995.
- ALLOUCH, J., **A erótica do Luto no Tempo da Morte Seca**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.
- ASSOUN, P.L., **L'énigme de la manie: la passion du facteur Cheval**. Paris: Arkhe, 2010.
- BECKETT, Samuel, **Molloy**. 2ª edição; tradução Ana Helena Souza; São Paulo: Editora Globo, 2014.
- BINSWANGER, L., **Mélancolie et Manie**. Paris. PUF, 1987.
- BIRRI, F; citado por Eduardo Galeano. In: 'Las palabras Andantes', Siglo XXI, 1994. Trecho entrevista, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9iqi1oaKvzs&feature=youtu.be>>, acesso em jan/2019.
- BOLLAS, C., **A sombra do objeto: psicanálise do conhecido não pensado**. São Paulo: Escuta 2015.
- BRANDÃO, J. D. S., **Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- \_\_\_\_\_. **Primeiro amor**. Título original: Premier amour; São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- CERVANTES, M.D. **Dom quixote**. Rio de Janeiro, RJ: Moderna, 2012.
- FERENCZI, S. (1909). **Transferência e introjeção**. In: *Obras Completas – Psicanálise I*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- \_\_\_\_\_. (1912). **O conceito de introjeção** In: *Obras Completas – Psicanálise I*. São Paulo: Martins Fonte, 2011.
- FUCHS, Thomas, **Psychopathology of depression and mania: symptoms, phenomena and syndromes**, Journal of Psychopathology 2014; 20: 404-413.
- FREUD, S. (1927), **O humor**. In Obras completas, volume 17, 1ª edição, São Paulo: Companhia das letras.
- FREUD, S. (1914). **Sobre o narcisismo uma introdução**. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud—Vol. 14*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1914). **Sobre o narcisismo uma introdução**. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud—Vol. 14*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1915). **Sobre a transitoriedade**. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*—Vol. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1894). **Rascunho E**. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*—Vol. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1895). **Rascunho G**. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*—Vol. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1921). **Psicologia de grupo e análise do ego**. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*—Vol. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1923). **O ego e o Id**. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*—Vol. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1926). **Breves escritos**. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*—Vol. 20. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1933[1932]). **Novas conferências introdutórias sobre psicanálise**. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*—Vol. 22. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FROM-REICHMANN, F., **Psicoterapia intensiva en la esquizofrenia y em los transtornos maníaco-depressivos**. Buenos Aires: Hormé/Paidós, 3ª ed., 1978.

GURFINKEL, Decio. **Relações de objeto**. São Paulo: Blucher, 2017.

HASSOUN, J., **A crueldade melancólica**. Tradução de Renato Aguiar, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

JASPERS, K., **Psychopathologie générale** (1913), trad. A. Kastler et J.Mensdousse, Alcan Paris, 3e édition, 1928.

\_\_\_\_\_. **Uma mente inquieta**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

KAZANTZAKIS, Nikos, **Zorba, o Grego**; Abril S.A. Cultural e Industrial São Paulo, 1ª edição 1974.

KLEIN, M., **Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos** (1935) In: Amor culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945), Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996.

\_\_\_\_\_. **O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos** (1940) In: Amor culpa e reparação e outro trabalhos (1921-1945), Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996.

KEHL, M. R. **Melancolia e criação**, In. Luto e Melancolia S. Freud, Tradução, introdução e notas: Marilene Carone São Paulo: Cosac Naify, 2011 p. 9-31.

LACAN, Jacques (1973). **Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

LAMBOTTE, M. C. **La mélancolie, Études cliniques**. Ed. Economica. Paris 2007

\_\_\_\_\_. **O discurso melancólico: da fenomenologia à metapsicologia**. *Companhia de Freud: 1ª edição*. Rio de Janeiro 1997

LIPPI, Sivia, **La vitesse, Figures de la psychanalyse**. 2013/2 n°26/ p. 185-197.

\_\_\_\_\_. 1917. **Luto e Melancolia**., Tradução, introdução e notas: Marilene Carone, São Paulo: Cosac Naify, 2011.

MELVILLE, Herman., **Bartleby o escrevente**. São Paulo: Grua, 1ª ed, 2014.

OGDEN, Thomas, H., **Leituras criativas: ensaios sobre obras analíticas seminais**; Tradução de Tania Mara Zalberg; São Paulo: Escuta, 2014.

PEIXOTO, José Luís, **A criança em ruínas**. Porto Alegre: Dublinense, 2017.

PINHEIRO, Teresa, **FERENCZI: do grito à palavra**; Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor: Editora: UFRJ, 1995.

\_\_\_\_\_. **Algumas considerações sobre o narcisismo, as instâncias ideais e a melancolia**. *Cadernos de Psicanálise*, n. 5, v.12, 1995.

\_\_\_\_\_. **O modelo melancólico e os sofrimentos da contemporaneidade**. In: *Sufrimentos Narcísicos*. Orgs. Verztman, Julio... [et al]. Rio de Janeiro: Cia de Freud; UFRJ; Brasília, DF: CAPES PRODOC, 2012, p. 17-38.

PONTALIS, J.B. **A força de atração**; Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1991.

QUINTELLA, R. (2012). **Considerações psicanalíticas sobre o existir no mal-estar contemporâneo**. *Cadernos de Psicanálise - CRPJ*, 34(27), 83-103.

RILKE, Rainer Maria. **Cartas a um jovem poeta**. tradução de Paulo Rónai e Cecília Meireles, 4ª ed, São Paulo: Globo, 2013.

SILVA, F., L. **Bergson: intuição e discurso filosófico**. São Paulo: Loyola, 1994.

VALÉRY, P., **A alma e a dança e outros diálogos**, tradução Marcelo Coelho — Rio de Janeiro: Imago Ed., 2005.

VERTZMAN, Sergio Julio, **Tristeza e depressão: pensando nos problemas da vida**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

\_\_\_\_\_. **Afetividade: as relações afetivas e seus complicadores**. No prelo.

VERTZMAN, S. J, JUNIOR, N. E. C, **Mania um bairro pouco visitado**. *Revista ágora* v.XXII n.1 jan/abr; 87-98, 2019.

WINNICOTT, D. W., **Psicose e cuidados maternos, textos selecionados da pediatria à psicanálise**, In: *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*. Tradução de Jane Russo; Rio de Janeiro: ed. F. Alves, 1978.